

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

UM LUGAR CHAMADO LAR: A TRILHA
DE UM GRUPO DE 1974 A 1996

WALÉRIA FORTES DE OLIVEIRA

Dissertação de mestrado sob a orientação da
Prof^a Silvia Maria de Aguiar Isaia

Porto Alegre, dezembro de 1996.

7
376.64
0188
1996

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

O481 Oliveira, Waleria Fortes de
Um lugar chamado lar: a trilha de um grupo
de 1974 a 1996 / Waleria Fortes de Oliveira. -
Porto Alegre: UFRGS/ FAGED, 1996.

p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Progra-
ma de Pós-Graduação em Educação.

1. Educação de desprivilegiados sociais. 2. Assis-
tência social. 3. Instituições de ensino - Reestrutur-
ção. 4. Exclusão social. I. Título.

CDU: 376.64

Catálogo na Publicação
UFRGS/Biblioteca Setorial de Educação

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Trilhei este caminho permanentemente acompanhada de muitas pessoas, que me são muito importantes e queridas. À elas desejo agradecer neste momento.

Aos meus pais Mário e Leonina que, ao amarem e educarem não apenas eu mas muitas outras crianças, ensinaram-me a amar aqueles que passam em minha vida.

À minha irmã Valeska e ao Renan, velhos amigos e queridos companheiros, que estiveram por perto em todos os instantes.

À minha sobrinha Julia, que com sua vida transformou e alegrou a minha existência.

À minha vó Izaura, companheira de Santa Maria, e minha irmã Vânia, companheira de Ijuí, que com suas presenças preencheram a minha vida.

Ao Melo, amigo querido, que me acompanhou em Porto Alegre e com quem aprendi, muito distante da universidade, as lições mais importantes desta vida.

À minha orientadora, Silvia, que deixou-me criar e trilhar através dos meus próprios passos, permitindo, assim, que eu viesse a construir-me enquanto investigadora.

Às professoras Dinorá e Maria Helena, da UFRGS, que, ao sugerirem meu nome para a vaga no Mestrado, possibilitaram que eu pudesse constituir-me enquanto educadora.

Aos professores, colegas e funcionários da UFRGS, com os quais convivi e cresci durante o ano em que circulei no 7º andar da Faculdade de Educação da UFRGS.

Ao CNPQ que, ao conceder-me uma bolsa de estudos, deu-me a oportunidade de ficar, durante dois anos, apenas estudando e aperfeiçoando-me.

À Noeli, da UNIJUI, que, ao chegar em Ijuí, acolheu-me amavelmente, tornando-se ao mesmo tempo minha fiadora, colega e amiga.

À Lala, Armgard e Eliana, colegas do Departamento de Pedagogia da UNIJUI, que se tornaram minhas companheiras de trilha em Ijuí.

À professora Antônia, Chefe do Departamento de Pedagogia da UNIJUI, que, ao dispensar-me das reuniões do Departamento, possibilitou que eu concluísse esta investigação.

Ao Adão, diretor geral do Lar Metodista, que, com escassos recursos e apoio, vêm assumindo este compromisso de garantir vida digna à tantos guris.

Ao Oto, amigo e companheiro, que, vêm acreditando nos guris e mostrando que é possível respeitá-los e também amá-los infinitamente.

Aos funcionários do Lar Metodista que, gentilmente, contaram-me suas trajetórias e, assim, permitiram que eu entendesse a trajetória maior do Lar.

Aos guris do Lar que, ao falarem de suas histórias, contribuíram para que eu entrasse no Lar e compreendesse esta história coletiva.

A todos os que estão vivendo neste lugar chamado Lar e que têm assumido seus compromissos com a história, com estas múltiplas histórias e vidas que freqüentemente são esquecidas.

Celebração da Subjetividade

Eu já estava há um bom tempo escrevendo Memória do Fogo, e quanto mais escrevia mais fundo ia nas histórias que contava. Começava a ser cada vez mais difícil distinguir o passado do presente: o que tinha sido estava sendo, e estava sendo à minha volta, e escrever era minha maneira de bater e abraçar. Supõe-se, porém que os livros de história não são subjetivos.

Comentei isso tudo com José Coronel Urtecho: neste livro que estou escrevendo, pelo avesso e pelo direito, na luz ou na contra luz, olhando do jeito que for, surgem à primeira vista minhas raivas e meus amores.

E nas margens do rio San Juan, o velho poeta me disse que não se deve dar a menor importância aos fanáticos da objetividade:

- Não se preocupe - me disse - É assim que deve ser. *Os que fazem da objetividade uma religião, mentem. Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser objetos, para salvar-se da dor humana.*

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços

SUMÁRIO

Resumo	vii
Abstract	ix
I. Que História é Esta?	11
II. Quando Entrei no Lar?	15
III. Que Lar é Este?	24
IV. Por que Escolhi Este Lar?	32
V. Como Olhei para Este Lar?	45
VI. Qual Caminho Percorri para Construir Este Lar?	54
VII. Quem São os Que Falam Deste Lar?	61
VIII. Entrando no Lar	80
IX. Este é o Internato	122
X. Esta é a Casa-Lar	141
XI. Este é o Lar	160

XII. Por que Mesmo Este Lar?	191
XIII. Quais os princípios da educação inovadora construída no Lar?	205
Bibliografia	216

RESUMO

Esta pesquisa aborda a história de uma instituição, de um lugar chamado Lar, Lar Metodista, que vem abrigando, desde 1939, gurus pobres, humildes, filhos de excluídos.

É a trilha de uma instituição, de 1974 a 1996, vista a partir das relações de tempo, de espaço e de interações pessoais, as quais são básicas ao processo educativo.

Estaria ela entre as “instituições totais” (Goffman, 1961) que aprisionam inúmeras existências humanas? Teria se conservado como instituição fechada aos intercâmbios com o mundo?

Concedendo “o direito à palavra” (Marre, 1991, p. 115) aos que tinham vivido no Lar, reconstruiu-se a história deste lugar, enquanto “instituição total” e “disciplinar” (Foucault, 1986).

Seguiu-se as trilhas dos que ali haviam vivido, sofrido, lutado e sonhado. Ao perseguí-las, encontrou-se ao mesmo tempo a trajetória deste lugar, o Lar.

Todavia, não foi achado um único Lar, mas distintos Lares, diferentes lugares, reconstruídos, ao longo dos anos. Havia um Internato, uma Casa-Lar e um Lar, assim denominado pelos gurus este lugar reconstruído no decorrer dos anos oitenta.

Na década de setenta, era tipicamente uma “instituição total”, com o espaço fechado sobre si mesmo, o tempo controlado de maneira estrita e as relações pessoais essencialmente autoritárias.

A partir da metade da década de oitenta, esta instituição começava a se abrir ao exterior, ou seja, o espaço fechado veio a se transformar de tal maneira que, no final desta década, era um espaço de intercâmbio com a comunidade.

Aliado a este elemento de uma nova pedagogia que estava sendo implantada, havia um outro o qual era o tempo. Ele passou, então, a ser planejado e utilizado parcialmente pelos educandos.

Essa pedagogia, construída ao longo da década de oitenta, também era alicerçada nas relações pessoais que deixaram de ser autoritárias e se tornaram dialogais.

Dando à palavra aos educandos, esta instituição renovou-se e transformou-se enquanto “instituição total” e “disciplinar”. O diálogo foi o elemento central dessa pedagogia.

Todavia, esta renovação não aconteceu apenas por intermédio do diálogo. O jogo e o lúdico desempenharam um papel fundamental na reestruturação da vida coletiva, na mudança desta “instituição disciplinar”.

Através de uma educação lúdica, as regras, anteriormente impostas, passaram a ser construídas com a participação dos educandos. Pelas regras, agora vividas com prazer, houve uma liberação da palavra.

Com a palavra, os guris desta instituição deixaram de ser objetos da educação e tornaram-se sujeitos. Eis a mudança que ocorreu ao longo da última década.

Esta instituição, assim, vem mostrar que é viável a construção de um espaço coletivo onde o particular venha a se manifestar, um espaço de subjetividade.

Os que vêm habitando este Lar, o Lar Metodista, afirmam não apenas com palavras, mas com suas ações, que é possível criar um lugar onde os guris pobres não sejam apenas abrigados, mas essencialmente respeitados e valorizados.

ABSTRACT

This research tells the history of one institution, of a place called Home, Methodist Home, that has been sheltering, since 1939, poor boys, humble, excluded'sons (Assman, 1994a).

It's the path of one institution, from 1974 to 1996, starting from time, space and personal relationships, that are basic to the education process.

Would be it among the "total institution" (Goffman, 1961) that capture countless human existence? Would this institution be preserved itself kept as isolated to the world's exchange?

This place history was constructed, as "total" (Goffman, 1961) and "disciplinarian institution" (Foucault, 1986) with the "right to speak" (Marre, 1991) of those people who had lived in the Methodist Home.

It followed the paths of those who had lived, suffered, fought and dreamed there. In this process we've found, at the same time, the path of that place, the Home.

However, we found different places reconstructed through years, there was a boarding house, a "casa-lar"¹ and a home, that has been called by the boys in the 80's.

In the 70's it was typically a "total institution", working in an isolated space, controlled time and personal relationships essentially authoritarian.

¹ Casa-Lar - It's a house where a small group of boys, about 12, live with a couple who take care of them.

Since the middle of 80's, the institution began to open itself to the outside, in other words, the isolated space was changed into a new space of exchange with the community.

Besides this element of a new pedagogy that was being introduced, there was another one that was time. So, it passed to be planned and used partially by the students.

This pedagogy, constructed during the 80's, also was built in the personal relationships that return to be dialogical. It wasn't authoritarian anymore.

Giving the chance to the students to speak, this institution was renovated and changed as "total" and "disciplinarian" institution. The dialogue was the main element of this pedagogy.

However, this renovation didn't happen just because of the dialogue. Games and recreation carried out an extraordinary role in the reconstruction of the collective life, in the change of this "disciplinarian" institution.

Through recreation, the rules, that in the past were imposed, began to be constructed with the participation of the students. So, through constructed rules there was a speech liberation.

Through speech, the boys of this institution became subject and they weren't object anymore. This is the main change that has occurred in the last decade.

This institution shows us that it's possible to construct a collective place where the individual can express itself, in a space of subjectivity.

Those people that have been living in the Methodist Home, affirm not only words but by actions that there is the possibility of creating a place where poor boys are not only receiving shelter but are respected and valorized.

I. Que História é Esta?

Esta é a história de uma instituição, de um Lar, o Lar Metodista, contada pelos que vêm habitando este lugar desde a década de setenta até hoje. É a história de um lugar que vem, ao longo de cinco décadas, abrigando guris pobres, humildes, filhos de excluídos.

Não é, neste sentido, uma história nova, já que se trata de uma “instituição total” (Goffman, 1961, p. 11), nos dias atuais, condenada coletivamente e abandonada pelos distintos poderes que não mais lhe destinam as verbas necessárias para a sua existência.

É, atualmente, não apenas esquecida, mas também mal falada pela maioria, especialmente nos circuitos acadêmicos, onde alguns pesquisadores vieram a estudá-la durante os anos oitenta. Frequentemente perseguida por estes olhares, no final da década de oitenta, foi derradeiramente julgada.

Não era mais aconselhada para nenhum guri ou guria que precisasse de um lugar para dormir e comer, afinal, não havia cumprido a tarefa de protegê-los. Não era um lugar para ninguém viver. Deveria, então, morrer. E assim foi feito.

Hoje, nem a discutem mais. Todos já sabem que dentro dela não há possibilidade de vida, de vida digna. Verdadeiramente, muitas destas instituições aprisionaram inúmeras existências humanas. Mas será possível que todas tenham seguido esta trajetória?

Acompanhada desta dúvida e profundamente desconfiada, persegui a trilha de um grupo, com o qual venho interagindo a vários anos. Fui, então, ouvir os que vêm habitando este lugar chamado Lar. Estaria ele entre estas instituições?

Concedendo “o direito à palavra” (Marre, 1991, p. 115) aos que tinham vivido no Lar, tentei reconstruir através deles a história desta instituição.

Teria se conservado como uma instituição tipicamente total, fechada aos intercâmbios com o mundo?

Com muros invisíveis, havia, na década de setenta, limitado verdadeiramente as interações dos que ali viviam com a comunidade. Todas as esferas da vida, nessa época, eram contempladas no interior da instituição.

Não era, todavia, apenas uma “instituição total”. Era também uma “instituição disciplinar” (Foucault, 1986) que, nos anos setenta, havia cumprido, com rigor, a tarefa de vigiar, controlar e corrigir os que ali residiam.

Olhando esta instituição, a partir desta interseção, fui entendendo e reconstituindo o percurso dos que ali haviam vivido, sofrido, lutado, sonhado. Ao segui-los, fui encontrando ao mesmo tempo a trajetória deste lugar, o Lar.

Dando ouvido aos habitantes deste lugar, achei não um único Lar, mas distintos Lares, diferentes lugares, que foram sendo reconstruídos ao longo dos anos. Havia um Internato, uma Casa-Lar e um Lar, assim denominado pelos gurus, este lugar reconstruído na última década.

Entrando nestes distintos lugares, fui entendendo esta vida em grupo, esta instituição que, após vários anos fechada às interações com o mundo, na década de oitenta, foi lentamente abrindo seus invisíveis muros e, assim, mudando enquanto instituição total.

Porém, não foi somente mudando mas se conservando enquanto instituição disciplinar que, deveria se encarregar de controlar totalmente as vidas que eram abrigadas em seu interior. Procurando não simplificar esta realidade institucional tão complexa e variada, fui realizando este estudo.

Havia escolhido um caminho íngreme. Porém, sentia que, junto com os que haviam trilhado antes, este percurso não seria tão árduo assim. Eu precisava acreditar nisso para chegar não até o fim deste caminho, mas deste estudo que, um dia, deveria terminar.

E assim aconteceu. Eis a trilha que consegui percorrer. É a trilha de um grupo e ao mesmo tempo a minha própria enquanto investigadora. É uma pequena trilha, construída a partir das indagações surgidas no desenrolar desta investigação, as quais foram explicitadas em forma de problemas.

Ao entrar no Lar, comecei mostrando a minha trajetória nesta instituição e descobrindo quem eram os guris que ali estavam abrigados e por que estavam neste lugar. Expliquei, além disso, o que pretendi com esta investigação.

Após, apresentei uma breve trajetória deste Lar, o Lar Metodista, desde a sua criação em 1939 até hoje, focalizando especialmente os distintos lugares - Internato, Casa-Lar e Lar, no período de 1974 a 1996, o qual foi abrangido nesta pesquisa

Procurei, então, justificar por que estou relendo esta instituição, investigada na década de oitenta por vários pesquisadores, como Altoé (1990) e a partir de que referenciais volto a olhá-la. Aqui discuti ainda alguns dos resultados das pesquisas anteriores.

Explanei, posteriormente, as escolhas epistemológicas e metodológicas, a partir das quais fui olhando e construindo este lugar chamado Lar não como uma unidade estática mas uma totalidade, que é dinâmica.

Para reconstruir esta totalidade ou construir este Lar, mostrei que eu utilizaria o estudo de caso de tipo etnográfico e a entrevista não estruturada, sendo esta a principal técnica de coleta de dados, já que proporcionava uma atitude dialógica entre eu e os sujeitos do Lar.

Mas, afinal, quem são estes que vieram a falar do Lar? Neste momento, deixo falar estes que haviam dialogado comigo sobre suas histórias, reconstituindo, assim, a história desta instituição em que vêm sendo abrigados.

Apresentei-os, porém, não apenas através das suas falas, mas das fotos coletadas na instituição, que também serviram como fonte de informação. Ao inseri-las aqui desejei também que os que viessem a olhar pudessem interpretá-las.

Finalmente, comecei a revelar o Lar denominado Internato que achei na década de setenta. Olhando-o enquanto “instituição total” e ao mesmo tempo “instituição disciplinar”, fui reconstituindo este lugar, através das trilhas deixadas pelos que por ali passaram.

Através delas, encontrei um Lar que, na década de oitenta, foi gradualmente abrindo seus invisíveis muros e, assim, mudando. Porém, nessa época, não apenas transformava-se, mas concomitantemente conservava-se como “instituição disciplinar”.

Este Lar que estava sendo transformado não era o Internato. Havia um outro espaço sendo projetado. Era a Casa-Lar, onde vários guris passaram a viver a partir dos anos oitenta. Todavia, não havia sido desativado o Internato.

Enquanto era construído este lugar, a Casa-Lar, pelos que ali começavam a viver, o Internato, na metade da década de oitenta, estava sendo sacudido. Entravam neste lugar novos funcionários que interagiam e dialogavam com os guris.

O Internato estava verdadeiramente sendo reconstruído pelos que residiam neste lugar, de tal maneira que, no final da década de oitenta, já não era mais reconhecido e nem nomeado como Internato pelos guris que ali estavam abrigados. Era o Lar.

Foi atrás desta trilha que andei o tempo todo. Encontrei, então, uma história “feita não apenas de disciplinas, mas de múltiplas facetas, invenções e lutas” (Marre, 1991, p. 135).

II. Quando Entrei no Lar?

Revisitar o Lar, o Lar Metodista, os seus diferentes espaços-tempos, os seus gurus é também rever a minha própria trajetória pessoal e profissional, a qual tem sido profundamente influenciada pelas distintas vivências que tive neste lugar, ora como adolescente metodista, mais tarde como filha de um de seus diretores e posteriormente como fonoaudióloga do Instituto Metodista Centenário.

Todavia, foi esse terceiro momento, como participante da equipe multidisciplinar, responsável pelo Projeto de Ação Popular, o mais importante e marcante na minha trajetória profissional. Foi aí que pela primeira vez interagi com os gurus do Lar Metodista. Estas interações, vividas nos anos de 1987-1988, foram a fonte de algumas indagações que provocaram grande inquietação e desejo de aprofundamento.

Foram destes contatos, aliados aos estudos desenvolvidos no Curso de Fonoaudiologia, que nasceram as primeiras interrogações a respeito do universo cultural daqueles gurus, filhos de famílias pobres. Estas se dirigiam, no final da década de oitenta, especialmente para o dialeto que partilhavam e que eu desconhecia como fonoaudióloga e filha de uma família de classe média.

Este estranhamento, advindo da escuta do seu modo de falar, foi a motivação que me levou a ingressar na Especialização em Linguística aplicada à Alfabetização, do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras da PUC/RS. Através dos estudos em Fonética e Fonologia, tive oportunidade de compreender aquele dialeto popular.

Ao mesmo tempo em que encontrei resposta para este problema, que me mobilizou por alguns anos, ingressei, sem retorno, na educação, através dos estudos em Alfabetização, que me levaram não só a conhecer as teorias nessa área, mas também me conduziram à sala de aula, por intermédio de um

Projeto de Pesquisa desenvolvido, em 1989, no Colégio Champagnat, em Porto Alegre.

Era o momento de conhecer um outro universo cultural. A atuação em sala de aula, junto aos alunos da primeira série, foi decisiva para que eu ficasse contaminada, além do que já era como filha de dois educadores apaixonados por educação, e desejasse prosseguir minha formação nessa direção.

Nessa época, em virtude da necessidade de buscar respostas para as minhas indagações, deixei a cidade de Santa Maria, o Centenário e o Projeto de Ação Popular. Todavia, nunca cheguei a me afastar totalmente do Lar e dos guris do Lar, que haviam sido a fonte de inspiração para as minhas primeiras pesquisas.

No final da década de oitenta, aquele universo cultural vivido pelos guris do Lar já não era tão estranho, embora houvesse algumas lacunas teóricas para que eu viesse a compreendê-lo melhor. Foi justamente em busca do preenchimento destas e de outras lacunas na minha formação como educadora que ingressei no Mestrado em Educação.

Essa experiência não só me colocou em contato com outras áreas de estudo, como a Epistemologia, a Sociologia e a Antropologia, mas também permitiu a minha volta ao Lar. Olhando a partir de outra perspectiva, a de pesquisadora, e acompanhada de outras teorias, voltei ao Lar Metodista em 1994.

Entrar no Lar, com um outro olhar, não foi fácil. Havia afetividades envolvidas, o que era uma situação privilegiada para voltar ao Lar. Ao mesmo tempo, em virtude das interações e das vivências com alguns dos que viviam cotidianamente o Lar, eu já estava olhando sob um determinado ângulo, excluindo outros que eram necessários para esta pesquisa.

Olhar investigando foi uma experiência crucial para a educadora em formação. Tomar o papel de ouvinte, quando eu, como pesquisadora, achava que tinha muito a dizer, foi um exercício fundamental para que eu pudesse reconstituir a trajetória deste Lar, o Lar Metodista. Este aprendizado de deixar falar e ouvir atentamente as distintas falas foi o que permitiu desvelar este Lar.

Ouvindo as falas dos que viveram e ainda vivem o cotidiano de Lar e que desempenharam diferentes papéis, inclusive, alternando papéis de dirigente e interno, e também lendo outras falas, vindas das teorias, fui enxergando esse Lar. Um Lar que foi sofrendo profundas mudanças no decorrer das duas últimas décadas, que constituem o período que será abordado nesta investigação.

Observando os distintos espaços e tempos vividos, encontrei não só um único Lar, mas vários Lares, distintos lugares, construídos por aqueles que têm vivido ali. Ao mesmo tempo, descobri um Lar, o Lar, que foi construído por gurus e funcionários, na última década, através de ações inovadoras.

Foram estas ações que me levaram a eleger o Lar como um caso exemplar e ao mesmo tempo como um caso à parte. Como exemplar de instituição total, totalmente fechada aos intercâmbios com o mundo, nas décadas de setenta e início de oitenta. Como caso à parte, a partir da segunda metade da década de oitenta, quando aberta às interações.

Focalizando este Lar, que foi gradualmente abrindo seus invisíveis portões, pude encontrar uma instituição que oportunizou não somente que os gurus saíssem inicialmente para estudar e após para trabalhar em outras instituições, mas também que os conflitos sociais entrassem para o seu interior.

“Aqui falavam assim “Todo guri do Lar que entra na Caixa fica abobado”. Eu falei com o Oto sobre isso. “Como a gente ganha dinheiro, tem vontade de comprar um tênis legal. Se tu tem condição, tu vai comprar. Então, a gente fica diferente dos gurus daqui. A gente fica superior a muitos deles, que não têm uma roupa legal pra ir pra o Colégio. Fica diferente. Eu não achava legal. Até tentava ser o mais simples possível. Mas não tinha como. A gente estava ganhando um dinheiro no final do mês, que poucos ganhavam. Mudava até o jeito da gente ser lá na Casa com os outros gurus. É que a gente estava crescendo também”. *Guri abrigado em uma Casa-Lar de 1989 a 1994*

Estes gurus, vivendo estas contradições, têm aprendido diariamente a respeito desta sociedade injusta que, ao distribuir a renda desigualmente, faz

com que suas famílias precisem ainda hoje contar com um lugar para lhes abrigar e dar as condições mínimas de vida.

Pesquisa recente divulgada na Folha de São Paulo, no dia 26 de julho de 1995, revela que 40,3% de crianças até 6 anos moram em casas onde o chefe de família ganha até um salário mínimo. Esse percentual chega a 64,6% de crianças brasileiras pobres, se o critério de pobreza for o de dois salários mínimos.

Eis as condições de vida da maioria das famílias dos guris do Lar. Por isso a retórica de que devem ser educados no seio familiar é, no mínimo, ingênua. Atingidas plenamente pelo desemprego, em decorrência da mão de obra pouco especializada e, assim, desnecessária à sociedade tecnológica, estas famílias são obrigadas a dar temporariamente seus filhos (Fonseca, 1993).

Na verdade, estes filhos só vêm a sobreviver em virtude das ações solidárias de parentes, vizinhos e instituições que os abrigam e sustentam por um tempo indefinido, já que as condições das famílias também são indefinidas, sem nenhuma perspectiva de melhoria. Ao contrário, o empobrecimento parece ser, hoje, uma realidade permanente em suas vidas.

É permanente esta condição de miserabilidade, que os desumaniza, porque vivem numa sociedade regida por uma ideologia de mercado, por uma lógica econômica que, ao contrário do que prega e leva a ilusionar, não inclui todos os seres humanos, mas os dispensa, considerando-os “inaproveitáveis”, como diz Assmann (1991, p. 14).

Não são simplesmente mais os oprimidos, aqueles que, em decorrência da abundância de alguns, vivem abandonados à própria sorte. Esta relação de causalidade, entretanto, já não é percebida, porque está aí uma outra lógica. Estes todos, antes oprimidos, agora não importam mais para a sociedade, ou melhor, para a economia de mercado vigente.

“Confesso que levei um susto (...) quando escutei, pela primeira vez, num encontro no American Enterprise Institute, a brutalidade nua do argumento: como é que pretendem que sejamos seus exploradores quando não mantemos nenhum laço empregatício com eles

e nem nos interessam neste sentido? (Assmann, 1991, p. 14-15)

Assim como os escravos anteriormente, eles não têm valor econômico. Em inglês, até denominação já possuem, são os chamados “expendable”, que não se adaptam à lei da rentabilidade. São os mesmos que nem sequer participam mais da rotatividade do trabalho mal remunerado. Não significam nada para a lógica econômica vigente.

Esta lógica da exclusão, assim chamada por Assmann durante um encontro entre filósofos europeus e latino-americanos, em Mainz, Alemanha, em 1991, vem revelar “aquilo que mais se busca ocultar, a saber, que as promessas de inclusão - por exemplo, no caso do mercado - parecem andar *pari passu* com as evidências da exclusão”. (1994b, p. 8)

Assumindo uma concepção radical, Assmann diz que não está somente acreditando, como fazem os que são “sensatos e informados”, que “as regras do poder, que prevalecem no mundo de hoje, geram multidões de excluídos” (idem, p. 9). Ele está afirmando que existe, verdadeiramente, uma lógica da exclusão.

Diz que a maioria prefere ainda continuar acreditando que, um dia, todos serão incluídos nesta lógica econômica, neste mercado. São estes que acabam, segundo Assmann (ibidem, p. 8), falando e messianizando este mercado irrestrito, que não só incluirá todos os seres humanos, mas lhes trará também soluções benéficas.

Mas como um mercado ambicioso por consumidores pode incluir os que nada têm e se preocupar com as suas necessidade básicas? Este mercado, orientado pela lógica da exclusão, defendida por Assmann, definitivamente não incluirá a maioria dos seres humanos, que constituem hoje dois terços da população mundial.

Assim, não há como continuar sonhando com um futuro promissor, porque a maioria não participará dele. Não viverá, a não ser em condições subhumanas, porque não terá emprego, nem mesmo mal remunerado. O mercado atual, a sociedade tecnológica que está aí eliminará gradualmente os empregos ainda existentes na atualidade.

Sem emprego e, conseqüentemente, sem salário, não terão mais como participar deste mercado. Farão, então, parte da “massa sobranete” (Assmann, 1994b, p. 8). Sem salário, não poderão sequer sustentar-se, assim como prover as necessidades básicas de seus descendentes. Assim, terão de clamar pelas ações solidárias não só individuais mas institucionais.

Hoje, estes excluídos ou não incluídos na lógica econômica, no mercado orientado pela lógica da exclusão, são milhares aqui no Brasil. Dia-a-dia, crescem, indo viver, ou melhor, sobreviver nas ruas. São estes mesmos, os subempregados ou desempregados que chegam ao Lar Metodista.

Vêm ao Lar Metodista, quando não encontram mais nenhum parente, nenhum amigo, nenhum vizinho para o qual possam dar temporariamente seus filhos, já acostumados a circular (Fonseca, 1987) entre estes desde que nascem. Trazem-nos até o Lar porque, às vezes, não têm mais como garantir as suas necessidades básicas.

“O meu filho freqüentou, no ano passado a Escola Santa Cecília, mas o pai dele, que é bêbado, tirou ele da Escola e o menino perdeu o ano. Eu quero conseguir um lugar pra ele estudar. Preciso de ajuda, porque ganho pouco. Não tenho condições de trazer e buscar o menino na Escola. A renda mensal, da pensão do meu pai que faleceu, é de quarenta e quatro reais. Assim, não tenho como ajudar ele. Tenho muita dificuldade para sobreviver. Às vezes, fico sem comer pra poder dar comida pra o meu filho.

Só estamos vivos porque tenho sido ajudada por alguns vizinhos, que são amigos. Eu não tenho nenhum parente. Como sou deficiente física, não posso estudar e nem consigo trabalhar, porque não me aceitam. Desejo que meu filho possa ter uma vida diferente da minha. Queria que ele estudasse e trabalhasse”
Mãe entrevistada na seleção ao ingresso no Lar Metodista em janeiro de 1996

Um cenário destes requer que se ultrapassem as palavras, as promessas e as leis que, embora possam auxiliar e proteger essas infâncias, não são suficientes e nem alteram essa realidade. São realmente as ações solidárias, as

quais vêm de diferentes setores da sociedade, que podem fazer diferença para tantas vidas em jogo.

Esta pesquisa quer colocar em relevo justamente a ação solidária de uma instituição que vem, a mais de cinco décadas, se somando a uma rede de solidariedade. Uma instituição, um Lar, que foi não somente acompanhando os tempos, mas também que vem se esforçando para educar e não somente disciplinar os que ali são abrigados.

Os diferentes Lares, como Internato, Casa-Lar e Lar mostram não somente lugares distintos, mas uma instituição em mutação, porque habitada por pessoas também em constante mutação. Nesse sentido, quero também dar ênfase a uma ação por parte dos indivíduos, que não simplesmente são assujeitados nesta instituição.

Quero falar não só de disciplinarização, de assujeitamento, de morte psicológica dos que vivem uma vida em grupo, mas também das ações de resistência, rebeldia e indisciplina que acontecem nesta “instituição disciplinar” (Foucault, 1986) por parte dos sujeitos submissos, dóceis ou disciplinados.

Pretendo também mostrar um aprendizado de diálogo, do diálogo possível, em que os guris não só devem ouvir, mas também podem falar, protestar e não aceitar. Um diálogo que dirigentes e internos têm aprendido e que lhes têm custado muito, inclusive a aceitar que os guris são realmente sujeitos.

São sujeitos que desejam permanentemente viver em liberdade, mas que já compreenderam que a vida em grupo, a vida não somente no Lar, exige regras. Sujeitos que sonham com liberdade, dignidade e felicidade, ideais iluministas nunca esquecidos por todos, mas que vivem alijados desses ideais porque fazem parte de uma sociedade de classes.

Vivem nesta sociedade em busca de uma liberdade total, que não existe nem mesmo em termos de expressão. Mas a realidade, mostra-lhes que tanto a liberdade quanto a igualdade são proporcionais ao lugar ocupado pelos sujeitos. Assim, estas são muito limitadas para aqueles que não desempenham nenhum papel nesta sociedade capitalista.

Algumas teorias científicas parecem ter incorporado verdadeiramente esse ideal de liberdade, a tal ponto que vislumbram um sujeito que se constitui livre. Abordam antes uma utopia do que uma realidade. Como seria uma sociedade constituída de homens totalmente livres?

Por isso, venho falar de uma instituição em que os sujeitos vivem, contraditoriamente a vida que parece opor permanentemente liberdade e perda da liberdade, liberdade e regras. Quero dar voz a estes sujeitos que, mesmo sob vigilância e controle ostensivos, vêm a se constituírem não apenas como submissos.

Não são apenas dóceis, porque o “poder disciplinar” (Foucault, 1986) não se limita a reprimi-los, através da “censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego” (Foucault, 1979, p. 148), como afirmam alguns pesquisadores que analisam a vida institucional a partir dos referenciais do marxismo e da psicanálise.

Assim, venho falar destes sujeitos, que não se tornam totalmente “dóceis” (Foucault, 1986), mas que resistem, passiva ou ativamente, e, às vezes, até se rebelam contra as ações disciplinares, tentando escapar das “malhas da rede” de um poder (Foucault, 1979), exercido não somente pelos que dirigem a instituição mas também pelos próprios gurus que aí residem.

Além disso, quero focalizar estes sujeitos não passivos que, no decorrer da última década, não apenas se submeteram às regras impostas pelos que dirigem a instituição, mas que coletivamente criaram outras regras necessárias à vida institucional.

Destaco, assim, nesta pesquisa feita no Lar Metodista, as ações que se deram nesse sentido, ou seja, a vivência de regras, não dadas por um regimento escrito, desconhecido pela maioria dos seus funcionários e monitores, mas de outras construídas nas interações vividas diariamente neste espaço institucional.

Para mostrar as ações destes sujeitos, ativos e criativos, ouvi especialmente neste lugar os adolescentes, gurus grandes, que falam, com pouca censura, de como viveram ou ainda vivem neste lugar e como se constituem como sujeitos disciplinados e indisciplinados

São estes sujeitos, disciplinados e indisciplinados, obedientes e rebeldes, que são contemplados por esta pesquisa. Assim, pretendo não deixar de mostrar o quanto estes sujeitos são atravessados permanentemente por realidades que parecem se opor, mas que, na verdade, são faces de uma mesma realidade. Quero dizer, assim, que mesmo o sujeito mais dócil é também indócil.

Embora seja bastante difícil incorporar esta dualidade, porque nós, sujeitos ocidentais somos freqüentemente impelidos a fazer esta separação, opor por exemplo razão e emoção, creio que só é possível falar de um sujeito na sua totalidade, se o abordamos a partir de uma realidade que considera os aspectos contraditórios.

Não pretendo com esta investigação mostrar que este lugar, este espaço institucional é o ideal para estes sujeitos, porque verdadeiramente as pesquisas feitas com crianças institucionalizadas já encerraram esse debate. Quero, todavia, dizer que os guris do Lar, através de suas falas, falam de um lugar construído, de uma vida em grupo possível.

A minha intenção é sobretudo desvelar este lugar, o Lar Metodista, que foi sendo construído por aqueles que viveram e têm vivido até hoje o seu dia-a-dia e acreditado que, mesmo em grupo, a vida é possível. Não com toda liberdade sonhada e nem sem regras, mas dentro dos limites de uma sociedade que é “disciplinar” (Foucault, 1986).

III. Que Lar é Este?

Que Lar é este que vem abrigando gurus e gurias desde 24 de junho de 1939? Seus diversos espaços e tempos mostram que este Lar Metodista não é um único lugar (Viñao Frago, 1993-94, p. 17-18) mas distintos lugares, diversos Lares, que foram sendo reconstruídos ao longo de várias décadas.

“Cualquier actividad humana precisa un espacio y un tiempo determinados. Así sucede con la de enseñar y aprender, con la educación. De aquí que ésta, la educación, posea una dimensión espacial y de aquí que, asimismo, el espacio sea, junto con el tiempo, un elemento básico, constitutivo, de la actividad educativa.

La ocupación del espacio, su utilización, supone su constitución como lugar. El “salto cualitativo” desde el espacio al lugar, es, pues, una construcción. El espacio se proyecta o imagina, el lugar se construye”.

Na década de vinte era apenas um sonho dos metodistas gaúchos que desejavam amparar os menores órfãos e abandonados. Um sonho no qual se engajaram as mulheres metodistas, através da Federação das Sociedades Metodistas de Senhoras da Segunda Região Eclesiástica, e os homens, como o Reverendo Adolfo Melchior Ungaretti.

Por ocasião de uma viagem aos Estados Unidos, Rev. Ungaretti visitou no Estado do Texas o Methodist Home - Lar Metodista - e desejou ainda mais criar o sonhado Orfanato. Segundo Pinheiro (1984, p.37) esta instituição acabou sendo a sua “alma Mater”, influenciando inclusive a mudança do seu nome mais tarde para Lar Metodista

Todavía a pesquisa realizada por este metodista não se restringiu apenas a isso. Incluiu também o local, a cidade onde deveria ser instalado o Orfanato. Santa Maria, geograficamente localizada no centro do Rio Grande

do Sul, era o local ideal, já que facilitava a vinda dos menores provenientes de diversas regiões.

Como pastor da Igreja Metodista em Santa Maria, ele teve facilidade de realizar as diversas pesquisas necessárias para a instalação do sonhado Orfanato. Assim, no final da década de trinta, é criado o Orfanato Metodista, tendo o Rev. Ungaretti como seu fundador e primeiro provedor, auxiliado por sua família.

Como Orfanato, iniciou em um chalé, situado na Granja Gauer, abrigando doze guris e gurias, as quais seriam não somente protegidas, mas também receberiam a instrução, a educação e o trabalho, que os preparariam para a vida. Pinheiro (1984, p. 37) diz que esse foi o ideal inicial deste Orfanato.

Mas, alguns anos após a sua criação, aconteceram as primeiras mudanças. Alguns educadores interessados neste Orfanato sugeriram que fosse mudado o nome para que não viesse a influir sobre os que ali estavam abrigados, já que eram filhos de pais vivos e não órfãos. Passou, então a ser chamado Lar Metodista.

“O nome inicial de Orfanato não pareceu bem a muitos educadores interessados na instituição, com o argumento de que esse nome poderia causar constrangimento no processo educativo-assistencial. Assim, o estatuto foi reformado e o seu nome passou a ser como originalmente foi concebido pelo Rev. Ungaretti - LAR METODISTA. Este nome daria uma idéia mais inclusiva, sem referência específica à condição do menor”. (Pinheiro, 1984, p. 37)

Além disso, era necessário uma mudança no seu espaço físico, o qual já não comportava o ambicioso sonho metodista e nem o número de menores que buscavam esse Orfanato. Em poucos anos, o número de internos era de trinta, chegando logo a setenta, conforme conta Pinheiro em seu Breve Histórico sobre o Lar Metodista.

Essas não foram, contudo, as únicas mudanças que ocorreram nas décadas de quarenta e cinquenta. Como Lar Metodista, abrigou durante pouco tempo gurias e guris, ficando somente com estes últimos. Além disso,

ao seu ideal inicial foi acrescido o ideal profissionalizante, existente desde esse período até a atualidade.

O lugar Orfanato, embora tenha se transformado em outro lugar, o Internato, conservou a idéia da vida em família. Conforme Pinheiro (1984, p.37) “(...) a vida interna, de caráter familiar, foi uma tentativa sempre preservada”. Uma tentativa, uma idéia que atravessou os diferentes espaços e tempos deste Lar Metodista.

É preciso dizer, todavia, que esta vida familiar, embora perseguida pelos educadores metodistas, não era mais tão tranqüila e viável no Internato. O numeroso grupo de gurus, que dormia, brincava e trabalhava nesse lugar, a partir da década de cinquenta, necessitava de uma outra organização.

Instalados num prédio de dois andares, existente até hoje, esses gurus passaram a ter suas vidas formalmente administradas por regras que deveriam ser observadas e seguidas, sob a “vigilância” exercida contínua e individualmente (Foucault, 1996) não somente pelos funcionários mas pelos próprios gurus. Esse lugar, no qual muitos deles viveram vários anos, atravessou três décadas.

Na década de setenta, mantinha-se como um lugar construído por regras e ações disciplinares impostas. Tanto um dos funcionários quanto um dos gurus falam das permanentes filas, nas quais se exercitavam como sujeitos obedientes. Assim distribuídos espacialmente (Foucault, 1986), eram controlados e corrigidos.

“A gente tinha uma disciplina muito rígida com eles. Nós ainda usávamos, nesta época (de setenta), a figura da fila. A gente tinha que fazer fila pra tomar banho, tinha que fazer fila pra almoçar, tinha que fazer fila pra ir na escola. Enfim, nós tínhamos muito a questão da fila e, às vezes, eles não gostavam muito disso. Então, a gente acabava, às vezes, até por falta de experiência, reprimindo eles”. *Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de setenta*

Esta ação disciplinar rígida marcava não somente as mentes dos que estavam abrigados nesse lugar, mas também seus corpos. Um dos gurus que viveu esse tempo, fala de uma dessas marcas que ficaram corporalmente

registradas, os braços cruzados, que eram exigidos por ocasião das frequentes filas.

“Eu peguei um costume (...) em função das filas. Nós sempre ficávamos na fila com os braços cruzados. O resquício daquela época é que eu, hoje, seguidamente me vejo com os braços cruzados. (...) É aquela coisa que ficou. Sem querer, eu cruzo os braços. Até pra dormir, eu faço isso. Eu gostava. Eu não reclamava. Eu não tenho porque reclamar.” Guri abrigado no Internato de 1976 a 1983

Através das filas, estes guris eram conduzidos para as diferentes atividades que se desenvolviam na Oficina, na Escola ou no Internato. Isso era possível porque todos estes setores estavam dentro do Lar Metodista. Essa vida restrita ao seu interior revela que esta era tipicamente uma instituição total (Goffman, 1961, p. 16).

Como instituição total, que é um híbrido de comunidade residencial e organização formal (idem, p. 22), estava muito distante, nos anos setenta, da idéia que se queria preservar, da vida de caráter familiar. As rigorosas ações disciplinares mostravam o quanto o ideal inicial de proteger os guris havia sido esquecido.

É preciso ressaltar porém que o fechamento da instituição, caracterizado por escassos intercâmbios dos guris com a sociedade, atinge o seu ápice no final da década de setenta. Começa, posteriormente, a abertura gradual, com a saída dos guris para estudarem em outras instituições situadas no próprio bairro do Lar.

Nessa época, os dirigentes do Lar reativam o ideal da profissionalização, com ênfase não mais na atividade agrícola, como ocorreu nos anos cinquenta e sessenta, mas sobretudo voltado para outras atividades profissionais, como a de marceneiro, serralheiro, gráfico que começam a ser aprendidas em Oficinas instaladas dentro do Lar.

Concomitantemente, revivem um outro ideal, o da vida familiar, através da construção, ao longo da década de oitenta, de um outro lugar, a Casa-Lar. Os dirigentes projetam seis Casas, todavia mantêm o Internato.

Tentam reviver a vida em família. Mas afinal qual família era pensada para este projeto?

Esses gurus, a maioria vinda para o Lar após os seis anos aproximadamente, eram pertencentes às famílias das classes populares. Suas famílias não eram nucleares, constituídas por pai, mãe e filhos, as quais são típicas das classes médias e das classes populares em trajetória ascendente (Fonseca, 1993, p. 126), mas eram famílias extensas.

Suas famílias, compostas não somente por pais e filhos, mas por outros parentes, formando uma extensa rede consanguínea, partilhavam uma visão de mundo bastante peculiar e distinta das famílias das classes médias. Suas concepções sobre família, infância, tempo e espaço faziam parte de outro sistema simbólico-cultural (Fonseca, 1995).

Projetavam uma família nuclear para as Casas, mas acabavam diante de uma outra família, uma outra organização constituída pelo casal, pelos filhos e gurus do Lar. Semelhantemente ao Internato, acabavam formando uma comunidade residencial regida por uma organização formal (Goffman, 1961).

Paralelamente às Casas-Lar, o Internato, que desejavam fechar em virtude dos péssimos resultados obtidos, era sacudido por algumas mudanças. Novos funcionários entravam no Lar e começavam a interagir e dialogar com os internos. Os papéis de dirigentes e dirigidos, momentaneamente revogados, eram substituídos por outros, alicerçados sobre novas bases.

“O que me revoltava é quando eu ia falar com um menino, às vezes, e parecia que nós éramos inimigos. No início, notei que pra ganhar o espaço deles eu tinha que fazer coisas, às vezes, que eu mesmo não concordava. Eu me lembro quando eu saía pra caçar passarinho com eles, eu pegava o bodoque e errava. Eu não queria entrar nas regras, quando eu via que as coisas estavam erradas. Mas o meu objetivo caçando passarinho era ganhar eles, ir junto com eles nas coisas que eles faziam, entrar no mundo deles. E foi assim que eu consegui conversar com muitos deles”. *Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta e do Lar na década de noventa*

Esse Internato, começava visivelmente a mudar inclusive em relação aos seus espaços. Seus quartos passaram a receber nomes e ser enfeitados com os trabalhos artesanais feitos pelos próprios guris. A arte entrava neste lugar, juntamente com outras ações que despertavam o interesse e a participação de todos.

Iniciava a época da gincanas, as quais duravam até um ano e tinham como tema o dia-a-dia, mesclando jogo e trabalho. Os guris que participaram destas competições contam o que se passava neste Internato e das suas impressões sobre o que estava acontecendo.

“Tudo contava ponto, desde a nota escolar até lembrar de escovar o dente. (...) Eu acho que foi um impulso pra educação, saber que tem alguém que se preocupa com a gente, que não quer fazer uma tempestade com os detalhes, mas que quer considerar os detalhes como parte. Isso foi sendo entendido pela gurizada. (...) Teve uma época que foi uma paixão já da gurizada.” *Guri abrigado no Internato de 1982 a 1991 e monitor de 1991 a 1995*

Não era mais o mesmo Internato, o mesmo lugar construído a várias décadas. Era um lugar diferente onde trabalho e lazer se misturavam de tal forma que seus limites eram difíceis de serem definidos. Um dos internos diz que as panelinhas, as quais reuniam os guris anteriormente, foram sendo substituídas por um grupo unido ou talvez coeso.

As relações, antes vividas na base da força física, subordinadas à lei do guri maior e às leis da instituição, passavam a ser construídas a partir de outros princípios, como respeito ao outro, principalmente quando este era um guri pequeno. Este princípio, levado às últimas conseqüências, foi gradualmente criando novas relações entre os guris e também entre eles e os funcionários.

“ (...) Ele bateu no menor e eu fiz a pergunta pra ele. Ele ficou sentado (...) e não me respondia. Eu disse “ (...) Os teus valores são muito diferentes dos meus. Eu vi que tu estás querendo me desafiar e que não adianta dialogar contigo. Então, eu vou entrar na tua. (...) Peguei pelo colarinho e arrastei ele. (...) Os guris não faziam nada. Eu já tinha conquistado a amizade

de muitos meninos aqui. (...) Mas eram amigos desse menino também. (...) Não machuquei ele, mas eu humilhei. (...) Eu disse “Olha gente, eu estou bastante nervoso, mas ainda tenho tempo de conversar com vocês, ainda tenho tempo de dialogar com vocês. Esse aqui que vocês têm medo, eu não sei se é pela força, pelo domínio, pelo poder, ele é uma pessoa igual a todos nós. Eu não gosto de fazer o que estou fazendo com ele e não quero fazer com nenhum de vocês, porque pra mim o apanhar ou o bater não é questão de quem pode mais. (...) Quando eu estiver presente, não permito que o maior bata no menor. Isso é covardia. Se ele era o líder, ele está aqui, humilhado”. *Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta e do Lar na década de noventa*

No final da década de oitenta, a equipe dirigente inspirando-se nas Casas-Lar, projeta uma reforma no espaço físico do Internato, o qual seria dividido em cinco apartamentos. Cada um destes contaria com quartos, banheiros e uma sala de estar e funcionaria independentemente, o que significava que o grupo seria dividido.

Os dirigentes, convictos de que o controle individual era mais eficaz no sentido da correção ou transformação dos gurus, projetam esta reestruturação do espaço físico. Todavia, realizam esta mudança sem consultar os que viviam naquele lugar. Os funcionários entrevistados falam dos seus sentimentos por ocasião de nova organização do espaço.

“Teve modificações que eu gostei e outras que não. Eu estava acostumada em grupo. Eu teria escolhido que não houvesse essa modificação. Pra ordem da casa é bom”. *Funcionária residente no Internato e responsável pela educação dos gurus desde o final da década de oitenta até a atualidade*

É preciso ressaltar que nessa época os gurus das Casas-Lar também viviam uma experiência bastante nova. Um destes gurus conta o quanto marcaram os encontros que se davam dentro de um dos quartos da Casa, nos quais o funcionário, que havia sido interno do Lar nos anos setenta, conversava com eles sobre tudo.

Nem todos os gurus, entretanto, tiveram a oportunidade de vivenciar situações desse tipo, nas quais ficavam liberados dos papéis usuais de internos e dirigentes, favorecendo assim a construção de uma imagem mais favorável de ambas as partes e também uma identificação com a situação do outro (Goffman, 1961, p. 85).

Esta liberação dos papéis desempenhados institucionalmente talvez tenha sido mais freqüente no Internato, justamente porque ali se instalou uma outra rotina constituída não somente por trabalho, mas também intercalada por lazer, por jogos, congregando não somente os gurus abrigados aí mas também os das Casas-Lar.

“Mas eu gosto mesmo é de jogar futebol e de ficar com os gurus lá no Lar (Internato). (...) Gosto de ficar ali porque é diferente. Não tem sempre aquela rotina de casa, de família. Lá tem novidade”. *Guri abrigado em uma Casa-Lar de 1989 a 1996*

Certamente este lugar não é mais o Internato vivido durante tantas décadas, mas é o Lar, tão evocado por todos nas entrevistas realizadas. O lugar, segundo os gurus, onde não se tem a rotina familiar, onde existe novidade e além do mais onde estão os amigos. É o lugar também onde se pode fugir das regras, se esconder, não fazendo as atividades.

Este Lar é o mesmo lugar visitado constantemente nos últimos anos por seus ex-internos. Eles vêm não somente ver seus amigos, internos e funcionários, mas também passear aqui. Subir o morro, comer bergamota, jogar carta ou futebol. Tudo parece ser um bom pretexto para se encontrarem no Lar.

“Quando eu estava no Lar a atividade predileta era passear (fora do Lar). Agora eu venho passear aqui no Lar. Até tenho vindo mais vezes aqui do que nos conhecidos meus aqui da Chácara e da Carolina. Aqui é o lugar que eu tenho mais vindo. Aqui agora é o lugar pra passear, encontrar amigos”. *Guri abrigado de 1988 a 1995 no Internato*

IV. Por que Escolhi Este Lar?

Por que fazer outra investigação sobre “menores institucionalizados” diante dos vários estudos que mostram os prejuízos da vida institucional? A maioria das pesquisas realizadas por autores de formação psicológica (Guirado, 1980; Violante, 1984; Campos, 1984; Altoé, 1990), fizeram, a meu ver, uma leitura bastante parcial desta realidade.

Em primeiro lugar, parece-me que esta leitura da realidade é limitada, porque não dá conta de um sujeito na sua totalidade. O sujeito nunca é totalmente conhecido por apenas uma teoria. Nesse sentido, é preciso permanentemente observá-lo e também abordá-lo sobre outros aspectos, com outras teorias.

É preciso perseguí-lo e travar um diálogo permanente com as nossas teorias, que vão ser sempre parciais, dando conta de um ou alguns aspectos desse sujeito, mas nunca conhecendo-o completamente. Este sujeito sempre vai ser muito mais complexo e contraditório do que as teorias que temos à disposição para conhecê-lo.

A maioria das pesquisas têm optado comumente por analisar intensivamente pequenos fragmentos que compõem este sujeito. Contudo, ao partirem de uma análise mais minuciosa e aprofundada, acabam se defrontando com um reducionismo importante. Esta abordagem fragmentada do sujeito acaba deformando-lhe.

Goldmann (apud Lowy, 1987, p. 134) diz que “(...) os homens têm com toda boa-fé uma tendência a deformar seus pensamentos e suas ações no sentido que corresponde aos interesses do grupo social do qual eles fazem parte”. Todavia, aqueles que fazem ciência, uma ciência não positivista, são convocados a irem além da sua boa fé.

Esta boa fé, que é ideológica, é que conduz, para Lowy (1987, p. 134), “o pesquisador a aceitar certas categorias implícitas - ligadas à visão de

mundo de uma classe social - que podem lhe fechar a compreensão de uma parte importante da realidade social”, indo contrariamente à direção buscada pela pesquisa científica.

Ao contrário do que a ciência positivista buscava e ilusionava, os interesses e valores, as visões de mundo e ideologias atravessam as descobertas científicas, especialmente nas ciências do homem. Assim, o sujeito, que é o cientista, ao apreender o objeto ou a realidade não consegue desprender-se totalmente do lugar que ocupa na estrutura social (Goldman apud Lowy, 1987).

Além disso, a análise fragmentada do sujeito, concebendo-o isolado dos espaços sociais por ele ocupados e dos tempos vividos, acaba mais uma vez deformando-o e se afastando de um sujeito real. Contraditoriamente, tentando conhecê-lo a partir de um estudo mais aprofundado de um fragmento, acaba se afastando deste sujeito.

“Será que vale mais estudar extensivamente o conjunto dos elementos pertinentes do objecto construído, ou antes, estudar intensivamente um fragmento limitado deste conjunto teórico que está desprovido de justificação científica? A opção socialmente mais aprovada, em nome de uma idéia ingenuamente positivista da precisão e da “seriedade” é a segunda: a de “estudar a fundo um objecto muito preciso, bem circunscrito”, como dizem os directores de teses. (Bourdieu, 1989, p.31)

Resolver um dilema dessa ordem não é tarefa simples para nenhuma pesquisa que pretenda apreender uma determinada realidade. Como fazer, então, para conciliar uma “análise intensiva de uma fracção do objecto praticamente apreensível” com a “análise extensiva do objecto verdadeiro”? Eis o dilema para todos que se ocupam com a arte da pesquisa.

Mesmo sem resposta, continua-se tentando compreender a realidade. Contudo, não se pode confundir essa apreensão parcial feita, através de nossas análises, com a realidade total. Até porque se acreditamos na dinamicidade da realidade, da vida humana, nunca verdadeiramente conseguiremos atingi-la.

Pensar que a realidade é dinâmica, é acreditar num sujeito em permanente mutação, em um sujeito que se constrói concretamente na

interação com o mundo, com os problemas do mundo. É crer que este sujeito é essencialmente criador, criativo, capaz de mudar não só a si próprio, mas o mundo que habita.

A partir destas concepções, retomo nesta investigação um “velho problema”, desconfiada de que é preciso lançar sobre ele um outro olhar. Um olhar não pré-formado, que venha simplesmente se encaixar nas teorias em vigência, mas antes de tudo um olhar duvidoso e curioso, que sempre descobre um fragmento desta realidade não abordado.

Aqui é necessário lembrar que os “menores institucionalizados” foram estudados ostensivamente nas instituições públicas, como a FEBEM. Foram os resultados destas pesquisas e de outras que condenaram esta vida institucional. Mas é de se perguntar, se esta generalização, que constitui a própria ciência, dá conta de todas as realidades institucionais existentes?

Embora seja fundamental para a construção da ciência, essa generalização é limitante, porque, quando se trata de uma instituição, se está no âmbito do que é humano. É possível generalizar, apreendendo todas as realidades sociais, humanas possíveis? Essa generalização tende a tornar grotescos não só os sujeitos, mas a própria realidade no qual estão inseridos.

É preciso reconhecer, todavia, que é a partir dos resultados destas pesquisas sobre a vida institucional que se pode tentar avançar, orientando a investigação para um outro aspecto não abordado, ou seja, utilizando outras teorias. Essa outra direção, esse outro olhar, certamente, vai partir do que já foi apreendido em outras investigações.

Assim, é fundamental iniciar esta investigação não só a partir de uma dúvida, mas das teorias, das pesquisas anteriores e dos seus resultados, embora não se compartilhe das teorias escolhidas e, sobretudo, da visão de mundo nelas veiculadas, impregnadas de uma idéia de um mundo estático e de sujeitos passivos.

Mas afinal do que falam as pesquisas anteriores sobre “menores institucionalizados”? Falam das dificuldades que esses sujeitos têm para constituírem sua identidade, em virtude das características da vida institucional. Mostram a rotinização, massificação e rígida disciplina e também de um espaço marcado pela impessoalidade e falta de afeto (Rizzini, Irene; Rizzini, Irma, apud Fausto, 1992, p. 73)

O que aconteceria contudo se não houvesse essa rígida disciplina, o ambiente não fosse impessoal e as relações entre os institucionalizados baseadas em afeto? Este questionamento e esta desconfiança em relação à realidade do Lar Metodista, fizeram com que eu me propusesse a essa releitura.

Porém, proponho-me a reler esta vida institucional, utilizando especialmente as ciências que não partilham de uma visão empirista e positivista da realidade. Releio a partir de ciências que não crêm no princípio de que “a realidade se constitui essencialmente naquilo que nossos sentidos podem perceber”. (Minayo, 1994, p. 39)

Além disso, pretendo analisar a partir de ciências que não acreditam que os fatos sociais possam ser observados, buscados e interpretados, a partir dos mesmos fundamentos lógicos e metodológicos das ciências naturais. Assim, estou afirmando que não compartilho da idéia de que existe uma ciência objetiva, precisa e neutra.

Ao contrário, venho associar-me aos que reconhecem, em termos teóricos e práticos, que não existe esta ciência neutra, que não veicule sempre, por maior vigilância que o cientista tenha, as suas posições de classe, as suas escolhas políticas, bem como os seus valores morais. Mais uma vez aqui, opto pelas teorias científicas não empiristas, não positivistas.

Todavia, não estou partilhando da idéia de uma ciência subjetiva, de que só há conhecimento subjetivo, totalmente impregnado dos valores dos que fazem ciência. Ressalto somente que as ciências humanas são ideológicas, por isso não alcançam a objetividade, tal como acontece no âmbito das ciências naturais.

Quero também ler a vida institucional, nos diferentes Lares, distintos lugares, a partir das ciências psicológica, sociológica e antropológica não empiristas e positivas, que ultrapassam a observação que vê o sujeito, o ser humano, apenas na sua exterioridade, penetrando sobretudo na sua vida interior.

Assim, faço opção pelas teorias científicas, não neutras, que não ignoram, nem irrelevam as visões de mundo, as escolhas políticas, os valores morais tanto dos investigadores, dos cientistas que buscam conhecer a realidade social, quanto dos investigados, dos atores sociais. Acredito que, para fazer ciência não positiva, é preciso sobretudo explicitá-las.

Oponho-me a esta ciência empirista também quando parto do princípio que a ciência não é, como diz Demo (1985, p. 76), “a acumulação de resultados definitivos”, mas “principalmente o questionamento inesgotável de uma realidade reconhecida também como inesgotável”. Por isso é preciso olhá-la inquietamente, com curiosidade e desconfiança.

Para construir a ciência social, a ciência humana é necessário, então, enfrentar os fatos investigados, problematizá-los, mais uma vez, e reinventá-los. Só assim será possível apreendê-los, construí-los, já que são “históricos” e, assim, “irrequietos e criativos como a própria história” (idem, p. 76).

Por isso é que retomo a investigação da vida institucional, acreditando que nem todos os aspectos foram abordados e que, mesmo aqueles que foram olhados, podem ter se sustentado em teorias ou em concepções não condizentes com a realidade investigada.

Uma das concepções equivocadas, veiculadas em algumas das pesquisas sobre institucionalização, é a de infância. Uma infância aos moldes daquela vivida nas classes médias. Contudo, as crianças, quando chegam à instituição, não partilham do sistema simbólico-cultural dessas classes. Será possível, então, utilizar estas teorias para iluminar uma outra realidade?

Fonseca (1993, p. 119) diz que as classes médias, baseadas nas “modernas” ciências psicológica e pedagógica, “atribuem à criança uma série de fases de desenvolvimento emocional e intelectual”, sendo que cada uma destas fases requer atenções especiais e também adultos que se encarregam especificamente desta frágil criança.

Todavia, para se desenvolver emocional e intelectualmente, esta criança é inserida em um contexto material, sem o qual isso não seria possível (Fonseca, 1993). Neste contexto, a família nuclear a insere em um planejamento que será desenvolvido a longo prazo e através do qual poderá alcançar êxito não só na escola, mas sobretudo sucesso na vida.

Assim, as classes médias não têm somente outra concepção de infância, mas de organização familiar e de tempo. Seus valores culturais são distintos daqueles das classes populares, as quais freqüentemente estão ocupadas com as necessidades materiais, de alimentação e de saúde, dos seus filhos (Fonseca, 1995).

Como, então, a criança é considerada no outro sistema simbólico-cultural partilhado pelas classes populares?

“A criança é vista como um ser precioso, motivo de prestígio, aliado útil e fonte de afeto, tudo, menos como obra a ser construída através de etapas progressivas. Neste contexto, causa e consequência na formação da personalidade é uma lógica que soa estranha” (Fonseca, 1995, p. 15-16)

Altoé (1990, p. 22) em sua pesquisa realizada em sete internatos da FEBEM aponta também a falta de individualidade existente nestas instituições, caracterizadas como instituições totais, a qual prejudicaria a formação da identidade da criança. Entretanto, seria oportuno indagar de qual individualidade está falando?

Primeiramente, é preciso ressaltar que esta criança, das classes populares, não é considerada como um indivíduo, mas como integrante de uma família, composta não somente pelos pais, mas por outros parentes, que formam uma extensa rede ligada por laços de sangue e solidariedade. Sua identidade está intrinsecamente ligada à identidade desta família extensa.

Além disso, é uma criança que tem sua identidade dada desde o momento em que nasce, distinta da criança das classes médias, cuja identidade é construída gradualmente no seio de uma família nuclear, composta geralmente por pai, mãe e filhos, e dissociada da identidade desta família.

É de se perguntar também até que ponto esta individualidade, evocada nos estudos de Altoé, está circunscrita a um espaço também bastante delimitado e que é vivido por uma família nuclear. Fonseca (1993) em seus estudos antropológicos aponta a natureza aberta da unidade conjugal da família das classes populares, que se materializa inclusive no próprio espaço.

Segundo esta autora, este caráter aberto é visível no próprio aspecto das casas onde residem estas famílias. Não há uma delimitação nítida entre estes espaços, de tal forma que as crianças circulam constantemente entre várias casas. É um outro espaço, muito distinto do que é partilhado por uma família nuclear.

Altoé (1990, p. 164) comenta que em um dos Internatos que abrigava os adolescentes de 12 a 14 anos o espaço não era “diversificado”, de tal

maneira que “eram obrigados a estar uns com os outros”. É oportuno indagar que espaço é este evocado pela autora? Estaria pensando na diversificação dos espaços ocupados pelos que pertencem às classes médias?

Todavia, esta não é a concepção de espaço partilhada por estes adolescentes, provenientes das famílias das classes populares. Eles têm uma outra visão de infância, de família, de espaço, assim como uma outra percepção do tempo. Ao contrário dos que pertencem às famílias das classes médias, não partem de uma “percepção linear de tempo” (Fonseca, 1995, p. 15).

Não há para eles um tempo linear “em que cada indivíduo lucra as conseqüências de seus atos” (idem, p. 15), tal qual concebem os filhos das famílias pertencentes às classes médias. Além disso, as relações sociais não “são percebidas como sendo “construídas” (ibidem, p. 15), como acontece entre os ligados às “famílias modernas”.

Fonseca (1995, p. 15) diz que “nos grupos populares, o contexto histórico contribuiu pouco para essa crença no tempo linear. Desemprego, inflação e outras condições adversas, que não dependem da vontade individual têm, em repetidos casos, reduzido a pó anos de esperança e investimento”.

Diariamente, defrontam-se com um contexto que não lhes permite acreditar que a segurança e a prosperidade sejam frutos de um plano coordenado e contínuo. Assim, acabam aprendendo que “a segurança, senão a prosperidade, depende em grande medida das relações que não são sujeitas às peripécias do tempo” (ibidem, p. 15).

Estes estudos antropológicos mostram que se trata de uma outra visão de mundo, um outro sistema simbólico-cultural. Até que ponto as pesquisas sobre crianças institucionalizadas se alicerçaram em outro sistema que não aquele partilhado pelas crianças e adolescentes, filhos das famílias das classes populares?

Até onde o ponto de vista destes pesquisadores, que geralmente partilham de outro sistema cultural, atravessa suas análises? Será possível ler uma realidade cultural estando, nós investigadores, em um lugar situado em outra realidade. Até onde simplesmente se transpõe a nossa visão de mundo para dar conta de um outro mundo partilhado pelas classes populares?

Ao investigar a vida institucional, estou levando em conta não somente o sistema simbólico-cultural dos filhos das famílias das classes populares, quando estes ingressam no Lar, mas também considero aqui as mudanças que ocorrem neste sistema, de tal maneira que a maioria dos que hoje estão por sair ou saem da instituição expressam valores típicos das classes médias.

As falas dos guris grandes, adolescentes, que viveram no Lar, na última década, revelam que não somente pensam no futuro, mas já planejam o que farão. Tendo concluído o 1º grau ou iniciado o 2º grau, contam que gostariam de alcançar esta escolaridade e conseguir um emprego, que lhes permitissem viver.

A longo prazo, querem continuar estudando, mas sobretudo desejam trabalhar. Contudo, já não desejam mais ficar no quartel ou ter empregos como garçom, pedreiro, serralheiro, gráfico. Sonham com um trabalho “leve” ou um trabalho que não dure “de sol a sol”. Suas falas mostram que, atualmente, partilham de um sistema cultural distinto das suas famílias.

Levando em conta estes distintos sistemas simbólico-culturais, vou investigar os diferentes Lares nos quais guris grandes e pequenos têm vivido desde os anos setenta até a atualidade, levando em conta as pesquisas sobre institucionalização, como a de Altoé (1990a), que foi realizada em sete internatos da FEBEM.

Esta pesquisa mostra a disciplinarização, através da vigilância, do controle e da punição, que se exerce continuamente sobre crianças e adolescentes, transformando-os em sujeitos submissos. “Não tendo como escapar à prática de controle e submissão, vivem dentro de uma faixa (...) estreita de possibilidades” (Altoé, 1990a, p. 267).

Altoé fala de uma disciplina que apenas controla e submete os sujeitos. Todavia, é necessário analisar esta disciplina ou poder disciplinar sob outro ótica. Através dos estudos de Foucault, é possível ultrapassar esta análise que considera apenas os efeitos negativos deste poder.

“Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”, diz Foucault, na obra *Vigiar e Punir* (p. 172). É preciso considerar a sua positividade. Verdadeiramente, “o poder produz” (ibidem, p. 172).

“Ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.” (Foucault, 1986, p. 172). Para Foucault, “o poder é produtivo de individualidade” (Machado apud Foucault, 1979, p. 21). É necessário, então, conhecer o sujeito produzido por este poder disciplinar.

Invertendo a ótica através da qual comumente é analisado este poder, é crucial considerar que ele “não destrói o indivíduo; ao contrário, ele o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos”, reitera Machado (apud Foucault, 1979, p. 22).

Todavia, ao abordar o poder disciplinar, é fundamental avançar ainda mais, dizendo, em consonância com Foucault (1979, p. 221), que ele não pode ser atribuído apenas a alguns que o detêm, aos que dirigem as instituições totais, como faz Altoé. Estes são apenas parte da “rede do poder”, mas não a “fonte ou o princípio” de onde emana todo o poder.

“Os mecanismos institucionais, através do corpo de funcionários, é incansável na tentativa de aquietá-lo e enquadrá-lo no ideal disciplinar” (Altoé, 1990a, p. 266). Ela circunscreve o poder fundamentalmente aos funcionários, aos que dirigem as instituições totais. Todavia, comete novamente um outro equívoco.

Segundo Foucault (1979, p. 219), “o poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria”. Verdadeiramente é “uma maquinaria de que ninguém é titular.” Ao falar em maquinaria, está ressaltando “que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona” (Machado apud Foucault, 1979, p. 26).

Machado diz ainda que, em Foucault “o poder não existe, existem sim práticas ou relações de poder” (idem, p. 26). Há relações de poder entre todos os sujeitos, que ocupam distintos lugares nesta máquina, sendo que “alguns lugares são preponderantes e permitem produzir efeitos de supremacia (p. 219).

O poder funciona “como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras” (Machado apud Foucault, 1979, p. 26). Assim, ao se analisar uma instituição total, que é uma instituição disciplinar, é preciso abordá-la dentro da sociedade mais ampla, que é uma “sociedade disciplinar” (Foucault, 1996).

É fundamental analisá-la como uma entre tantas instituições disciplinares existentes, atualmente. Incluindo-a na rede institucional, é possível estudá-la não de forma atomística, fragmentada, atribuindo-lhes funções que, na verdade, caracterizam todas as instituições disciplinares ou de seqüestro (Foucault, 1996).

Enquanto instituições disciplinares, escolas, fábricas, hospitais, prisões, todas se empenham em controlar ostensivamente o tempo dos homens, de tal maneira que venha a se tornar tempo de trabalho. Todavia, não se encarregam apenas desta “dimensão temporal” (Foucault, 1996, p. 116), mas da dimensão corporal.

Altoé (1990a, p. 22), em sua análise dialética da instituição, parece situar o poder disciplinar ou a disciplina no interior das instituições totais, bem como o controle do tempo, o qual é uma das funções inerentes às “instituições disciplinares”. Estaria vislumbrando uma instituição em que não haveria esta disciplina?

“No meu trabalho como psicóloga contratada, defrontei-me com os principais problemas do funcionamento institucional no atendimento à criança internada. (...) As principais dificuldades que aponto no primeiro relatório são a característica do atendimento se pautar por “disciplina”, cumprimento das normas, dos horários e das atividades (...).”

Quanto à discussão sobre o sujeito produzido pelo poder disciplinar, acredito que é crucial olhá-lo não como “uma espécie de matéria inerte anterior e exterior às relações de poder que seria por elas atingido, submetido e finalmente destruído” (Machado apud Foucault, 1979, p. 21).

Nesta investigação, quero considerar os outros efeitos deste poder na constituição do sujeito, que não é apenas submetido. A própria Altoé, na pesquisa denominada Menores em tempo de maioridade (1993a), levanta esta problemática.

“Consideramos que é necessário avançar o estudo para se refletir o quanto a vivência na instituição total (internato) marca o indivíduo

estruturalmente. O que podemos observar é que há na formação do indivíduo um certa ambigüidade, que tanto pode levá-lo a acatar a ordem, como se contrapor a ela.” (Altoé, 1990b, p. 74)

A análise institucional realizada por Altoé, que trata da “questão da criança internada desde a sua entrada quando bebê até a saída com dezoito anos” (Rizzini, p. 73), em sete internatos da FEBEM, mostra uma instituição na qual subsistem relações de poder fundamentalmente repressivas.

Neste ponto posso justificar mais uma vez esta pesquisa, na medida em que analiso uma instituição, na qual as relações de poder, na atualidade, são basicamente contratuais e raramente repressivas, uma instituição na qual seus funcionários vêm aprendendo a educar, a dialogar com os guris, grandes e pequenos, a viver em grupo.

Através deste estudo, tento verificar se a disciplina pode ser alicerçada sobre outras bases, e se uma “instituição disciplinar ou de seqüestro” (Foucault, 1996), como o Lar Metodista, pode ir além da vigilância e da punição.

“Eu comecei a notar que haviam aberrações, comecei a me dar conta que as filas eram demais. Parece que vai colocando as pessoas na forma e vai determinando como elas devem ser. Um dia eu falei pra ele “Na verdade, os nossos mundos são muito diferentes. Eu acho que o regime militar é muito bom, mas pra soldados e não pra crianças. O Sr. não vai mudar, vai sempre espelhar nessas crianças os soldados. A sua vida inteira no quartel foi assim, como soldado”. *Conversa entre os dois funcionários responsáveis pelos guris no Internato a respeito de como entendiam que deveria ser o trabalho*

Arriscando a não só disciplinarizar, a instituição investigada tem se mostrado como um caso à parte, na medida em que tem conseguido vencer o massacre, a mesmice e o determinismo. Um determinismo que diz que não

adianta, que estas são infâncias perdidas, que estes guris, com “estigma”, talvez “não sejam completamente humanos” (Goffman, 1988, p.15).

“Esses meninos não sabem nem a data do nascimento”. (...) Parecia que eles eram bichos. (...) O que ele - Diretor - me disse é que não tinha volta, que não adiantava investir neles. (...) Eu tinha certeza que os guris não eram assim. Eu tomei como um desafio pra mim”, diz o responsável pela educação dos guris na década de oitenta.

Todavia, não se acaba com esse determinismo, não se fazem apostas, não se mudam as expectativas apenas através das palavras. São as ações dos sujeitos, movidos por afeto, solidariedade e profunda identificação, que levam a romper com esse determinismo, a investir naqueles que parecem não ter mais jeito.

As ações vividas no Lar, o Lar Metodista, na última década, têm mostrado que esses sujeitos, verdadeiramente não são bichos, são humanos e, pertencendo a essa condição, têm potencialidades infinitas. Embora, às vezes lhes tenham sido dadas condições subhumanas de vida, são insistentes e vivem.

Vivem, porque são auxiliados por outros sujeitos, humanos, solidários, que não nasceram solidários, mas se constroem solidários, dia-a-dia. Fazendo-se solidários, contrariam toda a lógica vigente na sociedade atual, que é predominante uma lógica econômica, insensível, em seu núcleo de critérios, à solidariedade e, conseqüentemente, à dignidade humana.

“(...) há os que acreditam que o ser humano, quando imerso em instituições complexas, não pode deixar de ativar, por um lado, o seu interesse próprio (já que outros fatalmente ativarão o seu), mas que ele, por outro lado, permanece aberto a reclamos de solidariedade, não apenas em gestos individualizados, como ainda em projetos solidários institucionalizados, criados mediante uma soma de consensos coletivos”. (Assmann, 1991, p. 40)

Contrariando essa lógica, orientada pela economia de mercado, de um mercado mundial globalizado, as ações de alguns sujeitos, humanos, vêm mostrando que ainda há espaço para a solidariedade e dignidade. As ações

desenvolvidas no Lar são sobretudo olhadas sob esta ótica, hoje tão estranha para uma sociedade interessada não em sujeitos, mas em consumidores.

V. Como Olhei para Este Lar?

Poderia começar dizendo que a metodologia utilizada para olhar este Lar, o Lar Metodista, é qualitativa. Contudo, prefiro não fazê-lo, porque já estaria partindo de uma oposição, que pouco tem a ver com uma investigação da realidade social, já estaria segmentando dois aspectos, qualitativo e quantitativo, que são indissociáveis.

“O termo “Metodologias Qualitativas” consagra uma imprecisão, uma dificuldade histórica das teorias de se posicionar frente à especificidade do social. Ele supõe uma afirmação da qualidade contra a quantidade, refletindo uma luta teórica entre o positivismo e as correntes compreensivas em relação à apreensão dos significados. Se entendermos a interdependência e a inseparabilidade entre os aspectos quantificáveis e a vivência significativa da realidade objetiva no cotidiano, veremos a referida denominação como redundante e mesmo parcial.” (Minayo, 1994, p. 13)

Optando por uma metodologia qualitativa, estaria não somente fazendo uma escolha metodológica, mas também dizendo que esta pesquisa não inclui os aspectos quantitativos. Mas a minha escolha metodológica não exclui estes aspectos. Ao contrário, estes foram considerados não somente no momento em que ouvia os entrevistados, mas sobretudo agora em que reescuto as suas falas.

Não estou, todavia, dizendo que utilizo uma metodologia quantitativa, mas que não é suficiente o termo qualitativa, para garantir uma abordagem não positivista da realidade, para garantir que haja uma ruptura entre as

nossas opiniões, o senso comum, constantemente presente em nossas ações cotidianas.

Para romper com as opiniões comuns, com as quais cotidianamente se enfrentam os problemas, é preciso que haja vigilância. Uma vigilância epistemológica, segundo Bourdieu (1993), que permita ultrapassar as “enceguecedoras evidências” que estão diante dos que tratam com as ciências do homem.

Partilhando desta idéia, afirmo que é preciso não negar as evidências que se apresentam na realidade investigada, mas ir além delas. Somente esta postura garante a construção de uma ciência não positiva, que ultrapassa as noções comuns. Abandonando a postura empirista, creio que seja possível construir esta ciência.

Assim, estou dizendo que a construção da ciência depende essencialmente da postura epistemológica daquele que se ocupa desta arte. É a sua postura, as suas concepções acerca de como o sujeito apreende ou conhece o mundo, que leva o cientista a se inscrever ou não em uma ciência não empirista.

A inscrição nesta ciência, então, depende essencialmente das teorias que subjazem o fazer científico, mas também dos termos veiculados no discurso científico. Por isso é que volto a dizer que não estou utilizando uma metodologia qualitativa, mas que também relevo significativamente os aspectos quantitativos que encontrei quando fui entrando no Lar.

No decorrer desta investigação, realizada no Lar Metodista, não ignorei nenhum dos aspectos, qualitativo e quantitativo. Antes, esforcei-me para olhar tudo que pudesse me auxiliar a apreender essa realidade tão complexa e contraditória, essa vida institucional não homogênea, vivida por sujeitos heterogêneos.

Busquei não somente olhar e entender as ações ali desenvolvidas, as vivências significativas para os que estão naquele Lar, mas também ouvir atentamente as falas repetidas. Foram estas repetições, estes aspectos quantitativos, que me levaram a descoberta de um Lar, o Lar construído, na última década.

“Frente à problemática da quantidade e da qualidade, a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais são suas propriedades inerentes, e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes, ensejando-se, assim, a dissolução das dicotomias quantitativo/qualitativo, macro/micro e interioridade/exterioridade com que se debatem as diversas correntes sociológicas”. (Minayo, 1992, p. 11-12)

Ouvindo todos os entrevistados e especialmente os guris das Casas-Lar, descobri um Antigo Internato e um Novo Lar. Foram as reiteradas falas, as repetidas vozes, que me levaram a esse Lar. Antes de iniciar a pesquisa, conhecia algumas das ações e interações vividas no Lar, mas ainda não desconfiava de que ali havia sido construído um novo lugar (Viñao Frago, 1993-94)

Também não quero utilizar a expressão qualitativa porque assim fazendo estaria me inscrevendo numa tradição cartesiana, dualista, na qual não acredito. Uma tradição que sempre remete a uma falsa dualidade, que sistematicamente tenta dissociar aspectos indissociáveis de uma mesma realidade.

Não é fácil ultrapassar essa “herança” dualista. Passaram-se muitos anos, mas o legado de Descartes foi muito bem assimilado pela sociedade ocidental. Até hoje é difícil pensar a realidade social, a vida humana, sem separar, automaticamente, aspectos dessa realidade e, mais do que isso, sem criar oposição.

Em virtude disso, ao invés de dizer ingenuamente que esta pesquisa é qualitativa, quero ir além, mostrando como olhei e tentei compreender os diferentes lugares vividos, desde o início dos anos setenta até hoje, os distintos Lares construídos. Assim, prefiro mostrar a construção da minha trajetória de investigação.

Acredito que somente esta trajetória pode mostrar se me inscrevo ou não numa ciência não positivista e o quanto consigo me afastar das opiniões cotidianas, romper com as representações partilhadas por todos, construindo, assim, o objeto próprio da ciência, o objeto científico, como diz Bourdieu (1989, p.20).

Bourdieu (Idem, p. 23-24) fala que quando se está envolvido com a construção do objeto científico, o fundamental é pensar relacionalmente. Aliás, Bourdieu diz que é preciso “pensar o mundo social de maneira realista” (p. 27), o que corresponde em Cassirer (apud Bourdieu, 1989, p. 27-28) “a pensar relacionalmente”.

O que é este pensar relacionalmente, tão importante para a construção do objeto e, geralmente esquecido na investigação científica tão ocupada com a oposição teoria e metodologia? O que é este pensar relacional para Bourdieu?

“Ora, é mais fácil pensar em termos de realidades que podem, por assim dizer, ser vistas claramente, grupos, indivíduos, que pensar em termos de relações. É mais fácil, por exemplo, pensar a diferenciação social como forma de grupos definidos como populações, através da noção de classe, ou mesmo de antagonismos entre esses grupos, que pensá-la como forma de um espaço de relações” (Bourdieu, 1989, p. 27)

Bourdieu (1989, p. 20) diz que este pensar relacional, este “método de pensar” possibilita que o cientista venha construir objetos científicos a partir de objetos socialmente insignificantes ou reconstruir os objetos sociais importantes, ao apreendê-los de um ângulo insuspeito, imprevisto ou novo.

É também este pensar relacional que dificulta separar as opções metodológicas e as escolhas teóricas, e permite romper, assim, com a tradição existente na investigação científica que divide e, eu diria, opõe teoria e metodologia. Em virtude disso, não vou separar as escolhas teórica-metodológicas.

Creio que a proposta feita por Cassirer e Bourdieu de se pensar relacionalmente é muito arrojada. Eles convidam para que a análise da realidade social não se circunscreva a apenas um dado desta, mas que sejam considerados diferentes dados e sobretudo sejam relacionados entre si. Isso é uma operação que requer uma atividade não só inteligente, mas criativa.

Bourdieu (1989, p. 29) diz que a análise relacional da realidade, a construção do objeto científico ocorre gradualmente. “(...) Constroem-se, pouco a pouco, espaços sociais os quais - embora só se ofereçam em forma

de relações objectivas muito abstractas e não se possa tocá-los nem apontá-los a dedo - são o que constitui toda a realidade do mundo social”.

Estou falando da necessidade da análise relacional e da construção do objeto científico, mas, afinal, o que significa construir o objeto? Como Bourdieu entende que se constrói este objeto? Qual a atitude que o pesquisador precisa desenvolver para chegar a esta construção e romper com o que as construções pré-existentes, anteriores a sua ida ao campo de investigação?

Para construir o objeto da ciência é preciso ter, diante dos fatos observáveis, uma postura ativa, a qual os questione sistematicamente, para poder apreendê-los. É necessário abandonar “a passividade empirista, que não faz senão ratificar as pré-construções do senso comum” (Bourdieu, 1989, p. 32).

Além disso, é necessário “construir um sistema coerente de relações”, que será examinado e avaliado como tal. É necessário “interrogar sistematicamente o caso particular”, indagar o “caso particular do possível”, segundo Bachelard (apud Bourdieu, 1989, p. 32), para extrair dele as invariantes.

Inicialmente, quero enfatizar algumas concepções de Bourdieu com as quais compartilho e que aparecem constantemente nesta pesquisa. Ele fala que para construir o objeto científico é preciso ter uma postura ativa e sistemática. Convidando à uma postura ativa, mostra que é preciso obrigatoriamente abandonar a atitude empirista.

Acredito que justamente aí reside uma das maiores dificuldades ao se fazer uma investigação científica, porque sistematicamente se é impelido a retornar à tradição empirista, arraigada e quase imprimida em todos, inclusive naqueles que se dedicam à atividade científica. Fazer esta ruptura com o senso comum é verdadeiramente uma tarefa muito difícil.

Contudo, é somente através desta ruptura que é possível construir o objeto, o objeto científico. É só através da atitude de um sujeito inteligente, capaz de pensar relacionalmente, que se pode ultrapassar as primeiras opiniões sobre os fatos sociais, as prenoções, que sistematicamente são utilizadas no cotidiano. (Bourdieu, 1993)

Além disso, quero colocar em destaque uma outra concepção de Bourdieu. Ao defender que se deve construir um sistema coerente de relações, está assinalando a necessidade justamente de se abordar não só um sistema, mas um sistema em movimento, onde há relações. Um sistema que somente é possível de ser aprendido a partir de um conjunto de relações.

Eis aí outra dificuldade para todos que se envolvem com a atividade científica. Parece-me que esta atividade, que requer o pensar relacional, exige a inclusão de um movimento, de movimentos inclusive contraditórios, a consideração de relações contraditórias. E novamente isso exige muito esforço para aqueles que estão envolvidos com a atividade científica.

É preciso assumir, segundo Demo (1985), que há predominância da contradição e do conflito sobre a harmonia e o consenso. Além disso, que predomina o fenômeno da transição, da mudança, do vir-a-ser sobre a estabilidade e também de que há um movimento, no qual se está inserido, que é histórico.

“(…) Nada existe eterno, fixo, absoluto. Portanto não há nem idéias, nem instituições e nem categorias estáticas. Toda vida humana é social e está sujeita a mudança, a transformação, é perecível e por isso toda construção social é histórica.” (Minayo, 1994, p. 67-68)

Verdadeiramente tudo é mutável, porque é histórico. Eis uma das teses fundamentais da teoria dialética, que venho utilizar nesta investigação. Digo, então, em consonância, que não há nada que não esteja sujeito à mudança. Nem os seres humanos, nem mesmo as instituições humanas. Nem mesmo o Lar Metodista.

Através da dialética, olho para este Lar não mais como uma unidade estática, mas uma totalidade dinâmica. Este referencial permite, então, que eu não perca de vista a dinamicidade, provisoriedade e transformação e consiga aprendê-lo, construí-lo a partir do Lar já construído pelos sujeitos que ali vivem.

Esta apreensão, construção deste Lar tem, a meu ver, que incluir estes princípios, para dar conta de uma realidade em mutação e de um sujeito em construção, sempre olhado a partir de um movimento, de um vir-a-ser. Aliás,

este Lar, o Lar Metodista, só pode ser entendido, e não deformado, se inserido nesse movimento.

Com esta teoria posso também valorizar a permanente criação feita pelas ações de sujeitos que estão em interação no mundo. Afirmo, então, como Minayo (1994), que o homem, agindo no mundo, está constantemente criando ou recriando-o. Quero valorizar a ação deste homem que ao mesmo tempo em que constrói o mundo, constrói a si próprio.

Além disso, acredito que com este olhar consigo ultrapassar a tradição dualista, que faz separar sistematicamente realidades, fragmentos de realidade inseparáveis, resgatando uma totalidade, não homogênea, mas constituída de fragmentos contraditórios. Creio que ainda hoje os pesquisadores se esforçam para apreender esta totalidade.

Buscam compreender essa totalidade, a realidade social em sua totalidade, o sujeito, mas não conseguem ultrapassar as meras iniciativas. Tudo permanece aí, mostrando o quanto ainda se está longe de abordá-la. Permanecem as buscas, embora já se saiba da impossibilidade de conhecer plenamente não só a natureza, a sociedade, mas sobretudo o homem.

Um homem racional, como pregava o racionalismo dos séculos XVIII e XIX, mas também emocional, como afirmam as pesquisas realizadas, na última década, por Luiz Machado e publicadas na obra Cérebro e cérebro. Um ser constituído de objetividade e subjetividade, de materialidade e espiritualidade, ambos fragmentos de uma mesma totalidade.

E aí está outra tese fundamental da teoria dialética. Entendendo por totalidade o “caráter total da existência humana e da ligação indissociável entre história dos fatos econômicos e sociais e história das idéias” (Minayo, 1994, p. 69-70), afirma que o real só é apreendido, em sua complexidade, se for abordado como totalidade.

Este princípio, assumido radicalmente, altera a postura científica, de tal maneira que não há mais como não olhar o real sem pensá-lo dialeticamente, em termos de totalidade. Mas essas mudanças vão mais longe e interferem inclusive no modo de ver o próprio homem, considerado pelas teorias científicas ora como sujeito, ora como objeto.

“O interesse central de tal ciência (ciência dos fatos históricos) é o fato de que os seres humanos não são apenas *objeto* de investigação, mas pessoas com as quais agimos em comum: são sujeitos em relação.” (Minayo, 1994, p. 68)

Partir desta perspectiva dos sujeitos em relação, é revolucionar o nosso modo de fazer ciência. É abordar o homem, as instituições humanas nas quais está inserido, não mais como “objeto de estudo” (Goldmann, 1980, p. 22), opondo-se, assim, às explicações e teorias científicas empiristas e positivas.

Partilhar da teoria dialética significa também conceber que as ações destes sujeitos, em relação, contribuem não somente para a reprodução, mas também participam da produção da sociedade. Minayo (1994, p. 68) ressalta esta afirmativa, dizendo que “(...) os fenômenos sociais são produtos da ação e da interação, da produção e da reprodução da sociedade pelos indivíduos”.

“(...) a teoria dialética é a teoria da ação humana que ao mesmo tempo faz história e é determinada por ela: busca as transformações do sujeito da ação, isto é, as transformações da sociedade humana”. (Minayo, 1994, p. 73)

Assim, está se afirmando que o homem é verdadeiramente ator de sua própria existência, juntamente com outras teorias que também o concebem assim. É também autor, que cria e recria esta existência, juntamente com outros homens, outros autores. Em relação uns com os outros, estão permanentemente inventando suas existências e, assim, a história.

Este é um outro fundamento da teoria dialética, segundo o qual o homem cria ou transforma a história, o mundo, não somente quando está agindo nele, mas também quando o interpreta. Todavia ele também reflete esta história. É preciso entender aqui que esta ação, que reflete a realidade, é também criação ou transformação desta realidade.

Sheptulin (1983, p. 67) diz que esta criação, a qual é verdadeiramente transformação da realidade, somente acontece quando se “basa en el reflejo de la realidad existente y de las posibilidades concretas que ésta involucra.” Assim, esta realidade ao mesmo tempo que é refletida nas ações dos homens é também constantemente criada por eles.

Assumir a autoria humana significa crer que os homens, em interação, organizados em instituições, não se limitam a reproduzir a realidade, o mundo, a história. Mas também a produzem, ou seja, têm “contribuição produtiva tanto ao nível das transformações sociais principais quanto ao nível micro-social” (Petitat, 1989, p. 29)

A dicotomia reprodução/produção é outra que advém das teorias científicas que fragmentam a realidade social, a ação humana. É preciso abandoná-la para apreender esta realidade, que é complexa e contraditória, não circunstancialmente, mas permanentemente. Somente é possível apreendê-la, se olhada e abordada em suas contradições.

Assumir esta realidade como “suficientemente contraditória” (Demo, 1985, p. 86) significa inseri-la na história, no incessante vir-a-ser, em que nem os homens, nem as instituições humanas, estão previamente determinados, mas constantemente em construção. Olhar sob esse ângulo ainda hoje é um desafio.

VI. Qual Caminho Percorri para Construir Este Lar?

Antes de falar propriamente do caminho que percorri para construir o Lar, quero explicitar algumas concepções que subjacem a esta construção, as quais são importantes para compreender plenamente esta investigação. Uma destas concepções diz respeito ao ato de conhecer.

Proponho, inicialmente, que conhecer seja associado com o ato de pintar. Ao fazer ciência, o cientista está pintando, a partir de algumas imagens. Ao pintar, capta-se algumas imagens e, a partir das cores e nuances escolhidas, mostra-se como ela é percebida pelo pintor, naquele instante.

Pintando uma dentre várias imagens possíveis, o investigador está criando uma imagem, reinterpretando o que vê, partindo da sua visão sobre o real. Sua criação inclui não somente aquilo que é visto, mas suas próprias emoções. Ressalto aqui o princípio da não neutralidade do cientista que investiga a vida social, humana.

Acredito que a visão de mundo, as suas escolhas políticas, os seus valores, estão presentes na obra criada, no objeto científico construído. Vou mais além, dizendo que, inclusive na seleção da imagem pintada, da realidade investigada, ele se revela. Também aí o investigador desvela as suas crenças, os seus interesses e também paixões.

Por isso, mais importante que ocultar sua visão de mundo, acreditando que assim alcança a objetividade, o crucial é assumi-la, inclusive para que possa avaliar o quanto esta deforma ou não o objeto científico em construção. Assim, creio que não há uma ciência totalmente livre da ideologia do cientista.

“Liberar-se por um “esforço de objetividade” das pressuposições éticas, sociais ou políticas fundamentais de seu próprio pensamento é uma façanha que faz pensar irresistivelmente na célebre história do Barão de Münchhausen, ou

este herói picaresco que consegue, através de um golpe genial, escapar ao pântano onde ele e seu cavalo estavam sendo tragados, ao puxar a si próprio pelos cabelos (...) Os que pretendem ser sinceramente objetivos são simplesmente aqueles nos quais as pressuposições estão mais profundamente enraizadas”. (Lowy, 1987, p. 31)

Quero enfatizar aqui também uma ciência orientada por uma dúvida radical, que orienta a busca em direção ao conhecimento. É esta dúvida que leva o cientista a conhecer, a descobrir o novo, o inusitado, o inesperado. Acompanhada desta dúvida, procurei desvelar esta instituição chamada Lar Metodista.

Realizei, então, um estudo de caso de tipo etnográfico, em virtude de que oportuniza o estudo de uma unidade particular, cuja experiência é singular. Este estudo permite investigar intensivamente um único objeto de indagação social (Biddle e Anderson, 1989).

Walker (1983, p. 45) diz que o estudo de caso é o “exame de um exemplo em ação”. É o estudo de “uns incidentes e fatos específicos e a coleta seletiva de informação de caráter biográfico, de personalidade, intenções e valores (...)”.

Diz que a finalidade do estudo de caso é “captar e refletir sobre os elementos de uma situação que lhe dão significado”. Além disso, cita distintos estudos de casos, afirmando que estes “têm em comum uma certa dedicação ao conhecimento e a descrição do idiossincrático e específico como legítimo em si mesmo.” (idem, p. 45)

Nesta pesquisa busquei justamente desvendar aquilo que é único e específico a experiência do Lar Metodista. Procurei desvelar este Lar que foi mudando enquanto “instituição total” (Goffman, 1961) e conservando-se enquanto “instituição disciplinar” (Foucault, 1986).

Para isso, foi preciso que eu olhasse aquele Lar tão familiar com estranhamento, para logo em seguida olhá-lo mais uma vez com interesse e curiosidade (Erikson, 1989). Com olhar curioso, entrei no Lar em novembro de 1994 para realizar as primeiras entrevistas.

Estas entrevistas, que foram não-estruturadas, fizeram com que eu gradualmente fosse entrando naquele Lar e me tornando também moradora daquele lugar. Mas isso aconteceu não sem ter vivido uma crise. Como observadora que estava vivendo o cotidiano do Lar, foi difícil ser estranha e amiga ao mesmo tempo (Powdermaker apud Walker, 1989).

Como conciliar o olhar de quem é amigo, mas também é estranho? Creio que esta indagação esteve sempre comigo ao longo dos dezoito meses que estive no Lar Metodista. Oscilei permanentemente entre a amiga e a estranha. Mas verdadeiramente foi mais difícil ser a estranha, porque, antes mesmo desta investigação, eu já era amiga dos que viviam naquele Lar.

A expressão de Blyte (apud Walder, 1983, p. 62) “fazer uma estranha viagem por uma terra familiar” sintetiza o que ocorreu durante esta investigação. Verdadeiramente, eu estava fazendo uma estranha viagem por uma terra familiar. Todavia, logo que permaneci nesta terra familiar, no Lar Metodista, percebi que era mais estranha do que familiar.

Como amiga, não tinha vivido o cotidiano deste Lar. Era preciso, então, vivê-lo, com os gurus e funcionários, para aprendê-lo. Assim, fui gradualmente conhecendo o Lar, como estranha, que era também amiga. Era fundamental entrar e ali permanecer para descobrir o que acontecia neste lugar.

Assim, fui entrando naquele universo, estranho e familiar, ora observando-o, ora entrevistando alguns dirigentes e gurus. Embora tenha utilizado ambas técnicas, usei principalmente a entrevista semi-estruturada, em virtude de que esta inclui não somente a perspectiva do investigador, mas também as dos sujeitos investigados.

Acreditava que somente ouvindo estes sujeitos, poderia familiarizar-me com aquele Lar. Exercitei-me constantemente como ouvinte. Foi desta maneira que entrei no Lar deles, que fui deixando de estranhá-lo para conhecê-lo. Através da entrevista, a qual foi a principal técnica desta investigação, ouvi atentamente os sujeitos dos diferentes Lares.

Mas a entrevista também permitiu que eu não só ouvisse, mas também dialogasse com os sujeitos dos distintos lugares - Internato, Casa-Lar e Lar. Esta atitude dialógica foi importante para que estes falassem dos seus sentimentos, das suas vivências naquele lugar. Esta atitude também

aproximou-nos, embora nossas posições entrevistadora-entrevistado nunca tenham sido esquecidas.

“Hacen falta dos para decir la verdad.

Uno por un lado y otro por el contrario?

No es eso a lo que me refiero. Quiero decir que se necesitan uno que hable y otro que escuche. Un portavoz y un auditor. Decir la verdad respecto de una situación compleja requiere una cierta actitud por parte del que la recibe.

Qué se requiere del receptor?

Yo diría que por encima de todo un nivel de inteligencia emocional...

Imaginación.

Disciplina.

Simpatía, atención.

Y paciencia.” (Bedford apud Walker, 1989, p. 73)

Acredito que somente a entrevista possibilita que entrevistador e entrevistado interajam verdadeiramente. Associo-me, então, às idéias de Lüdke e André (1986, p. 33), as quais afirmam que “na entrevista (não totalmente estruturada), a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”.

A escolha desta técnica de investigação, ao privilegiar esta interação ou troca ativa entre eu, como entrevistadora, e os outros sujeitos, como entrevistados, vem ao encontro também das opções teórico-metodológicas que fiz anteriormente. É à luz da teoria dialética que esta interação faz sentido.

É preciso dizer também que esta técnica tem sido sistematicamente utilizada por mim, enquanto fonoaudióloga, desde o início da minha formação nesta área em 1983 até a interrupção desta atividade profissional em 1994. A experiência com entrevista clínica, ao longo destes anos, foi decisiva para que eu viesse a utilizá-la adequadamente nesta investigação.

Contando com esta experiência, iniciei entrevistando alguns dirigentes e outros gurus, os quais foram não somente direcionando as minhas observações e indagações, mas também apontando os próximos sujeitos entrevistados. Este direcionamento foi atingindo, assim, todos os âmbitos desta investigação.

As entrevistas, inicialmente abertas ou não estruturadas, foram modificadas para contemplar alguns ângulos específicos daquele Lar. Após a fase exploratória, compreendida de novembro de 1994 a abril de 1995, já eram entrevistas semi-estruturadas.

Aqui caberia indagar ainda por que eu optei pela entrevista semi-estruturada ou não totalmente estruturada (Lüdke e André, 1986)? Utilizei-a em virtude de que não segue uma ordem rígida. Nesse sentido, permite aos sujeitos entrevistados uma certa liberdade, inclusive para interligar temas e sugerir outros.

Verifiquei que essa entrevista parcialmente estruturada permitiu que uma parcela dos sujeitos entrevistados, os gurus do Lar, falassem sobre os temas, sem perderem-se em divagações. Ao mesmo tempo, constatei que esta estruturação não impediu que abordassem alguns temas com os quais estavam ocupados e que eu não havia incluído na entrevista.

Seria possível, entretanto, apreender os diferentes Lares utilizando somente a entrevista como técnica de investigação? Em consonância com Lüdke e André (1986, p.19), acredito que para estudar um caso é preciso contar com “uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes.”

Assim, incluí a observação entre as técnicas, a qual me permitia compreender os distintos lugares - Internato, Casa-Lar e Lar - a partir de outros ângulos não abordados nas entrevistas. Inicialmente, esta observação se estendeu aos espaços onde estavam os sujeitos. Todos foram vasculhados pelo meu olhar.

Foi observando os espaços vividos que fui construindo os diferentes Lares. Todavia, gradualmente verifiquei que para esta construção ainda faltavam informações. Olhando ou vasculhando o refeitório do Internato, verifiquei a presença de um mural com fotos do dia-a-dia dos gurus, que eram freqüentemente atualizadas ou substituídas por outras mais recentes.

Estas fotos, porém, não eram as únicas que estavam à exposição neste lugar. Havia quadros com fotos de todos os gurus que moravam no prédio do velho Internato na maioria das paredes deste refeitório. Existiam muitas

outras fotos espalhadas em outros espaços deste prédio. Concluí, então, que a fotografia poderia ser a fonte de informação que faltava nesta investigação.

Busquei, então, olhá-las com a ajuda do funcionário que havia fotografado o dia-a-dia dos gurus desde a sua chegada no Lar, em 1981, quando veio para trabalhar com os gurus do Internato. Após esta análise minuciosa, selecionei aquelas que retratavam os diferentes Lares existentes desde a década de setenta.

Encontrei entre as fotos, poucas que registravam o dia-a-dia dos gurus do Internato da década de setenta. Ao contrário, achei muitas que retratavam o cotidiano vivido pelos gurus no novo Internato ou Lar, como é denominado, na atualidade, pelos gurus que ali estão abrigados.

Estas fotos aliadas às falas dos gurus que nelas estavam retratados foram cruciais não somente na construção que eu fiz dos distintos lugares ou Lares - o Internato, a Casa-Lar e o Lar - mas na reestruturação das entrevistas, após a fase exploratória, realizada no primeiro semestre de 1995.

“As fotografias que o pessoal possa ter tirado de antigos alunos ou de outros membros do pessoal fornecem uma percepção de como eram essas pessoas embora nunca as tenha encontrado.

Não sendo um substituto para a presença, as fotografias podem oferecer-nos uma visão histórica do meio e dos seus participantes. Para além disso, essas fotografias podem ser incorporadas em relatórios de investigação de forma a comunicar essa perspectiva.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 184)

Mas as observações não ficaram restritas apenas à descrição dos espaços vividos pelos sujeitos do Lar, incluindo também o registro de diálogos que tive com alguns dos funcionários e gurus e que trouxeram outras informações, não abordadas por eles nas entrevistas e nem incluídas por mim.

É oportuno que eu diga neste momento que a observação que realizei foi mesclada de participação, ou seja, que não fiquei olhando as cenas vividas no Lar “através de um espelho de um só sentido” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 125). Porém, ao participar das interações com os sujeitos do Lar, vigiei-me para não esquecer que eu estava ali à procura de informações.

Interagi também para entrar naquele Lar e para poder olhá-lo a partir deste lugar, observá-lo estando dentro dele. Não foi uma tarefa fácil. Como amiga, estava sempre compelida a interagir, esquecendo mesmo o objetivo desta investigação. Durante toda a investigação, fui aprendendo que era necessário ora aproximar-me daqueles sujeitos, ora afastar-me.

Foi um difícil aprendizado em que eu precisei interagir e deixar de interagir, observando. Interagindo, observando e vigiando para não abandonar o papel de pesquisadora, fui conhecendo os diferentes Lares construídos pelos seus sujeitos.

Assim, fui pintando os Lares que fui encontrando. Não usei todas as técnicas e nem todas as cores para pintá-lo. Não olhei de vários ângulos, foi preciso centrar meu olhar. Eis aí a pintura feita. Certamente, não é a mesma que seria pintada pelos sujeitos retratados. Todavia, é a pintura possível nesse momento.

VII. Quem São os Que Falam Deste Lar?

Para construir os distintos lugares - Internato, Casa-Lar e Lar - incluí nesta investigação as falas dos sujeitos dos distintos grupos, dos dirigentes e dos gurus por eles dirigidos. Observando e entrevistando, fui encontrando aqueles que deveriam falar deste Lar Metodista ou destes diferentes Lares construídos desde o início da década de setenta até hoje.

Encontrei, sem procurar, primeiramente os dirigentes destes Lares. Ao entrar no Lar Metodista, já estava diante deles. Em novembro de 1994, iniciei entrevistando o Diretor Geral do Lar Metodista, o qual dirigia, na década de setenta, os gurus do Internato e, na década de oitenta, os funcionários e gurus.

“Comecei em março de 1974, numa época em que o Lar enfrentava uma das piores crises da sua história. O Lar estava em vias de fechar.” Nesta época, “o pastor da Igreja Metodista Central achou que eu poderia dar uma colaboração para o Lar, em função do meu envolvimento com os jovens da Igreja.

“Eu vim pra o Lar com 19 anos pra trabalhar diretamente com as crianças.” Ingressava, assim, na instituição como funcionário do Internato. “O Diretor me ajudava muito. Ele era professor. Tinha experiência com adolescentes. (...) Ajudou muito no atendimento às crianças, que realmente não foi fácil, em função de que eu também não tinha experiência”.

“Em 1976, o pastor (...) da Igreja Metodista Central assumiu a Direção e formou uma equipe de trabalho, onde participaram a missionária Maria Helena, eu, fiquei no setor dos alunos, e (...) ele, como administrador.” Nesta ocasião, sua atuação começava a se ampliar, indo além do Internato.

Em 1979, “quando o Lar completou 40 anos, nós fizemos um planejamento de cinco anos, onde incluímos a experiência da Casa-Lar. (...) Esta experiência levou em torno de 5 anos.” No final desta década, não

ocupava apenas o lugar de funcionário do Internato, mas também o lugar existente entre os que dirigiam os funcionários e os gurus do Lar Metodista.

Nesta época, “(...) já estava indo para o final da direção dele. Nós montamos alguns projetos com o objetivo de dar uma nova visão de profissionalização, ou seja, colocar a profissionalização como uma prioridade (...)” Verdadeiramente, no início da década de oitenta, passava a falar e agir como um dos dirigentes da instituição.

“(...) Saiu o pastor”, em 1981 e “o professor Mário assumiu como Diretor. Ele era presidente do Conselho Diretor do Lar. (...) Ficou um ano. Depois, assumiu o Antônio, que era responsável pela profissionalização”. Quando o Antônio assumiu a Direção, eu assumi a Vice-Direção.” Nesta ocasião, conquistava o lugar entre os dirigentes do Lar.

“Eu comecei a trabalhar mais na parte da administração. Na parte do Internato ficou o Oto. O Antônio ficou dois anos como Diretor e depois eu fui eleito como Diretor Geral.” A partir de 1984, passava a dirigir os funcionários e os gurus do Lar, deixando para outro funcionário o seu lugar no Internato.

Em 1981, “quando eu cheguei, era tudo novidade pra mim. Eu tinha uma idéia muito diferente do que era o trabalho com a criança. Pra te dizer a verdade, eu nem sabia o que era mesmo. Eu sabia que era uma dificuldade”, revela o funcionário que entrava no Internato para substituí-lo. Ingressava, assim, na instituição sem experiências anteriores com esta realidade.

Nessa época, “(...) o Adão era diretor do Internato, que é o que eu sou agora e tinha dois monitores”, monitores que eram funcionários. “(...) Lembro que disseram “Nós vamos te dar todos os grandes pra trabalhar.” (...) Os meus eram vinte e oito e os do Altivo eram mais ou menos trinta e quatro. O Adão trabalhava com nós dois.”

No início da década de oitenta, estava entre os funcionários que educavam os gurus do Internato. “Eu notei que os maiores eram os mais revoltados. (...) Precisava de bagagem pra entender aqueles meninos. Eles tinham muito mundo já.” Assim, foi entrando neste Lar ou lugar onde viviam muitos gurus desde os 6 aos 18 anos.

“Naquela época, eu não passava de um guri que estava junto com eles. Eu tinha um sentimento de guri que estava junto com eles.” Todavia, seu papel não era o de aluno, mas o de funcionário que deveria vigiar e punir, como lhe disse o Diretor Geral. “Tu viestes pra cá e estás sendo bastante útil. Mas eu acho que tu ainda não conheceu bem o trabalho.”

“Se o guri apanha ele sabe porque apanhou. É pra ele não voltar a fazer mais. Não precisa falar. Se tu vais falar com ele, ele vai passar por coitadinho e tu por bonzinho”, explica o Diretor, mostrando-lhe o lugar que lhe estava reservado na instituição. Nesta época, este funcionário ainda não havia assumido que não fazia parte do grupo de gurus, mas do que os dirigiam.

“Daquela época em diante, eu comecei a pensar “Onde eu estou?” Eu comecei a sentir que a coisa era mais séria. Acho que eu comecei a amadurecer assim. (...) Eu lembro que eu comecei a atuar de forma diferente. Sabe o que eu fazia quando eu via que o guri aprontava? Se o guri estava errado, eu dizia que estava errado. Eu gostava de conversar separado, sem as pessoas saberem. Mas nunca colocando ele contra alguma pessoa. (...) Tentava também conversar (...) com o funcionário que estivesse envolvido, mas sem nunca contar o que o guri me falava. Muitas vezes, os gurus estavam errados e outras tantas os adultos.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus no Internato na década de oitenta*

“Logo que eu cheguei, o Adão passou a ser o Vice-diretor e saiu daqui. Entrou o Mauro (...)”, como Diretor do Internato. “Depois saiu o Mauro. (...) Também saiu o Altivo. Fico só eu por quase um ano” com os gurus do Internato. Conversando, interagindo, funcionário e gurus iam se aproximando e revendo os antigos papéis institucionais (Goffman, 1961).

“Depois veio o Sr. Pedro. Ele era militar. (...) Eles não definiram quem seria o responsável pelo Internato. Ficou subentendido que seria ele, mas não disseram.” Iniciava uma época em que habitava o Internato dois funcionários com concepções de mundo bastante distintas. Com concepções diferentes, aparentemente contraditórias, estes funcionários começavam a reconstruir este lugar ou Lar.

“Sr. Pedro, na verdade, os nossos mundos são muito diferentes. Eu acho que o regime militar é muito bom, mas pra soldados e não pra crianças”, disse este funcionário para o outro, que era militar. Eis que este lhe respondeu “Oto, nós somos muito diferentes mesmo.”

Havia, nesta ocasião, um funcionário que impunha regras e outro que ainda rejeitava regras. Assim, conviviam e educavam os guris. Dia-a-dia, tanto os funcionários quanto os guris experimentavam uma rotina permeada de disciplina e indisciplina. Ora eram controlados, ora não eram. Ora estavam com um dos funcionários, ora com o outro. Assim estavam sendo educados.

Um tempo depois, “(...) ele - o militar - foi embora e eu fiquei durante um tempo sozinho com os guris.” Conversando, interagindo, funcionário e guris, iam revogando os “estereótipos antagônicos e hostis” (Goffman, 1961). “Eu gosto de dar oportunidade pra eles falarem”, diz este funcionário responsável pela educação dos guris no Internato na década de oitenta.

“Veio, então, a Ana, que ficou dois anos. Eu pensava “Chega de homem nessa casa. Vamos colocar uma mulher”, conta o mesmo funcionário. Neste lugar que, na metade da década de oitenta, estava sendo reconstruído, cabia uma mulher.

“Pensei em experimentar uma pessoa da mesma realidade dos meninos daqui pra trabalhar aqui dentro. Era uma das mães” dos guris. Entrava no Internato uma funcionária que compartilhava da “cultura do mundo original” dos guris internos (Goffman, 1961, p. 106).

“Nesse período, eu acompanhava a Ana. (...) Geralmente ia trabalhar nos empregos onde ela podia morar”, mas não “ficar com os filhos. (...) Pra ela isso era um dilema. Eu pensava “Ela precisa distribuir os filhos pra trabalhar como empregada doméstica.” De repente, ela poderia ser útil” no Internato.

“Essa época, foi quando eu assumi a direção do Internato. (...) Sugeri de eu assumir e encontrar uma pessoa pra eu trabalhar com ela.” Em 1986, o funcionário do Internato passava a ocupar um lugar entre os que dirigiam a instituição e dividir o trabalho no Internato com esta funcionária. Iniciava uma parceria.

A chegada da Ana foi muito boa. (...) Entre tantos, esse foi um lado bom. O fato de ser uma mulher. (...) A figura da mulher é muito boa. Era muito homem dentro da casa. A mulher tem coisas que são dela, o lado feminino.” Nunca mais este Internato seria o mesmo. Depois desta funcionária, outra a sucederia neste lugar.

“Eu, naquela época, era muito enérgica. Eu não tinha experiência de trabalhar com crianças desse tipo, que precisam de uma instituição (...)”, conta a nova funcionária do Internato. Era verdadeiramente uma experiência nova.

“Depois (...) ela saiu, fiquei um bom tempo de novo sozinho com os guris”, conta o diretor do Internato. Ela foi trabalhar com os guris da Casa-Lar e está lá até hoje. A dez anos na instituição, sua experiência é singular no sentido de ter trabalhado como funcionária no Internato e na Casa-Lar.

Todavia, não era a única que havia habitado estes dois lugares ou Lares. No final da década de oitenta, também começava a trabalhar em uma das Casas um outro funcionário que, de 1976 a 1983, havia sido guri interno. Por ter vivido os papéis de dirigido e de dirigente, sua fala necessitava ser ouvida nesta investigação.

“Eu cheguei com 9 anos. Tinha (...) uma americana que trabalhava aqui no Lar como nutricionista. A minha mãe era empregada doméstica dela”, diz este funcionário da Casa-Lar. “A minha mãe tinha dificuldades. Era ela só e mais três filhos pra criar. Ela foi conseguindo vagas pra nós. Eu já tinha dois irmãos, na época”, que estavam no Internato.

“Saí daqui somente durante um ano, em 1984, pra servir no quartel. (...) Voltei porque eles estavam precisando de alguém que trabalhasse na Gráfica, no lugar de um que ia sair. “Hoje tenho 29 anos. Fazem quase 20 anos que eu estou aqui.”

A fala deste e de outros funcionários, que vêm sendo formados, a longo prazo, foram importantes para observar os papéis que desempenharam fundamentalmente como “transmissores de tradição” (Goffman, 1961, p. 100), atuando em termos de conservação, em contraste com os guris, que tendem a agir em termos de mudança.

Enquanto iam chegando novos funcionários nas Casas-Lar, em 1989, entrava novamente uma mulher no Internato para trabalhar com os gurus e com o outro funcionário, o qual nessa época já era diretor. “Eu vim justamente pra trabalhar porque ele estava sozinho. (...) Quando cheguei, eu me apavorei. Tinha aqui cinqüenta e seis” gurus.

Distintamente dos outros funcionários, havia trabalhado antes de vir para o Lar em uma instituição chamada Casa da Criança, cuidando de crianças. Todavia, no Internato havia encontrado uma outra realidade. Era um grupo grande para trabalhar, no qual haviam somente gurus com idades variadas.

Além das funcionárias, outros funcionários ingressavam no Lar Metodista no decorrer da década de oitenta. “O meu contato com o Lar existe desde o seu início, como membro de uma família da Igreja, pastor e membro do Conselho Diretor do Lar Metodista durante muitos anos”. Em 1985, entrava na instituição o pastor da Igreja Metodista para criar a Pastoral do Lar.

“Eu já estive em uma outra instituição metodista que trabalhava com crianças, onde era bem diferente a forma de administrar. O que eu vi é que aquele tipo produz mais no sentido financeiro e de produção. Mas há um prejuízo bastante significativo no sentido de fraternidade”, conta este dirigente.

“(...) Também tenho uma experiência de internato de oito anos. A gente acaba sendo influenciado por essa idéia que já traz. Eu estive interno três anos no Instituto Educacional de Passo Fundo e depois mais cinco anos na Faculdade de Teologia. De forma que eu conheci esse sistema” fechado, essa “instituição total” (Goffman, 1961) ou esse sistema “disciplinar”.

Era imprescindível ouvi-lo, em função da experiência de internação. Todavia, não era menos importante incluí-lo nesta pesquisa, em virtude do papel de dirigente que havia assumido anteriormente em outra instituição e que estava começando a desempenhar no Lar Metodista.

Sua fala era não somente necessária à este estudo, mas obrigatória, sendo esta instituição metodista e ele o representante da Igreja na instituição. Todavia, como este estudo não focaliza o aspecto religioso em si, sua fala foi

ouvida no sentido de compreender basicamente os valores que são veiculados na instituição.

No final da década de setenta, “em um Concílio Regional da Igreja (...), o Diretor Geral do Lar me desafiou a vir pra o Lar Metodista. Ele me convidou pra trabalhar no sentido de profissionalizar os guris e também pra adequar um pouco mais a Gráfica”, conta o atual coordenador dos setores da gráfica e da serralheria.

“A minha profissão era de Gráfico. (...) Antes eu trabalhava em uma Gráfica em Cruz Alta. Naquela Gráfica, trabalhei durante dezesseis anos e aqui também fazem dezesseis anos”. Sua fala é importante para se analisar o quanto o trabalho desenvolvido nas oficinas vêm consolidar o valor simbólico e disciplinar atribuído ao trabalho nesta instituição.

“Eu ajudei a instalar algumas máquinas que estavam chegando. Começamos aí a ter um maior grupo de guris com a gente”, conta este dirigente. No início da década de oitenta, os guris adolescentes passariam a trabalhar sobretudo na gráfica, na serralheria e na marcenaria artesanal.

Além destes funcionários, ouvi a coordenadora do projeto sorriso, instalado no Chalé, onde iniciou o Lar Metodista. Este projeto, desenvolvido desde 1995, vem oferecendo aos guris a oportunidade de frequentarem as oficinas de música, teatro, artes plásticas e jogos.

Sua fala é fundamental pois discute a perspectiva de uma educação lúdica, tão necessária ao resgate dos sonhos dos guris adolescentes e crianças, e levanta a possibilidade de criar alternativas de trabalho artístico, que se transformem em perspectivas futuras para estes guris.

Cabe agora indagar sobre os guris entrevistados neste estudo. Comecei escolhendo-os em função da fase de desenvolvimento. Optei pelos guris adolescentes, em virtude de que estes conseguiriam relatar suas histórias, inter-relacionando o presente e o futuro às experiências passadas, ao contrário das crianças (Fierro, 1995).

“É na adolescência que o ser humano começa a ter propriamente história, memória biográfica, interpretação das experiências passadas e seu aproveitamento para enfrentar os desafios do presente e as perspectivas do futuro” (Fierro, 1995, p. 292).

Além disso, selecionei-os em função dos espaços nos quais estiveram - Internato, Casa-Lar e Lar - e do tempo que ali viveram. Procurei, então, gurus adolescentes que viveram experiências distintas tanto em termos de espaços quanto em tempos ali vividos.

Busquei incluir alguns com experiência de dez anos no Internato bem como na Casa-Lar, assim como outros com experiências menores de cinco anos nestes lugares. Também procurei selecionar em virtude da época em que estiveram nestes Lares.

Alguns dos gurus foram escolhidos para falar do Internato da década de setenta e início da década de oitenta, outros para falarem da Casa-Lar das décadas de oitenta e noventa e outros para falarem do Internato ou do Lar, assim denominado pelos gurus o lugar construído nas décadas de oitenta e noventa.

“Cheguei no Lar com 7 anos de idade”. Foi trazido para o Lar Metodista, em caráter provisório, por uma assistente social de um colégio de Curitiba, onde ficou após ter fugido da casa da pessoa que o cuidava, na época em que os pais haviam brigado. Foi maltratado e fugiu do lugar onde morava, o qual era localizado em Santa Catarina.

“Um dia, uma assistente social se preocupou com a minha situação (...). Ela decidiu que ia me ajudar. (...) Perguntou onde eu morava. Tudo o que eu lembrava era que a vila em que eu morava em Santa Catarina chamava Santa Maria. Eu disse pra ela que morava em Santa Maria. Ela, então, me trouxe pra cá. Encontrou a polícia aqui e giramos a tarde toda na cidade. Eu não conhecia nada, não identifiquei nada como sendo a vila que eu morava. Aí eles me deixaram provisoriamente aqui no Lar. E eu estou aqui provisoriamente até hoje.” *Guri abrigado no Internato de 1981 a 1996*

“Logo que eu cheguei foi uma época em que tinha muita divisão entre os gurus. Cada um queria puxar o seu pedacinho. O que concordava com ele, era do lado dele e o que não concordava, apanhava. Isto acontecia entre os gurus.” Eis o lugar, existente desde a década de setenta, no qual este guri estava entrando no início da década de oitenta. Este era o Internato.

Além de ter vivido dentro do Internato, posteriormente transformado em Lar, ainda havia acumulado a experiência de monitor. Desde o início da década de noventa, desempenhava o papel de vigiar e controlar os gurus que viviam no Lar. “É bem difícil mesmo se trabalhar com isso, entre controlar e não controlar”, diz ele.

“Vai fazer cinco anos que eu estou como monitor. (...) Eu achava que o monitor só mandava (...). Tu juntas tudo aquilo que o monitor faz dá um monte de coisas.” Ora trabalhando, ora controlando para que todos trabalhassem, ia tentando vivenciar os distintos papéis institucionais. Todavia, era como guri internado que comumente se apresentava aos gurus.

“Teve épocas que eu dormia com o problema do aluno. Com o meu e o problema dele. (...) Eu sempre fui de me enfiar no problema do aluno. Acho que fiz muito menos e participei mais de muitas histórias deles, de muitos problemas deles.” Era mais um guri entre tantos que ali estavam. Era da mesma origem social dos outros. Como poderia, então, controlá-los?

“Eu sou um guri tentando ser homem e tentando ajudar outro guri, que também está tentando ser homem. Então, fica mais difícil. Se eu fosse mais velho talvez tivesse mais experiência”, talvez pudesse vigiar e controlar os outros gurus. Todavia, ainda não estava preparado para desempenhar o papel de dirigir. Era um guri.

Na escola, tinha se esforçado muito. Agora, faltava apenas duas matérias para concluir o segundo grau. “Daqui um tempo, eu vou ter que terminar (...), vou ter que estudar.” Não era, todavia, o único naquele Lar ou lugar que havia alcançado este nível de escolaridade. A maioria dos gurus residentes ali, hoje, freqüentam o segundo grau.

No Lar, havia aprendido a editar e filmar juntamente com o diretor do Internato. “Eu fazia a parte de edição, que é o que eu me ligo mais, de manusear, de botãozinho e atenção. (...) Fui pra São Paulo, fiz curso. Tive em Porto Alegre e também fiz cursos aqui com o Oto. Hoje, eu dou curso de filmagem e de edição na cidade. Foi tanta coisa que eu aprendi (...)”.

“Eu agora saio da instituição, mas vou vir todas as noites pra dar curso pra eles”. Empregado no Instituto Metodista Centenário, em função de suas

habilidades com filmagem e edição, e ainda morando no Lar Metodista, está gradualmente saindo da instituição.

“Cheguei aqui, os meus irmãos já estavam aqui. (...) Lá ela (mãe) não tinha condições de vida pra sustentar nós todos. Nós éramos em mais ou menos sete irmãos. Aí a nossa tia conseguiu uma vaga pra colocar nós aqui. Aí três vieram pra cá”, diz este guri que entrava no Internato na década de oitenta.

“Ela mora em Dona Francisca. Atualmente, a condição de vida dela não é boa (...). Hoje, nenhum dos irmãos mora com ela. A gente vai visitar ela muitas vezes. (...) Um mês vai, outro não. Quando eu vim pra o Lar, eu só ia pra casa nas férias. Não dava pra ir, porque não tinha dinheiro (...)”. Era mais um filho de uma família das classes populares.

Chegando no Internato com 7 anos, em 1986, e saindo com 17 anos, em 1996, foi um dos gurus que participou da reconstrução deste lugar ou da sua transformação em Lar, juntamente com os outros gurus e funcionários que ali estiveram durante este período.

“Eu lembro que os quartos eram mais bonitos, mais ajeitados, tinham plantas. Era bem bonito. (...) Eu participei da organização do meu quarto. Cada quarto tinha um nome. O nosso quarto era dos três mosqueteiros, porque era eu, o Marciano e o Adriano. Nós éramos três irmãos.”

Naquela época, “a gente ficava o ano todo de gincana. A gincana existia pra os gurus se esforçarem mais. Todo mundo se esforçava. Eram três equipes. Às vezes, tinha festa gaúcha e cada equipe fazia sua cabana, enfeitava. Deixava bem bonito pra festa. Isso marcava muitos pontos.”

No Lar, “quando eu era aluno, quando eu não era monitor, eu não tinha muita coisa pra fazer. Mas quando pega o cargo de monitor, aí tem bastante. Tem responsabilidade. (...) É um pouco ruim ter que cobrar dos outros, mas tem que fazer. É a regra.” Assim se sentia no papel de monitor, que deveria controlar os outros gurus.

Na escola, “tive duas reprovações até aqui (...). Agora faço a 7ª série”, no turno da noite. Havia conseguido ultrapassar o nível de escolaridade dos seus irmãos que também estiveram no Lar durante a década de oitenta. Eles haviam freqüentado até a 5ª série.

“Na imobiliária, eu sou office-boy, faço serviço de banco. A gente aprende (...). Pra se profissionalizar não dá.” Era um guri entre outros do Lar que, na década de noventa, durante os turnos da manhã e tarde, ficava fora da instituição trabalhando.

“(...) Agora, que está lá dentro, é difícil. Não quer ir embora, não quer sair de lá”, confessa ele alguns meses antes de deixar a instituição. No 1º semestre deste ano deixou o Lar Metodista, indo morar com alguns conhecidos.

“A minha mãe, como não tinha condições de me criar, procurou uma instituição pra me colocar. Na minha família, nós somos entre quatro irmãos. Eu vim pra cá junto com o meu irmão. Só que ele já saiu. Ficou uns cinco anos”, diz este outro guri que veio para o Lar, assim denominado pelos guris o antigo Internato.

“Nos fins-de-semana, eu vou pra casa. Mas eu só encontro com a minha mãe e os meus irmãos. O meu pai (...), faz tempo que eu não vejo ele.” “A minha mãe agora tem uma casa lá na Santa Marta, nos sem-teto. Ela é empregada doméstica.”

Em 1987, chegava na instituição outro filho de uma família das classes populares. Era mais um que, temporariamente, tinha que ficar “circulando” (Fonseca, 1995) entre vários adultos. Era “dado” ou deixado no Lar, em virtude de que ali poderia ter suas necessidades básicas atendidas.

Na escola, atualmente, frequenta a 1ª série do 2º grau. “Eu penso em terminar o 2º grau (...)”, diz ele ao falar sobre os seus planos para o futuro. Era mais um dos que estava sendo bem sucedido na escola. Iniciava, então, o dia indo para a escola.

No Banco, “o meu serviço é falar com clientes, com pessoas, pegar extratos, mexer com papel”. Este era um dos guris que, na década de noventa, havia sido beneficiado com uma vaga na Caixa Econômica Federal. Assim, deixava a instituição também durante o outro turno do dia para trabalhar.

Este guri, tendo vindo com 9 anos para o Lar, em 1987, e saindo com 17 anos, em 1995, foi mais um dos que participou da reconstrução do

Internato ou da transformação deste lugar, que passou a ser chamado de Lar pela maioria dos que nele residem nos dias atuais.

“Na época em que eu cheguei, a minha mãe ainda era viva. Ela tinha que vir na Universidade (hospital) fazer um tratamento. Aí ela lembrou do Lar. (...) A gente morava em Tupanciretã. Ela procurou o Lar e consegui a vaga.” Era mais uma mãe entre tantas, provenientes das classes populares, que precisava “dar” (Fonseca, 1987) seu filho para que outros o cuidassem.

“Aquela foi uma época muito difícil (...). Eu pensava em fugir. Sonhava com a minha cidade. Mas eu nunca cheguei a fugir mesmo depois quando eu soube da morte da minha mãe, uns três meses depois que eu já estava aqui.” Na década de oitenta, ficavam ainda na instituição independentemente de suas vontades.

Eis um dos motivos que explicam as freqüentes fugas, nas décadas de setenta e oitenta. “Eu lembro de três irmãos, e de outros. Era um desespero quando as mães vinham com eles pra cá. Eles gritavam, desesperados “Não vou! Não vou!” Eu não entendia nada, naquela época. Eu ia lá tentar consolar o guri pra ele ficar”, diz o funcionário que estava no Lar desde 1981.

Eram recebidos na instituição “porque a mãe dizia que não tinha condições de estar com eles, porque trabalhava”. Todavia, atualmente, não ficam mais com os gurus quando estes não desejam. Após a entrevista com os responsáveis, estes gurus ficam na instituição durante um mês para uma experiência.

“É muito simples, se ele não quer ficar, não fica. A família que vá se virar. Às vezes, é muito cômodo pra mãe. Ela quer encontrar uma solução. Se não quer, não fica mesmo. Pra mim isso é fundamental. Ele é um ser humano. Ele tem o direito de escolher. Isso é uma das coisas que mudou. Antes, a gente ficava de braços cruzados, esperando a mãe resolver.”
Funcionário responsável pela educação dos gurus no Internato na década de oitenta e no Lar na década de noventa

Mas nem todos os gurus que sonhavam em fugir, levavam adiante este sonho. Este, que havia sido trazido pela mãe, foi um destes que não o

realizou. “Depois que passou uns três meses, que eu não ia embora, (...) passava mais tempo aproveitando e fui esquecendo da minha família, da família da minha mãe, já que nunca conheci o meu pai.”

Na escola, está por concluir a 8ª série. Era outro guri do Lar Metodista que estava concluindo o 1º grau. “Agora, com o ingresso no quartel, não estou estudando. Tenho que cursar a 8ª série. Tenho vontade de me matricular no supletivo. (...) Gostaria de terminar o 2º grau”, diz ele ao falar sobre o seu futuro escolar.

É preciso dizer aqui que a motivação para estudarem na escola, durante a década de oitenta, estava ligada às gincanas que aconteceram durante aproximadamente cinco anos consecutivos no Lar. Uma das tarefas que contava muitos pontos era a da escola. Os bons resultados alcançados na escola por cada um dos guris somava pontos para toda a equipe.

No Lar, havia aprendido a filmar com o auxílio do diretor do Internato. “Aprendi bastante olhando as filmagens. Fui aprendendo também com os guris que já sabiam. Como eles faziam pra filmar, eu fazia também. Com o tempo, eu ia fazendo outras coisas que eu fui aprendendo. Eu filmei várias vezes sozinho. No ano passado, filmava os aniversários de criança.”

Além disso, tinha aprendido a trabalhar com serigrafia, na oficina de jogos, criada no ano de 1995. “Aprendi bastante (...). A Cláudia pretendia fazer uns jogos pra crianças, como quebra-cabeças. A gente cortava a madeira, imprimia e fazia o acabamento. (...) Fazia 40 exemplares de cada jogo.”

“Se eu encontrasse um lugar pra trabalhar com serigrafia, eu trabalharia. Eu gostei de trabalhar. É um trabalho leve. É um pouco complicado, mas é muito bonito. Hoje, está se usando bastante.” Eis a expectativa de encontrar um “trabalho leve.” Não era, porém, o único guri do Lar Metodista que assim pensava.

Ao falarem sobre as perspectivas futuras de trabalho, a maioria deles, em algum momento, não escondia que ambicionavam este “trabalho leve”. Um destes guris, sem ser questionado sobre isso, acabou explicando o que seria este trabalho. “Não é um trabalho que tu vais ficar de sol a sol, como pedreiro”.

Seus sonhos, assim, já não eram mais modestos. Vários deles já não desejavam, como disse um dos guri, “empreguinhos de garçom”, nos quais alguns que haviam saído do Lar, hoje, estavam trabalhando. Também não almejavam trabalhar na construção civil. “Isso daí não é futuro”, diz este outro guri adolescente ao falar sobre as alternativas futuras.

“Eu tenho medo de ficar desempregado. O desemprego é um tormento! Fazer o que? Trabalhar na construção civil? Fazer casa pra os outros morarem e ir morar numa casa caindo aos pedaços? Isso não é futuro pra ninguém”, confessa este guri. Falava não apenas de um medo distante, mas de uma realidade presente, hoje, em sua família.

“Quem mais trabalha lá em casa é a mãe. O pai é vítima do desemprego. Perdeu o emprego dele a um ano e pouco. Agora, só consegue uns trabalhinhos. E ele não tem profissão também. A minha mãe trabalha como faxineira em várias casas. Agora, dos meus irmãos, só eu estou trabalhando e ajudando lá em casa.” *Guri abrigado na Casa-Lar de 1989 a 1994*

Era filho de um desempregado, de um excluído, que não tinha condições sequer de sustentar os filhos. Sem emprego e também sem qualificação para buscar um outro emprego, passava a ser um entre os milhares de “inaproveitáveis” ou “expendable”, como são denominados em inglês (Assmann, 1991).

Sem salário e sem perspectivas de obtê-lo, necessitava do auxílio de outros adultos para suprir as necessidades dos filhos. Nesta situação, restava buscar um lugar que pudesse acolher alguns deles. No final da década de oitenta, começava a trazê-los para o Lar Metodista.

Eis a fala de um dos seus filhos, que, embora tenha ficado inicialmente no Internato, acabou residindo em uma das Casas-Lar de 1989 a 1994. “O pai ficou sabendo do Lar e arrumou vaga numa sexta-feira. Na segunda, eu estava aqui. Eu tinha doze anos. Acabei ficando dos 12 aos 17 anos.”

“Eu estive durante quatro anos e meio na Casa-Lar. Fiquei aqui no Lar - Internato - acho que um mês só.” No final da década de oitenta, quando chegou na instituição, este lugar já não era reconhecido como Internato e nem

denominado como tal pelos que ali viviam. Era o Lar, que havia sido construído durante a década de oitenta.

Era o Lar, o lugar onde, segundo a maioria dos gurus, existia “mais liberdade” ou menos controle. “Mais liberdade e mais opção até de lazer”, diz este guri que residiu durante vários anos na Casa-Lar. “Quando eu estava lá - na Casa-Lar - eu queria vir pra o Lar”. Verdadeiramente, não existia mais o Internato, nessa época.

(...) Acho que nunca cheguei a falar, mas eu pensava isso “Bah, eu queria ir pra o Lar. Lá é legal!” Era neste lugar que estavam constantemente jogando, onde trabalhavam jogando, onde aconteciam as gincanas. Era ali que os gurus se encontravam para jogar futebol juntamente com os funcionários.

“No fim-de-semana, a gente se reúne ali no Lar pra jogar futebol. A gente junta todos os gurus. Chega a dar dois times de futebol”, conta um outro guri abrigado na Casa-Lar desde a década de oitenta. O jogo de futebol era uma entre as chamadas “opções de lazer”. Todavia, muitos outros jogos existiam à disposição dos que ali residiam.

“(...) Eu gosto mesmo é de jogar futebol e de ficar com os gurus lá no Lar”, nas horas livres. “Gosto de ficar ali, porque é diferente. Não tem sempre aquela rotina de casa, de família. Lá tem novidade. Tem gente jogando bola, bocha, videogame. Tem também os gurus pra conversar”, diz este guri.

Assim, no final dos anos oitenta, existiam dois lugares onde os gurus ficavam abrigados, a Casa-Lar e o Lar. Era na Casa que havia sido deixado aquele guri, trazido pelo pai em 1989. “Eu fiquei triste de sair de casa. Nunca tinha saído. Depois eu vi que era legal. Conheci um monte de gente que acho que nunca mais vou ver.”

“Às vezes, eles (os pais) vinham aqui. Às vezes, ficava três meses sem ir pra casa. Outras estava quase todos dias em casa. (...) Eu saía da Caixa Federal e, às vezes, nem voltava pra o Lar. Ficava em casa e voltava pra cá às dez horas da noite. (...) Eu fui saindo aos poucos do Lar.”

Na Casa-Lar, sendo um dos guris maiores, tinha o papel de controlar os outros guris. “Tinha o líder da Casa, era chamado assim. (...) Essa idéia de líder foi eu que sugeri. Eu fiz isso porque tinha certeza que ia ser um deles.”

No Lar, “eu era da Gráfica. Trabalhei com composição. Até hoje eu sei fazer. Foi muito bom. Também passei pela off-set. (...) Fiquei uns três anos e aprendi bastante.” Havia trabalhado nesta oficina dentro da instituição, mas também acumulava a experiência de ter trabalhado em uma instituição bancária.

No Banco, “eu fiquei dois anos e seis meses trabalhando. Aprendi datilografia, alguma coisa em computação. Eu levava muitos papéis no Cartório. Eu fazia serviços gerais. Batia máquina. Atendia o público.” Havia adquirido outras habilidades, bem como vivido a experiência de ser remunerado por seu trabalho.

“Na 2ª série do 2º grau eu desisti. Vi que estava mal, então desisti. Naquela época, eu ainda estava no Lar e estudava de dia. Eu me arrependo hoje de não ter estudado mais na 2ª série e passado.” Era mais um entre os guris do Lar Metodista que havia ingressado no 2º grau.

Fora do Lar, desde 1994, conta que pode “ficar quatro anos, até 1998” no quartel. (...) Até eu continuei no quartel, porque eu queria repetir a 2ª série e fazer a 3ª série.” Tinha a expectativa de prosseguir estudando e ir além do 2º grau.

Um ano após sua chegada no Lar, em 1990, seu pai trazia outro dos filhos para ser internado no Lar. Com 11 anos, “eu vim pra o Lar. A condição financeira da minha família era difícil, como continua sendo hoje. (...) Ouviram informações sobre o Lar Metodista e me trouxeram pra cá. Na minha família nós somos entre oito pessoas, com o pai e a mãe.”

“Antes, eu trabalhava como monitor junto com outros. Todos dias têm três guris que são monitores. Eu pertencia a esse grupo, que ajudava a acordar. A gente dava café. Agora, (...) sou o monitor dos monitores”. Assumia o papel de dirigir os guris que residiam neste lugar denominado Lar.

“É difícil eles cumprirem regras. Pra mim é difícil. Pra todos é difícil.” Antes da experiência de monitor, “a gente criticava e dizia pra o monitor fazer ao invés de mandar. Muitas vezes,

eu fui fazer o que me mandavam batendo boca. (...) Fazia porque tinha que fazer. (...) Mas fazia protestando. Coisa da idade, né?" *Guri abrigado no Lar de 1990 a 1996*

No Lar, "faz uns três anos que eu estou aprendendo a filmar. Já aprendi bastante, mas é pouco ainda. Já fiz filmagem sozinho." Era um dos guris adolescentes que saía da instituição durante os fins-de-semana para filmar juntamente com o diretor do Internato.

"Daí me colocaram pra trabalhar no Banco Itaú. Como eu estava de aniversário, me deram como presente essa oportunidade. A experiência foi boa, porque eu conheci muitas pessoas. (...) Eu fazia serviços gerais." Era outro entre os guris que passavam o dia fora da instituição, trabalhando e estudando.

Tal qual os outros guris adolescentes da instituição, havia concluído o 1º grau. Neste ano de 1996, ingressou na 1ª série do 2º grau. "A minha vontade é terminar o 2º grau e ir adiante" confessa ele. Sonha, como faz também seu irmão, com esta perspectiva.

Eis a fala de outro guri sobre a chegada na instituição "Eu fiquei um certo tempo ali no Lar - Internato - mas foi muito pouco tempo. Fiquei acho que uns seis meses até esta Casa-Lar ser construída. Depois eu vim pra cá. Eu tinha dez anos." Desde 1989, vem morando com o casal que entrou, naquela época, nesta Casa e permanece até os dias atuais.

"Os meus pais não tinham condições. Daí uns amigos deles informaram que existia o Lar. Então, me trouxeram pra cá. (...) Hoje, a situação deles está pior." Chegava na Casa-Lar mais um filho de uma família das classes populares.

"A minha mãe é separada do meu pai. Ela é casada com um outro e tem um monte de filhos. O meu pai também se casou de novo e tem um monte de filhos." Atualmente, convive com o pai e com os filhos dele. "Eu não vejo a minha mãe a sete anos, desde que eu entrei pra o Lar Metodista."

"Eu trabalho a três anos na Caixa Federal. (...) No Banco, eu aprendi muito, a conviver com muitas pessoas totalmente diferentes daqui. Aqui tu só consegues conviver com meninos.

Quando tu vai pra fora daqui, vê que é totalmente diferente. Tu aprende a conviver com aquelas pessoas.” *Guri abrigado na Casa-Lar de 1989 a 1996*

“Atualmente, como eu estou saindo da Caixa, (...) consegui um emprego novo” no qual vai trabalhar com serigrafia. (...) Estou iniciando nesse ramo. (...) Estou aprendendo o que eu não sei, o que eu não aprendi. Nem tudo eu consegui aprender no tempo que eu tive chance aqui no Lar” revela este guri.

Na escola, havia concluído o 1º grau. Neste ano de 1996, estava freqüentando a 2ª série do 2º grau. Quanto à perspectivas futuras, diz que “gostaria só de terminar o 2º grau.” Seu sonho era mesmo conseguir um trabalho.

“Eu era do Lar Tarcília Lemos, que fechou. Então, me transferiram pra o Mãe Celita. Depois separaram deixando só gurias lá. Colocaram os guris aqui”. Entrava na Casa-Lar, em 1986, este guri com duas experiências anteriores de internação.

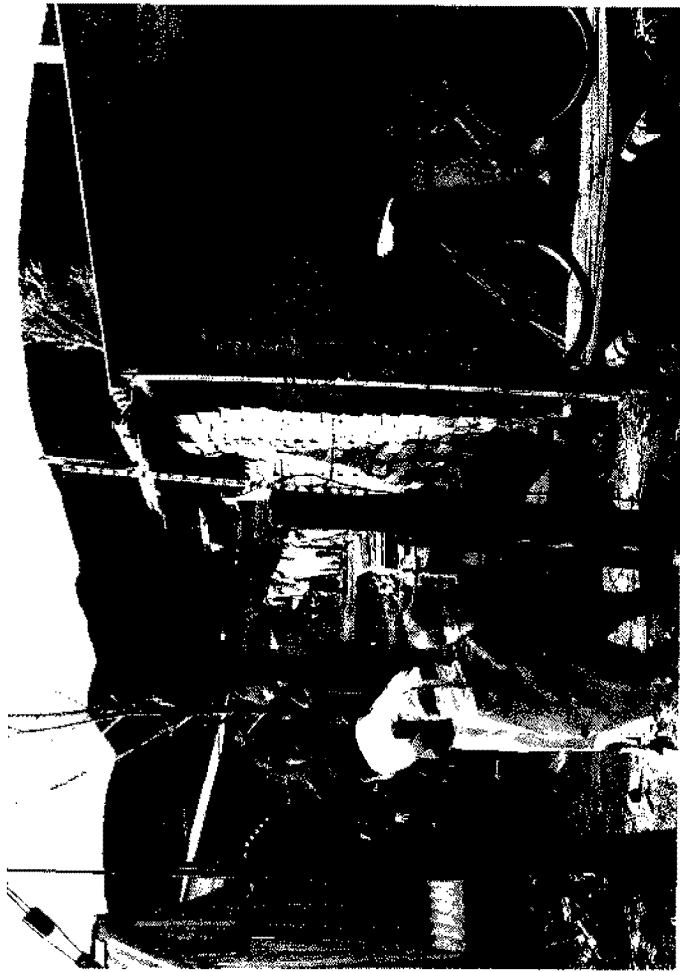
“Eu fui pra lá porque a minha mãe trabalhava e não tinha condições de ficar comigo. Naquela época, eu era pequeno. Nós éramos três irmãos. Uma irmã não morava com a mãe, mas com a tia. Eu tenho pai, mas mora em Porto Alegre. Hoje, não tenho nenhum contato com ele.”

Sua mãe, trabalhando como empregada doméstica, precisava de um lugar onde pudesse ficar e receber os cuidados básicos. Era mais um guri proveniente de uma família das classes populares. Era outro que precisava do auxílio de outros adultos para viver.

No Lar, está freqüentando a Oficina de Jogos e Brinquedos e aprendendo a trabalhar com Serigrafia. Fora do Lar, fez o Curso de Informática, oferecido no Instituto Metodista Centenário, no ano de 1995. “Pra quem não sabia, ajudou um pouco.”

Na escola, está na 7ª série do 1º grau neste ano de 1996. Confessa que, embora tenha alcançado este resultado, nunca gostou de estudar. “Eu nunca tive interesse de estudar, mas eu não quero largar os estudos. Eu sei que se eu não estudar, vai ser pior ainda. Quero terminar o 2º grau e trabalhar.”

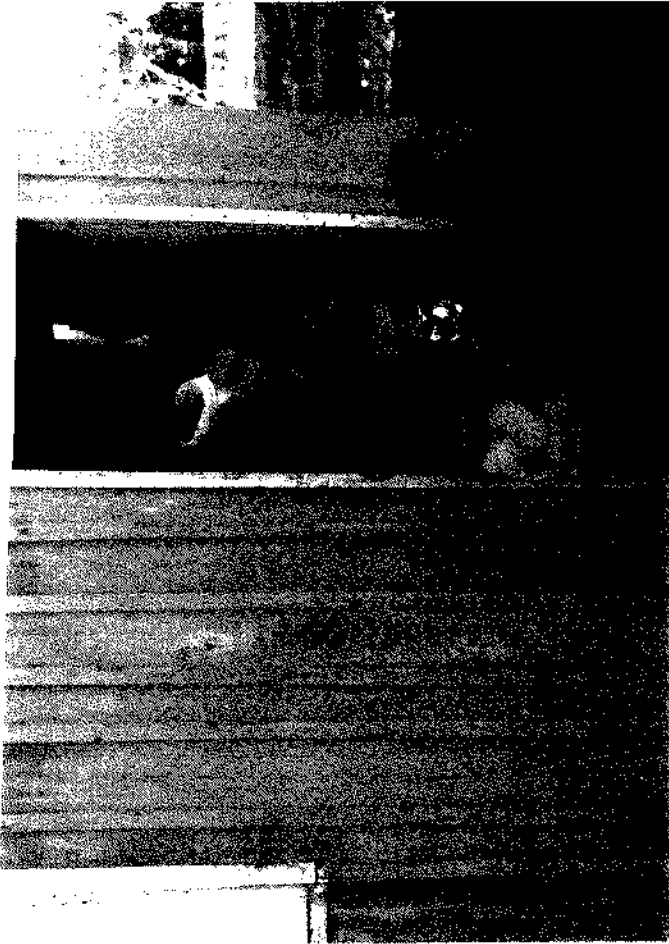
VIII. Entrando no Lar



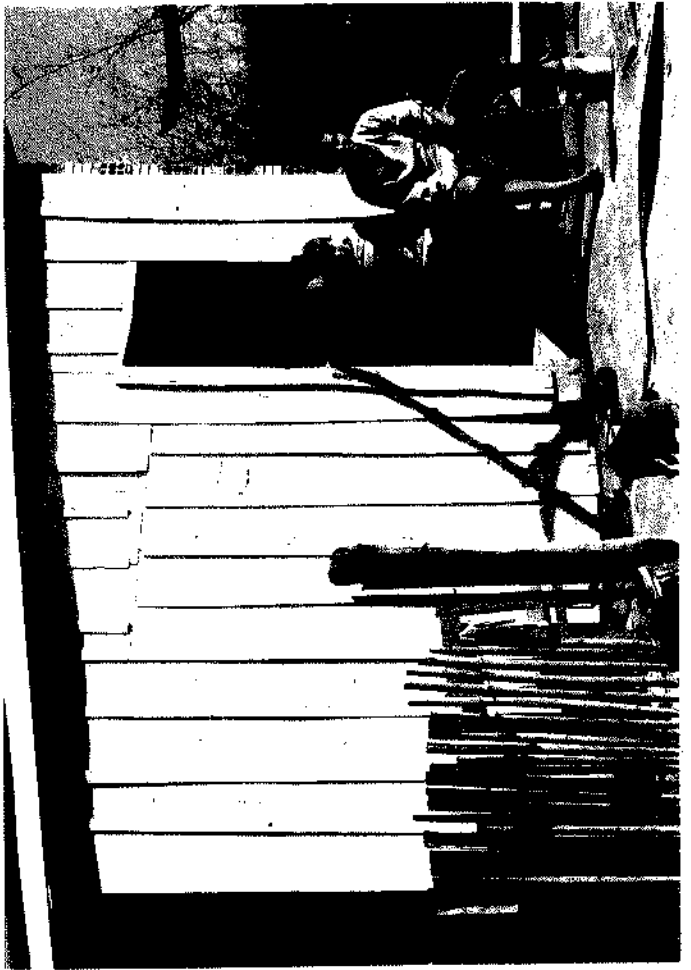
2



1



4



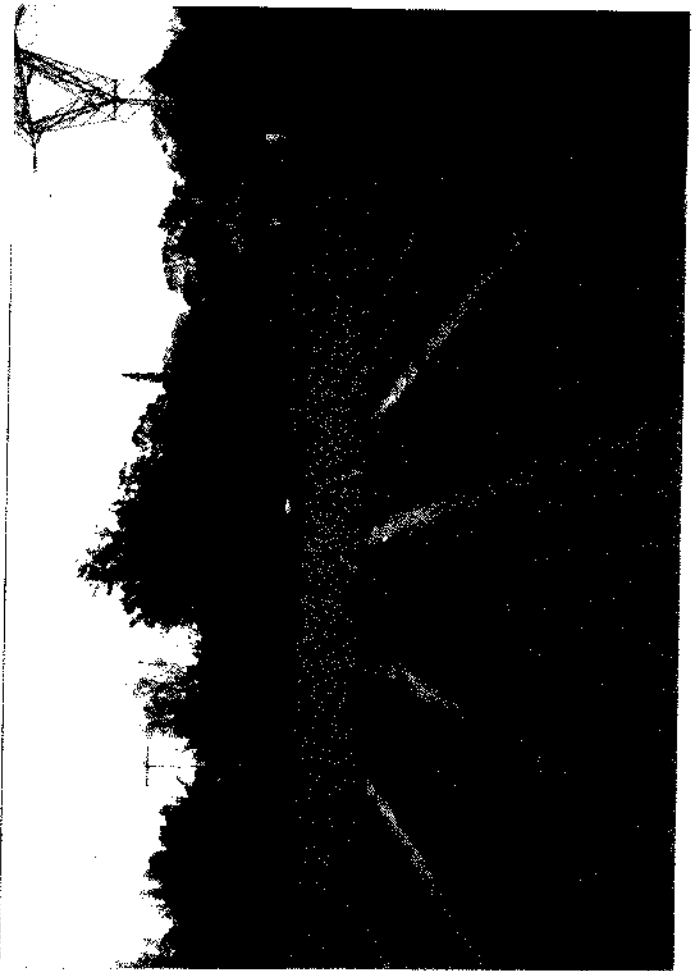
5



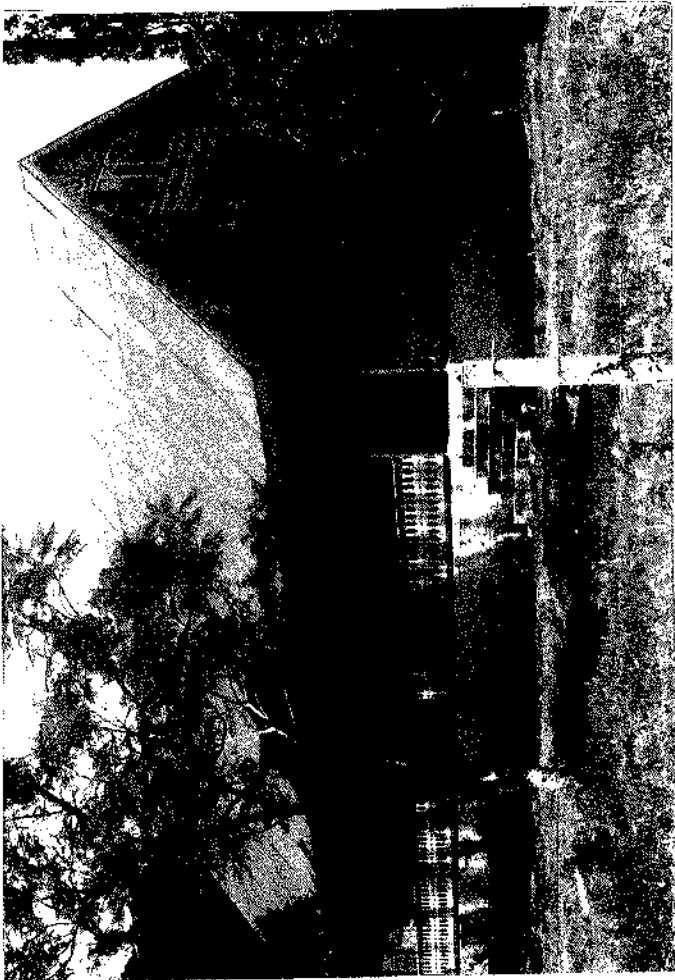
3



7



8



6

9



11



10



14



13



12







19



17



16

20



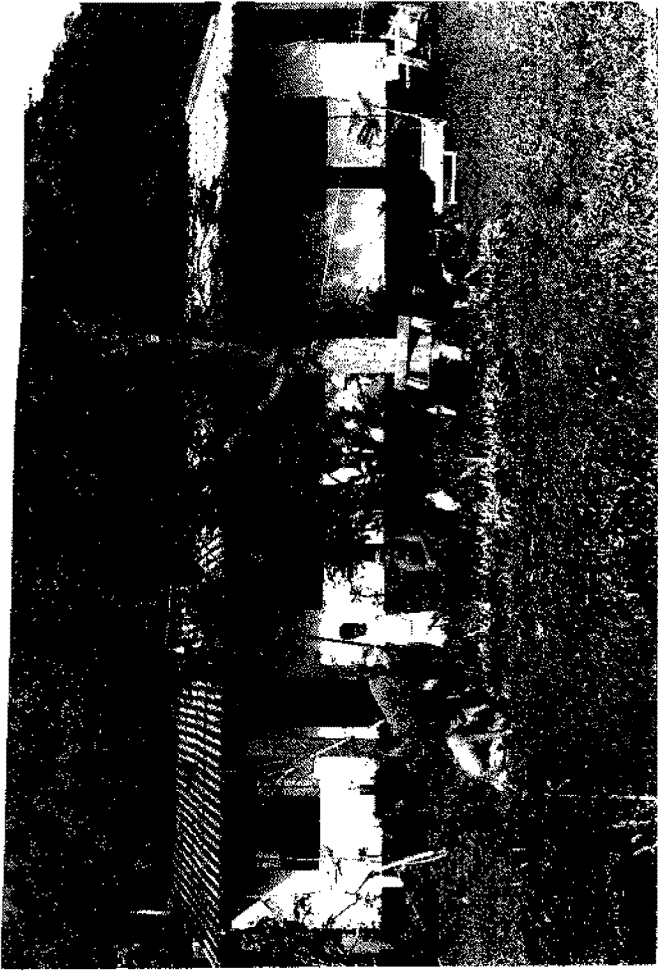
21



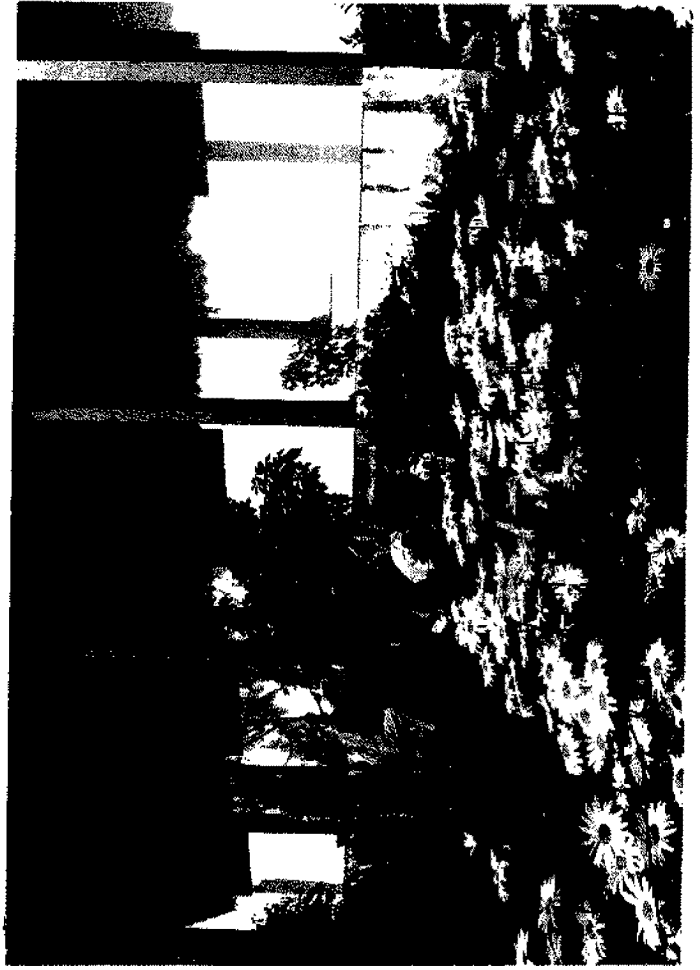
19



23



24

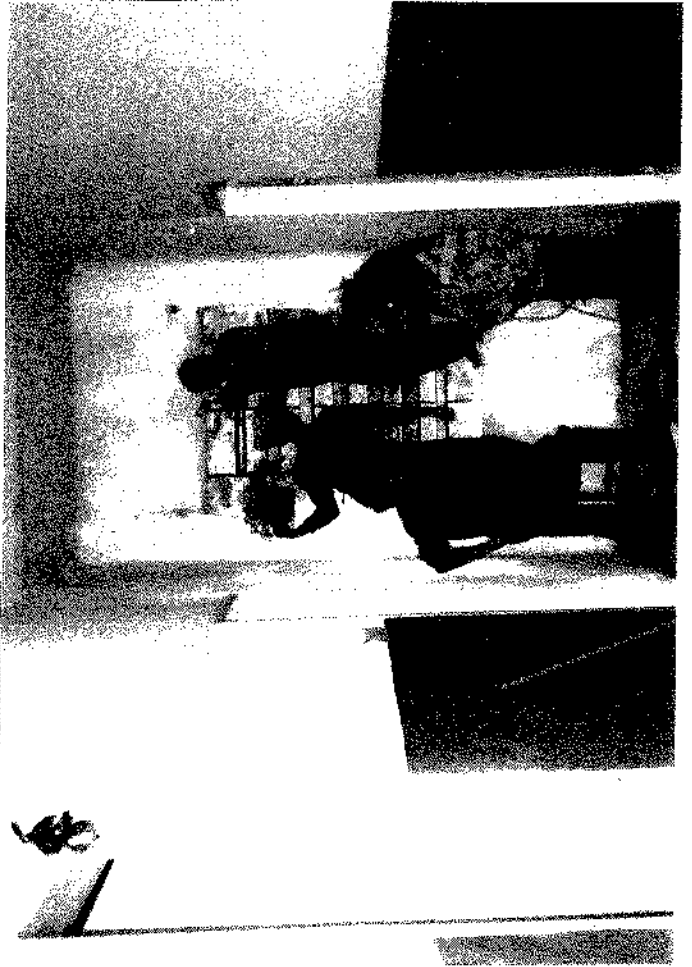


22

26



27



25



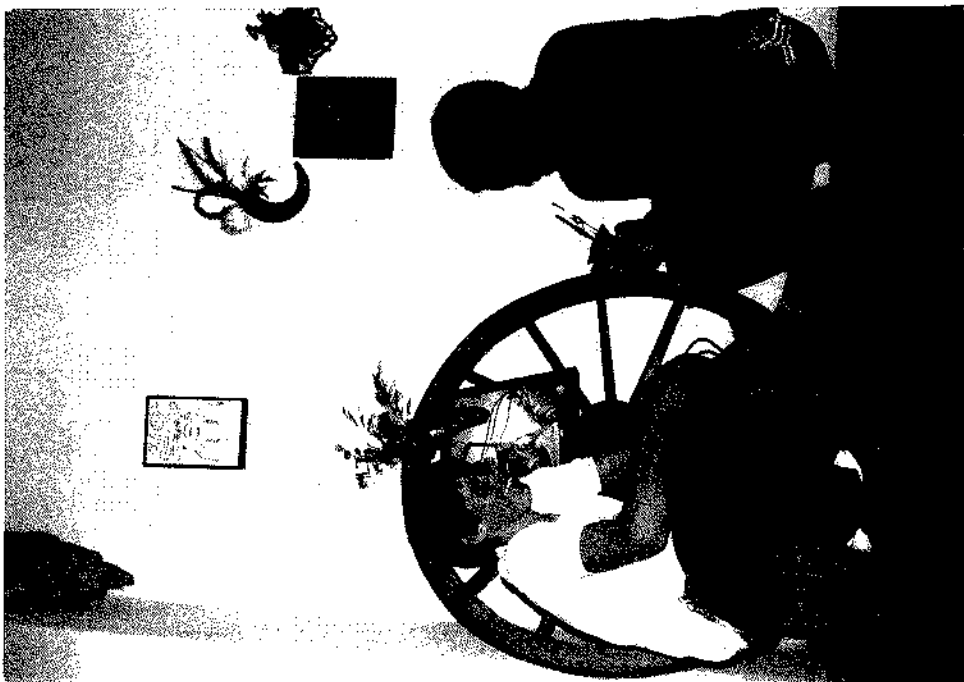
29



30

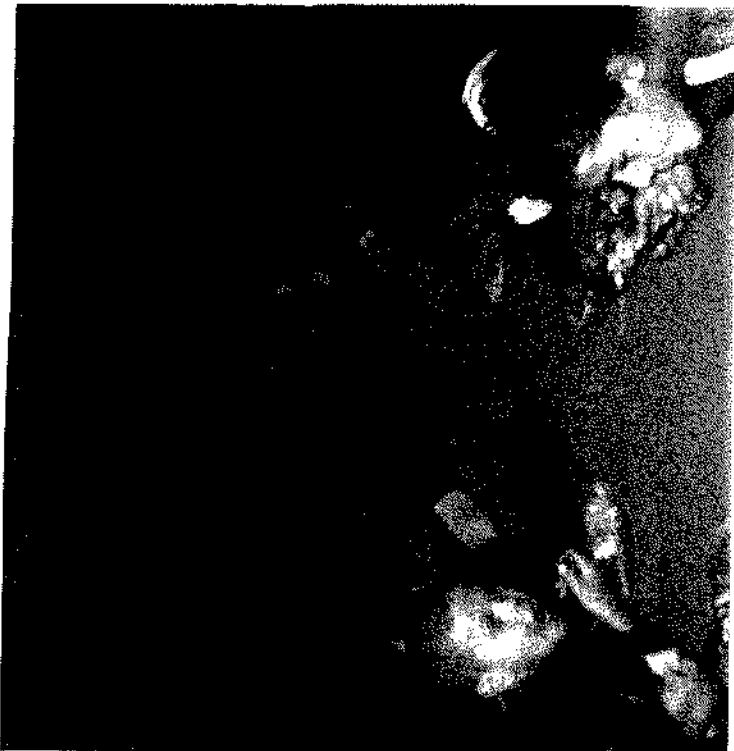


28





32



31



33



35



36



34

H

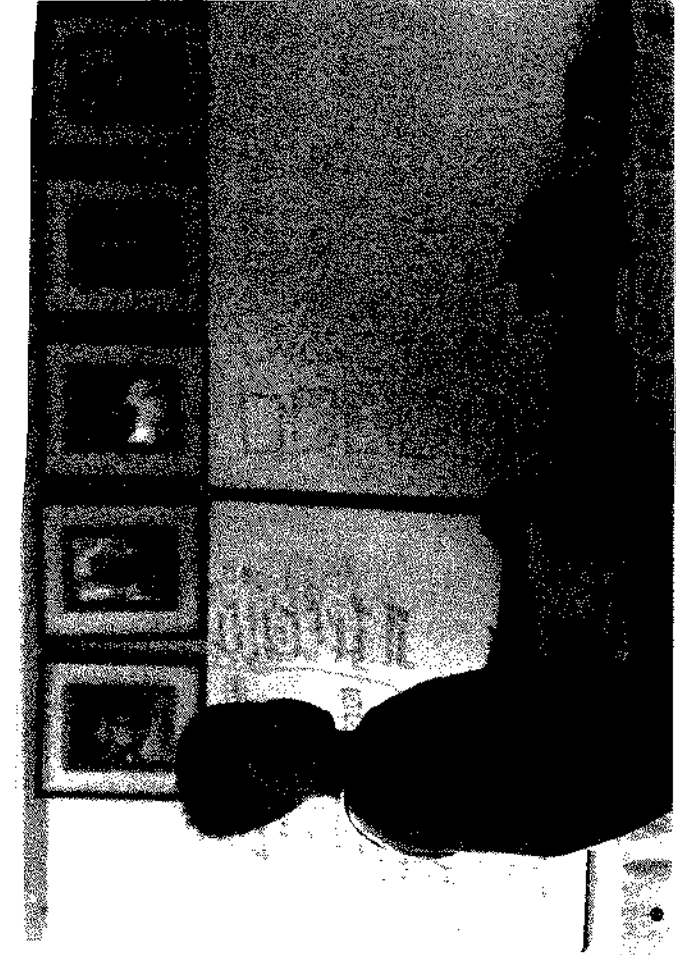
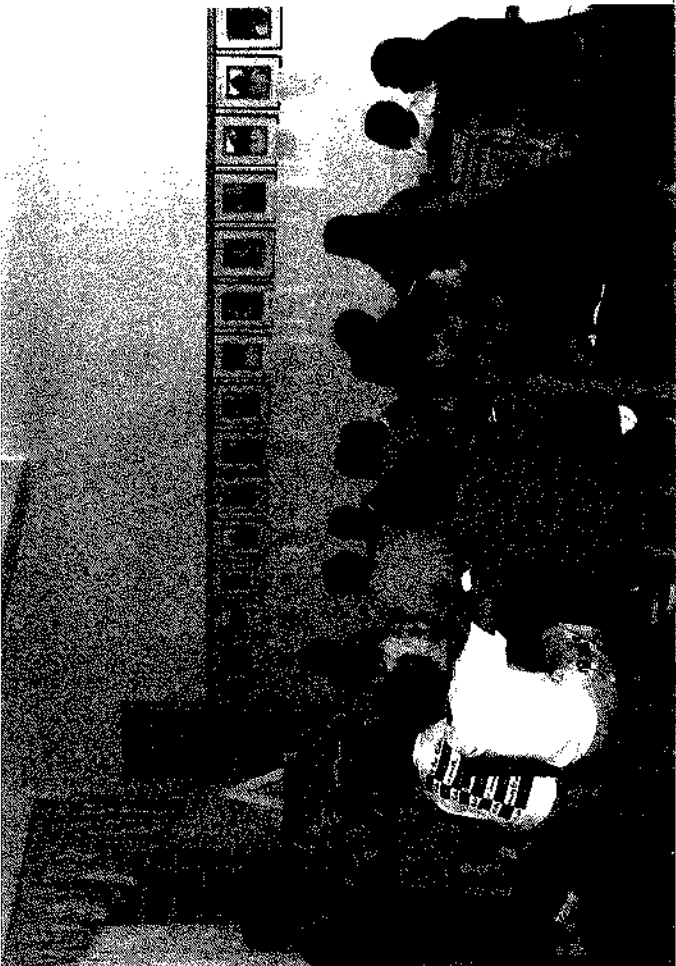
HOOV @



39

38

37



41



42



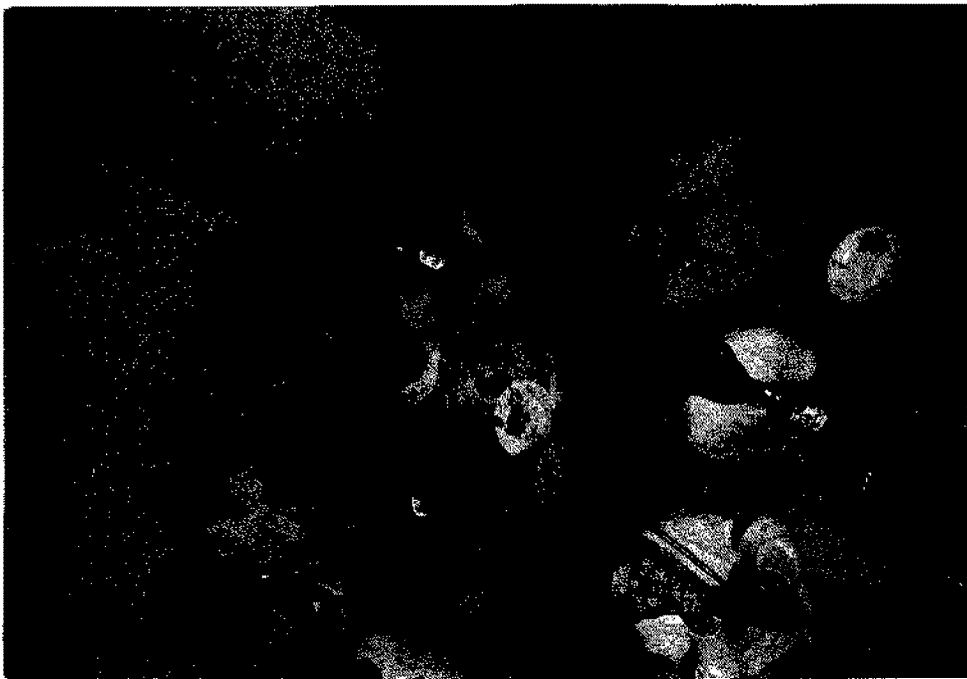
40



44



45



43

47



48



46



50



51

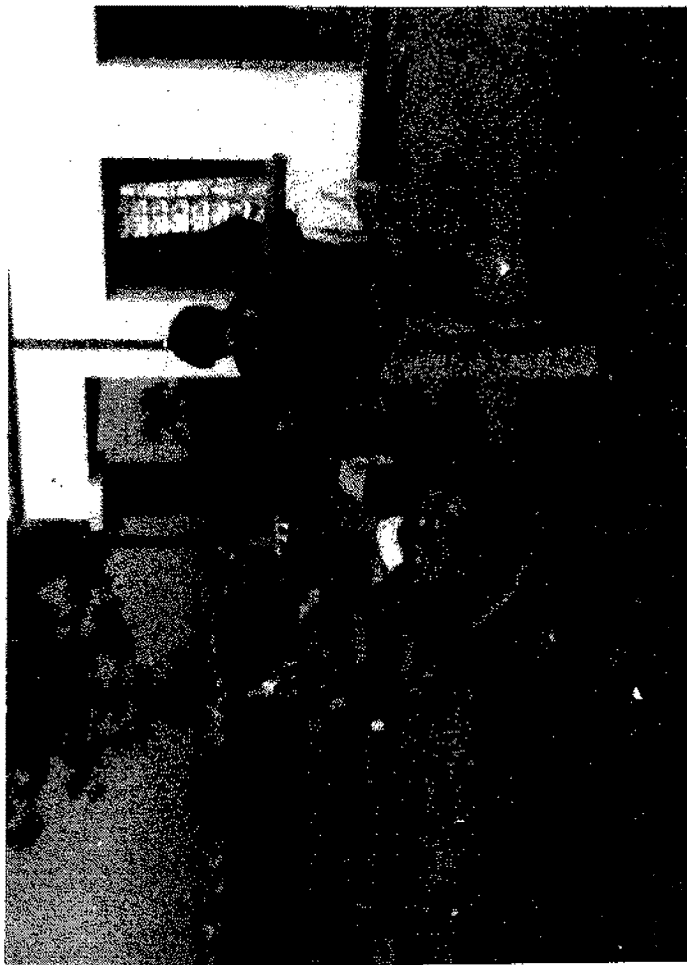


49





53



52



55



56

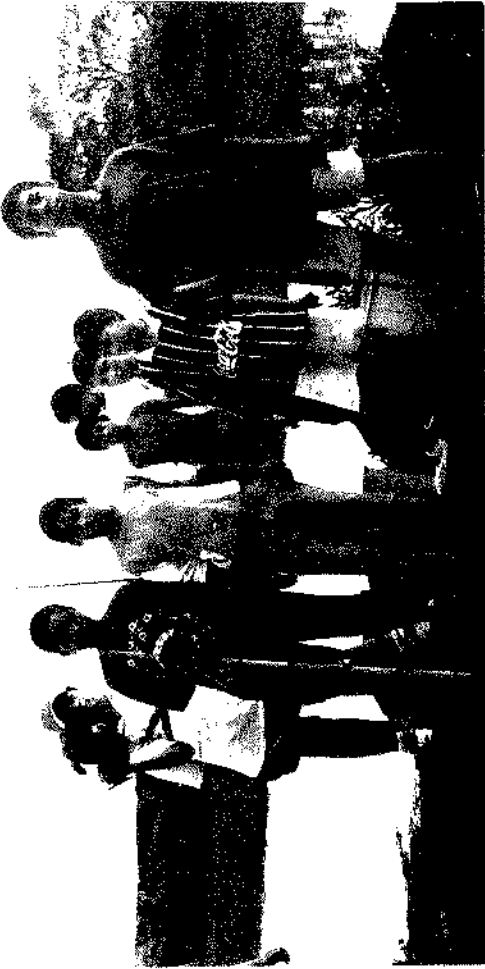


54

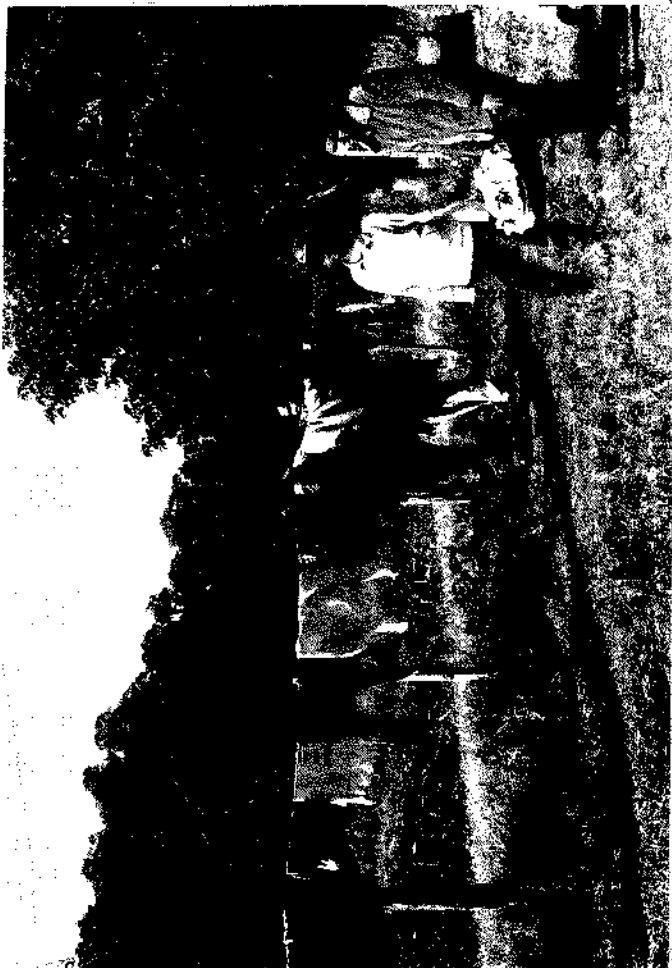


59

58



57





61



62



60

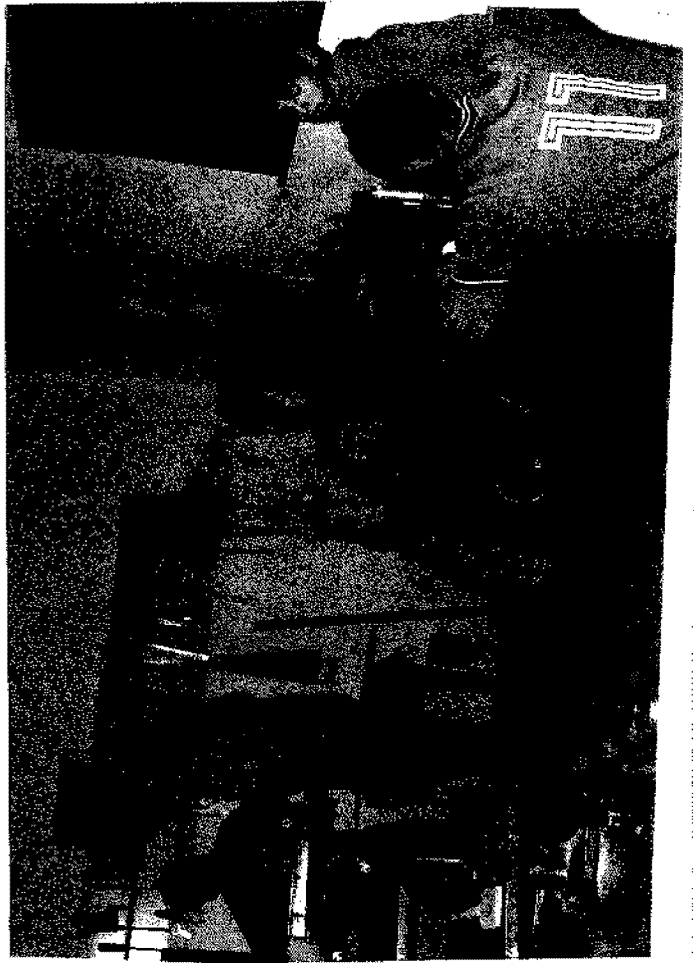


64

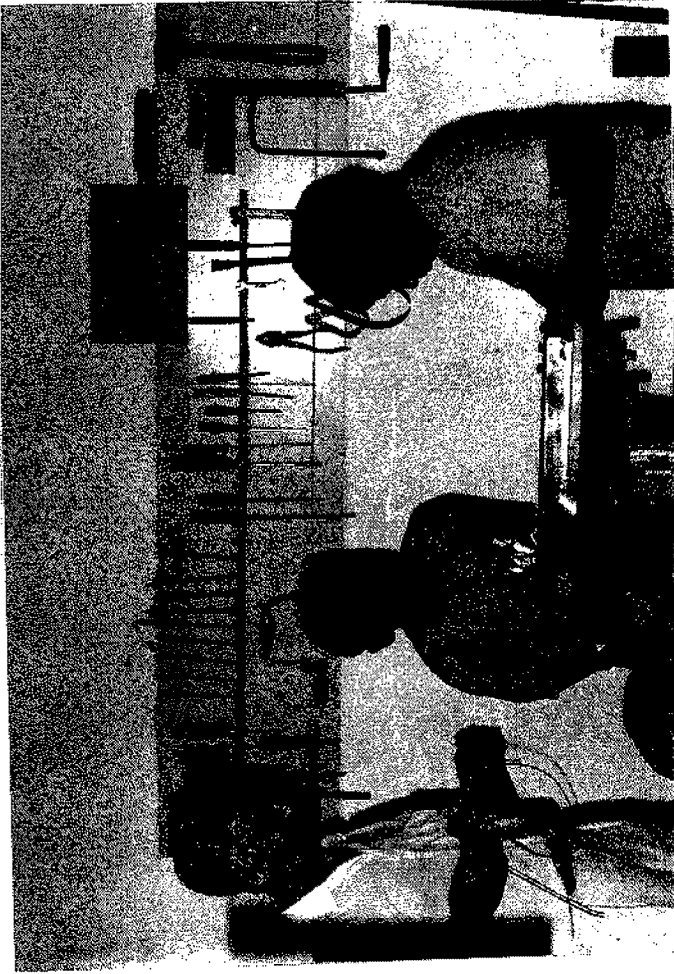


63

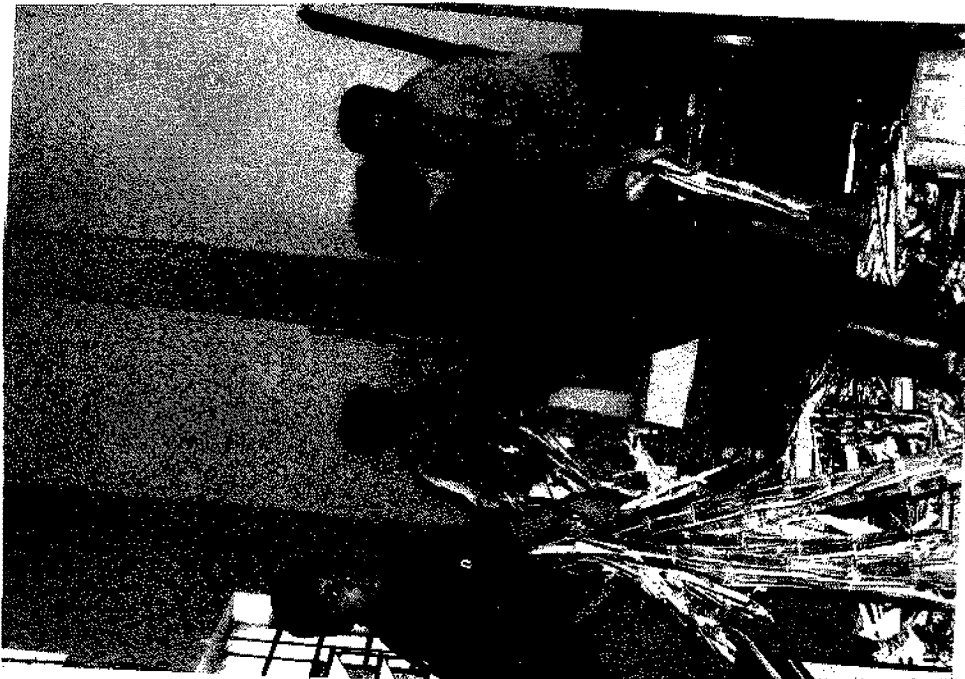
67



66



65



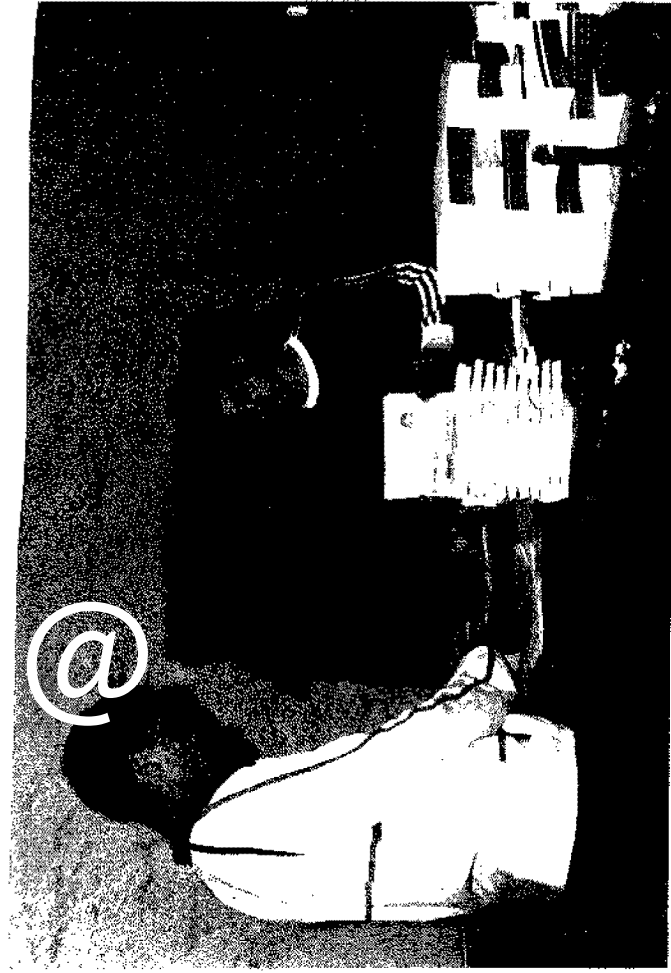
69



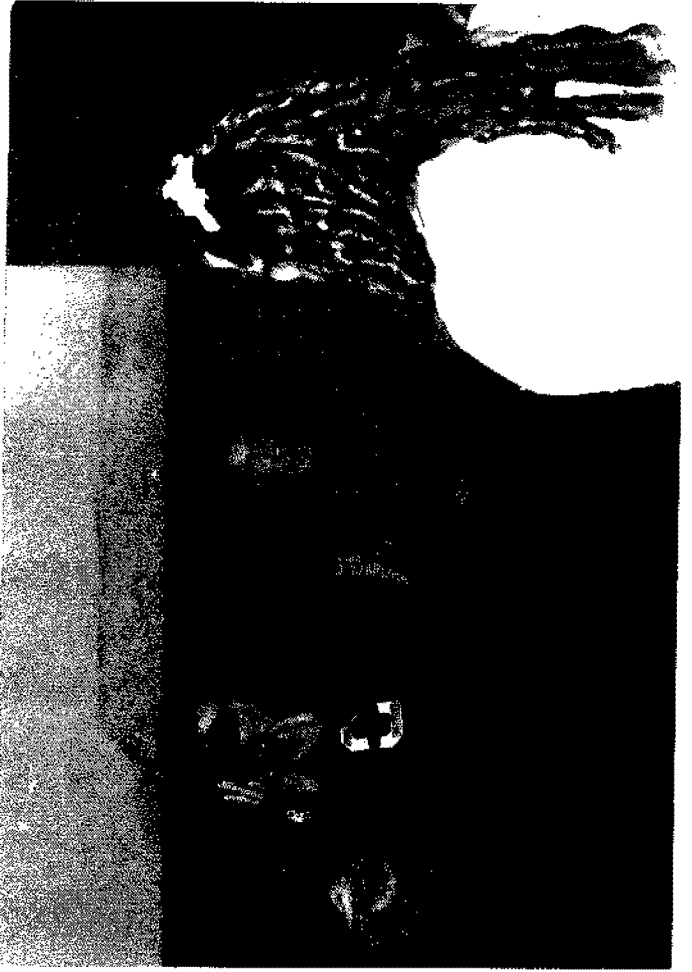
70



68



72



73



71



75



74

76





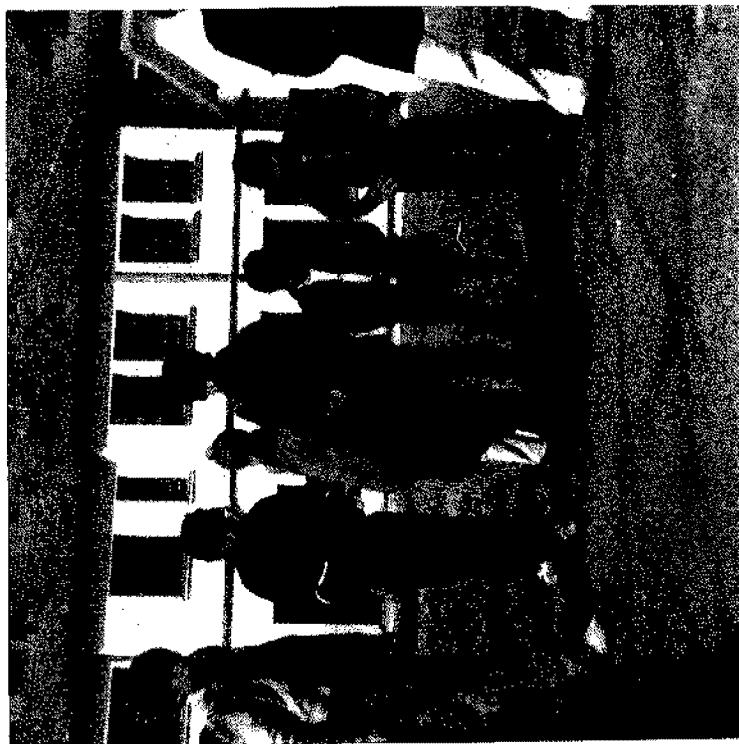
78



77



80



79



82



83



81

85



86



84



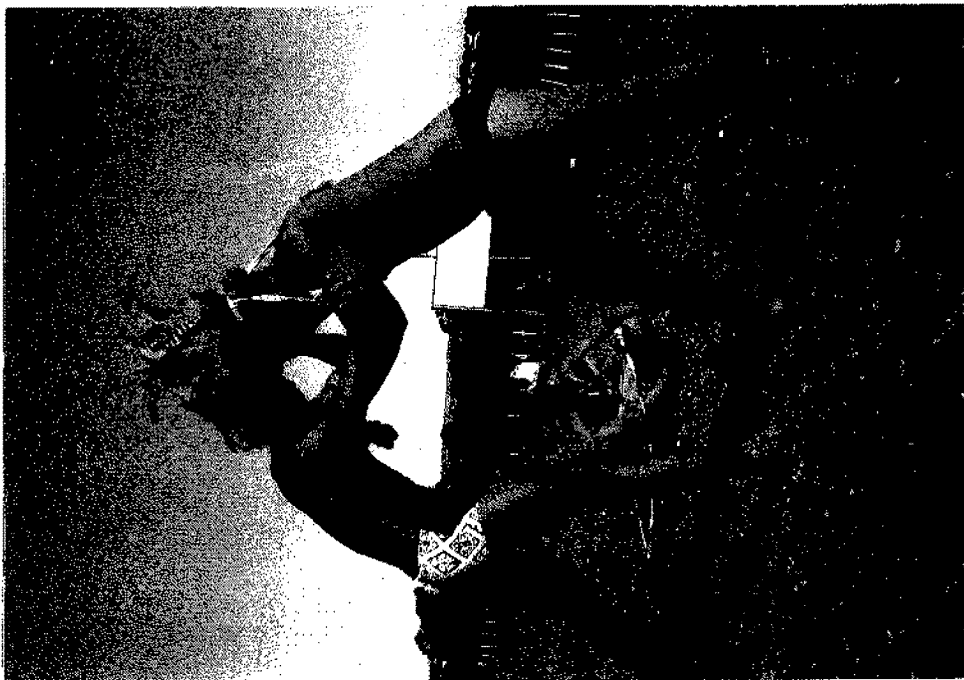
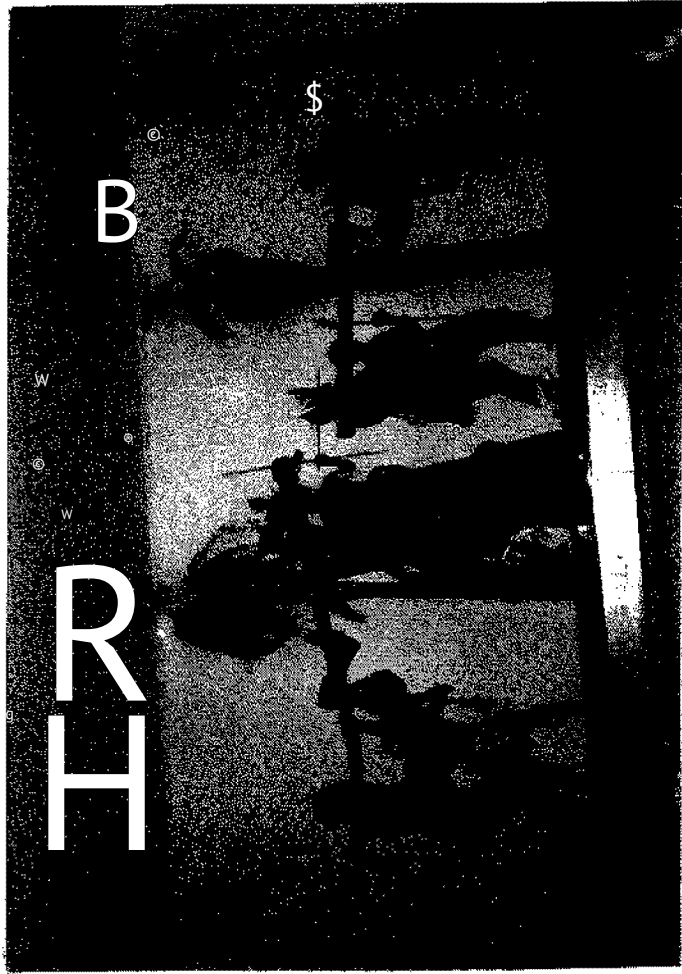
88



87



89





94



95



93



97



98



96

99



Legendas das fotos

- 1 - Irmã de um guri abrigado, desde 1992, no Lar (1996).
- 2 - Guri com a irmã no colo, em frente ao lugar onde reside sua família (1996).
- 3 - Família de dois gurus abrigados, desde 1987, no Lar, no pátio da casa onde habitam (1996).
- 4 - Família de um guri abrigado no Lar durante o ano de 1995 (1996).
- 5 - Guri abrigado no Lar, desde 1995, no pátio do lugar onde mora sua família (1996).
- 6 - Chalé onde nasceu o Lar Metodista em 1939, situado no Bairro Chácara das Flores, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.
- 7 e 8 - Gurus trabalhando na horta, próxima à entrada do Lar Metodista (1994).
- 9 - Vista parcial do prédio do ex-Internato.
- 10 - Guri sendo trazido pela mãe para o Lar, a pedido do Conselho Tutelar (1994).
- 11 - Guri que está saindo do Lar, após seis anos, recebendo o que está chegando (1994).
- 12 - Gurus trabalhando na lavoura (1990).
- 13 - Gurus distribuindo as vacas na baía (1988).
- 14 - Gurus, em fase de experiência realizada antes da entrada na instituição, trabalhando na lavoura de milho (1994).
- 15 - Gurus em fila, "ordem unida", aguardando as instruções do funcionário (1984).
- 16 - Construção de uma das seis Casas-Lar (1985).
- 17 - Doze gurus e o casal de funcionários de uma das Casas-Lar (1985).
- 18 - Gurus capinando no jardim de uma Casa-Lar (1996).
- 19 - Funcionária de uma Casa-Lar cortando o cabelo de um guri (1996).
- 20 - Funcionária trabalhando com os gurus na limpeza do pátio da Casa-Lar (1996).
- 21 - Funcionária e gurus cultivando o jardim da Casa-Lar (1996).
- 22 - Funcionário de uma Casa-Lar chamando o guri que estava na árvore (1996).

- 23 - Funcionária trabalhando com os gurus no jardim da Casa-Lar (1996).
- 24 - Funcionária e gurus limpando o jardim da Casa-Lar (1996).
- 25 - Funcionário e gurus plantando uma árvore na frente do Internato (1986).
- 26 - Concurso de melhor canteiro realizado durante a gincana, que acontece freqüentemente no Lar (1988).
- 27 - Funcionário e gurus enfeitando os corredores do Internato (1982).
- 28 - Concurso do quarto mais bonito. Este quarto tem o tema "Os gaúchos" (1985).
- 29 - Concurso do quarto mais bonito. Este quarto tem o tema "O mundo da fantasia" (1985).
- 30 - Quarto atual localizado no prédio do ex-Internato (1996).
- 31 - Gurus comendo no refeitório, aos cuidados de um funcionário (1981).
- 32 - Gurus almoçando no refeitório, no primeiro dia do ano, sob o patrocínio de um ex-aluno. No fundo, já aparecem mural com fotos e bilhetes, arranjos artesanais, feitos pelos gurus e funcionário, e plantas (1986).
- 33 - Almoço de confraternização no dia 24 de junho de 1996, aniversário do Lar.
- 34 - Gurus ouvindo música e meditando no refeitório, após o almoço (1996).
- 35 - Guri, no refeitório, lendo um texto, posteriormente discutido em grupo (1996).
- 36 - Funcionário e gurus, que ficam à noite na instituição, nas noites frias de inverno, esperando os que chegam da escola com um alimento quente (1996).
- 37 - Guri, no refeitório, lendo um texto, após o almoço. Ao fundo, fotos, nas paredes, de todos os gurus que moram no ex-Internato, com folhas anexadas nas quais contam o dia-a-dia na instituição (1996).
- 38 - Guri depositando na urna o primeiro voto para a escolha do presidente do Conselho de alunos (1996).
- 39 - Gurus mostrando suas histórias dentro do Lar, através de fotos, e, assim, disputando a presidência do Conselho de alunos (1994).
- 40 - Gurus confraternizando no apartamento de um funcionário recém-chegado na instituição, situado no prédio do Internato (1982).
- 41 - Gurus juntos assistindo filme na tv no apartamento de um funcionário do Lar (1993).

42 - Guris encenando peça teatral em uma festa realizada no dia da criança (1986).

43 - Festa de aniversário realizada dentro do apartamento de um funcionário do Lar (1985).

44 - Festa realizada para comemorar a segunda eleição do Conselho de alunos e os aniversários dos guris do mês em vigência (1986).

45 - Festa de aniversário do filho de uma ex-professora de uma das escolas do bairro, onde estudam os guris do Lar. O aniversariante presenteou os guris com um bolo. Em retribuição, eles tiraram uma foto e deram de presente para ele (1994).

46 - Festa de natal, onde, pela primeira vez, funcionários e guris trocam presentes (1986).

47 - Confraternização entre guris que estão no Lar e que já saíram no pátio da instituição (1995).

48 - Encontro, após a pescaria, entre os guris que estão no Lar e que já saíram (1996).

49 - Funcionário cortando o cabelo de um guri (1996).

50 - Guri auxiliando outro guri com deficiência física (1990).

51 - Guris ajudando um dos recém-chegados no Lar, sem hábitos de higiene (1996).

52 - Guris fazendo a coleta do lixo no pátio do Internato. Ao fundo, outros guris jogando bolitas (1982).

53 - Guris de castigo, limpando o pátio da instituição. Ao fundo, alguns brincando na hora do recreio da escola, localizada no interior do Lar (1982).

54 - Guris posando para a foto, próximos à horta. Ao fundo, o prédio do ex-Internato (1996).

55 e 56 - Guris, juntos, limpando o pátio da instituição (1996).

57 - Funcionária e guris estendendo as roupas lavadas (1996).

58 - Guris em preparação para a pescaria, no lago localizado dentro da instituição (1996).

59 - Guris, juntos, trabalhando com o trator (1995).

60 e 61 - Guris mostrando os peixes pescados por eles (1996)

62 - Guris limpando os peixes pescados por eles (1996)

63 e 64 - Guris fazendo pão na padaria do Lar (1996).

65 - Guris cortando cana para fazer rapadura (1996).

66 - Guris aprendendo a arte da marcenaria na Oficina de Marcenaria Artesanal (1995).

67 - Funcionário ensinando aos guris a arte da marcenaria (1995).

- 68 - Guris, juntos, em atividades diferentes no pátio da instituição (1996).
- 69 - Guris, funcionários e alunos da Universidade Federal de Santa Maria, fazendo a limpeza do Chalé para a instalação do Projeto Sorriso (1996).
- 70 - Primeira turma de alunos da Oficina de Artes do Projeto Sorriso, realizado no Chalé, onde nasceu o Lar (1995).
- 71 - Segunda turma de alunos da Oficina de Jogos e Brinquedos do Projeto Sorriso, realizado no Chalé, onde começou o Lar (1996).
- 72 - Guris trabalhando na Oficina Gráfica da instituição (1996).
- 73 e 74 - Guris filmando festa de aniversário, fora do Lar (1996).
- 75 - Guris trabalhando na Caixa Econômica Federal, que tem convênio com o Lar Metodista (1995).
- 76 - Guris frequentando curso de informática, oferecido pelo Colégio Centenário, Instituto Metodista Centenário (1995).
- 77, 78 e 79 - Guris jogando bolitas e brincando no pátio da instituição (1982).
- 80 - Guris andando à cavalo na instituição (1983).
- 81 - Realização de uma corrida. É uma das provas da gincana desenvolvida de agosto a dezembro, no Lar (1986).
- 82 - Preparação para a corrida. A corrida é uma das atividades da gincana, realizada de agosto a dezembro (1995).
- 83 - Jogo de caçador. É um dos jogos que fazem parte das gincanas frequentemente promovidas no Lar.
- 84 - Guris jogando futebol (1985).
- 85 - Guris que estão no Lar e que já saíram divertindo-se, ao jogarem futebol (1995).
- 86 - Funcionário e guris jogando bocha no pátio da instituição (1996).
- 87 e 88 - Guris jogando dama em uma sala dentro do ex-Internato (1996).
- 89 - Funcionário e guris jogando ping-pong em uma sala do ex-Internato (1996).
- 90 - Guris brincando de índios no pátio do Lar (1985).
- 91 - Guris encenando peça teatral no Colégio Centenário, Instituto Metodista Centenário, no dia do índio (1985)
- 92 e 95 - Guris brincando no refeitório do Internato (1986).
- 93 e 94 - Guris encenando casamento na roça, na festa junina (1996).
- 96 - Guris brincando na pracinha do Lar, ao entardecer (1995).
- 97 - Guris, em férias, desfrutando da piscina localizada em balneário próximo do Lar (1995).

98 - Guris, em férias, brincando nos aguapés no pátio do Lar (1994).

99 - Guris do ex-Internato e das Casas-Lar, em frente ao antigo prédio do Lar (1995).

IX. Este é o Internato

Que lugar era este nas décadas de setenta e oitenta? Vasculhando este lugar, através das falas dos que ali viveram, encontrei um Lar que, embora sem muros visíveis, havia construído, nas duas décadas anteriores, sólidos obstáculos, verdadeiros muros, dentro dos quais aconteciam todas as interações.

“Não havia restrições de ir e vir, de transitar por dentro da instituição.” Este era o Lar segundo um dos funcionários responsáveis pela educação dos gurus na década de setenta. As ações de ir e vir verdadeiramente aconteciam. Todavia, era permitido aos gurus ir e vir dentro do Lar.

As interações, restritas ao interior deste Lar, mostram que esta era tipicamente uma instituição total (Goffman, 1961). Era um lugar onde aproximadamente sessenta gurus viviam, separados da comunidade, geralmente dos 6 anos, quando chegavam ao Lar, aos 18 anos quando saíam para prestar serviço militar.

“Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (idem, p.11)

Neste Lar os gurus não somente dormiam, mas também estudavam. Desde 1974 havia uma escola, estadual de 1º grau incompleto, dentro da instituição, que era freqüentada também pelas crianças do Bairro Chácara das Flores. Até 6ª série, estes gurus estudavam dentro do Lar. Como dificilmente ultrapassavam esta escolaridade, acabavam não freqüentando outra escola.

Todavia, estes gurus não só estudavam, mas também trabalhavam dentro do Lar. No final da década de setenta, passaram a não trabalhar somente na atividade agrícola, mas também aprender outras atividades

profissionais, como a de eletricista, torneiro mecânico, gráfico, serralheiro e marceneiro.

Juntos, não só trabalhavam, mas brincavam. Nestes momentos se davam as interações, esporádicas, com os que viviam fora do Lar. Neles, interagiam inclusive com gurias de outra classe social, como as que moravam no Internato do Instituto Metodista Centenário. Estas vinham até o Lar, uma vez por semana, para trabalharem com os gurus.

“Esse era um trabalho muito importante porque era de lazer, recreação, brincadeiras, de festa, que era feito uma vez por semana. Todas as alunas internas vinham pra cá. Isso virou uma coisa muito importante na vida do Lar, porque era um dos momentos em que eles tinham contato com pessoas de fora e gente que tinha uma outra vivência. O pessoal do Centenário era de uma classe social diferente da deles. Eram só gurias. Eles aqui eram só gurus”.
Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de setenta

Sobretudo, era a presença feminina o fato importante. Semanalmente, misturavam-se naquele universo de funcionários homens, gurus grandes e pequenos. Neste Lar, circulavam poucas mulheres em alguns setores, como a cozinha, a lavanderia. Todos os funcionários responsáveis pela educação dos gurus eram, na década de setenta, homens.

Eram estes homens os que disciplinavam. Com maior ou menor rigor, faziam cumprir este ideal, freqüentemente alicerçado nas próprias experiências anteriores a vida no Lar, como militares ou religiosos. Acreditavam que aqueles gurus precisavam ser transformados ou disciplinados.

Este ideal disciplinar atravessava todas as ações vividas neste Lar. As constantes filas para ir ao banheiro, almoçar, estudar são reveladoras nesse sentido. As filas, além de manterem este ideal, também constituíam-se em punições, quando aconteciam brigas entres os gurus. “O castigo maior era sempre fila, sempre fila, sempre fila”, disse um dos gurus que viveu neste Lar.

Muito cedo, o dia começava com estas filas. Era fila para ir ao banheiro, fila para descer até o refeitório, fila para pegar o café, fila para

voltar ao banheiro, fila para ir à escola. Fila e mais fila. Disciplina e mais disciplina. E assim eram os dias naquele Lar. Um lugar povoado de filas, muito antes de ser habitado por homens.

Eram as filas, a postura ereta, os braços cruzados, o silêncio. Dia após dia, viviam esta disciplinarização. Dia após dia eram assujeitados. Um dia, inculcariam o ideal disciplinar. Um dia, depois de muitas filas, disciplinados, seriam obedientes. Todavia, as filas não eram suficientes para torná-los dóceis. Era preciso controlá-los corporalmente, através das punições.

“Havia casos de alunos rebeldes. (...) Não aceitavam a questão da disciplina. Então, esse era um instrumento do qual a gente tinha que se valer, embora em muitas situações, hoje, a gente percebe, nós exagerávamos nesta questão. (...) A nossa intenção não era reprimir, mas era uma questão de organização mesmo, de uma necessidade de organizar, de ter as coisas funcionando de forma sistemática para que o controle não fosse perdido. *Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de setenta*

Este controle, que constitui uma das funções das instituições disciplinares ou de seqüestro, as quais constituem a rede institucional de seqüestro (Foucault, 1996), garante que os corpos destes gurus sejam aprimorados e adestrados (Machado apud Foucault, 1979, p. 18), de tal maneira que se tornem “dóceis” e “úteis”.

Importa “gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades” (Machado apud Foucault, 1979, p. 18).

Assim, ao invés de “expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades” (idem, p. 18), estas instituições, ao seqüestrarem ou aprisionarem as existências humanas, estão incluindo-as na sociedade industrial. Estão formando o “homem necessário ao funcionamento e manutenção” (ibidem, p. 19) desta sociedade capitalista.

“Um dos gurus tinha feito sujeira na mesa da professora. A escola funcionava aqui dentro.

(...) Ficamos desde as 11 horas da manhã até as 16 horas da tarde em fila no pavilhão, sem almoçar. Os três (dirigentes) chamaram um por um. (...) Ninguém era, ninguém era. Daí tinha um rapaz, que era muito bom. (...) Ele se acusou pelos outros, dizendo que foi ele que tinha feito aquilo, mas não era. O que aconteceu daí? Aquele que fez todos ficarem de castigo (...) foi passado numa máquina. Vou te contar o que é máquina. Todo mundo fica na fila, numa distância de um metro um do outro. Digamos 60 guris de fila. Aquele, que fez aquela sujeira, vai passar pelo meio das pernas de cada um. Na hora que ele passar aquele no qual ele está passando embaixo vai dar um tapa na bunda dele” *Guri abrigado de 1976 a 1983 no Internato*

Estas punições ou “indignidades físicas”, que constituem o processo de mortificação do eu, descrito por Goffman (1961, p. 30), eram constantes neste lugar. Elas eram parte das ações, às vezes não intencionais, que geravam progressivas mudanças nas crenças que aqueles sujeitos tinham com relação a si mesmo e aos outros, que eram importantes para eles.

Entretanto, os castigos físicos não eram as únicas “indignidades” pelas quais passavam aqueles guris. Não era incomum, na década de setenta, os episódios em que os guris eram agredidos por funcionários dos distintos setores da instituição. Não era raro, esta mortificação do eu através do corpo (Goffman, 1961).

As agressões não somente da parte dos funcionários, mas também entre os guris, eram constantes neste lugar. Um dos que viveu naquele Internato conta que os guris “se agrediam muito”. Ressalta que, embora acontecessem estes episódios, nunca nenhum tinha chegado a parar no hospital.

Todavia, contradizendo esta afirmativa, relata uma ocasião em que seu irmão, também abrigado no Internato, após sofrer agressão de um funcionário, precisou ir até o hospital para levar pontos. Sua fala desvela um lugar em que os guris não tinham garantias sequer de “integridade física” (Goffman, 1961, p. 29).

“De manhã, às 5 horas, os guris tinham que ir pra baia, tirar leite das vacas. (...) O meu irmão estava de frescura com um outro guri. Nós já estávamos indo pra baia. O meu irmão ficou por lá e (...) deu um tapa nesse guri. Esse, que o meu irmão agrediu (...), começou, então, a gritar, chorar e acordou a guriazinha, filha de um funcionário. Acordou ela. Mas a gente não sabia. De repente, ele - o funcionário - chegou com um espeto na mão. Era aqueles espetos que assam carne. Começou a dar pauladas com esse espeto. Eu me lembro que um dos guris levou uma paulada na perna e o outro no braço. Não quebrou, mas deixou os dois mal. O meu irmão levou uma paulada na cabeça, cortou e sangrou”. *Guri abrigado de 1976 a 1983 no Internato*

Este desrespeito à integridade e a dignidade daqueles guris, aos poucos, ia sedimentando os “estereótipos limitados e hostis” (Goffman, 1961, p. 19) que, funcionários e internos, tinham uns dos outros. Vistos como reservados pelos funcionários, estes guris os viam como arbitrários. Havia entre eles um verdadeiro fosso que os separava.

Contudo, esta distância era diariamente demarcada também por outras ações vividas neste Lar. A ação de não dialogar era fundamental para que os papéis desempenhados por funcionários e guris se perpetuassem, para que o disciplinamento fosse mantido. Não dialogando, conservavam-se distantes uns dos outros.

Neste lugar era permitido ouvir e silenciar, jamais falar, dialogar e questionar. Tinham que aceitar as arbitrariedades, já que precisavam do Lar. Naquela época, ficavam neste lugar independentemente de suas vontades. Eram trazidos e deixados por suas famílias ou transferidos de outras entidades que tinham convênio com o Lar, como a FEBEM.

Altoé, (1990, p. 232) investigando um dos Internatos, constatou que o assujeitamento era garantido também pelo “silêncio” ou “impossibilidade” de falar. “Nesta escola, em que os internos já são adolescentes e já sabem falar e contestar. aprendem mais uma vez e diariamente que não têm nada a dizer ou que o que dizem “não tem importância”.

Nem na sua chegada e muito menos na sua permanência eram ouvidos. Não falavam e nem ousavam questionar nenhuma das ações praticadas pelos funcionários daquele Internato. “(...) Nunca se questionou sobre o porquê das filas. Eu era pequeno também. Estava ali precisando do Lar”, relata um dos gurus que residiu no Internato.

Naquele Lar, os gurus pequenos, crianças, verdadeiramente não eram ouvidos pelos funcionários. Todavia, suas falas também não eram ouvidas pelos próprios gurus grandes, adolescentes, que constantemente impingiam-lhes as mesmas regras, que haviam sido impostas pelos funcionários. Desrespeitavam os seus iguais, da mesma maneira que eram desrespeitados.

“Na época, tinham vários gurus grandes que queriam se sobressair sobre os pequenos. De que maneira? Ou dando tapa aqui ou tapa ali”, conta um dos gurus internados na década de setenta. Agrediam seus parceiros tal qual eram agredidos. “Antigamente, o funcionário falava e era aquilo ali. Se não quer, apanha e deu”, diz um outro que viveu no Internato na década de oitenta.

Vivendo neste Lar com funcionários que ora os agrediam com tapa no rosto, ora atiravam um molho de chaves no corpo ou batiam com um espeto, não poderiam jamais olhá-los a não ser com hostilidade e reserva. Viviam no mesmo lugar, mas estavam separados uns dos outros. Assim, solidificavam-se os “estereótipos antagônicos” (Goffman, 1961, p. 20).

“Eu lembro que disseram “Nós vamos te dar todos os grandes pra tu trabalhares”. Eu pensei “Por que os grandes?” (...) Eu notei que eram os mais revoltados. Não sei se eram assim, porque eles tinham dificuldade de falar pra os funcionários as coisas. Tinham uma série de reservas com ele. (...) Eu percebi, pelo que eles diziam, que o funcionário tinha um certo medo deles. Eles diziam isso, mas era um pouco de insegurança, era um pouco de dificuldade mesmo. (...) O funcionário era uma pessoa com poucas vivências, com muito pouco mundo. Saiu da campanha. (...) Precisava de bagagem pra entender aqueles gurus. Eles tinham muito mundo já”. *Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de oitenta no Internato*

Este Lar era, assim, habitado por sujeitos em oposição, por mundos distintos, que não se interseccionavam. Mas este antagonismo, esta divisão entre funcionários e guris estava presente em todas as ações vividas neste lugar. A separação entre os funcionários e os guris internos era visível até mesmo quando se alimentavam.

“No café, tinha que separar os bichinhos da maizena. Era só aquilo ali. Uma época teve pão, outra não teve, era só mingau. Carne, que eu me lembre, só nas festas do Lar”, diz um dos guris que ingressou no Lar no início da década de oitenta. Este café, com bichinhos, todavia, vinha à mesa apenas dos alunos, conta um dos funcionários que entrou no Lar na década de oitenta.

Este contato com alimento sujo, esta “exposição contaminadora”, é outra forma de mortificação do eu, observada por Goffman (1961, p. 33) nas instituições totais. A partir do ingresso, o corpo, as ações, os pensamentos e os bens, são sujeitos a estas exposições, que vem a violar o eu.

Os guris que viveram no Internato têm dificuldades para falarem deste Lar. Em suas falas, tentam mostrar que ali era um bom lugar, mas não conseguem omitir que, na maioria das vezes, era ruim. Especialmente quando falam sobre o alimento sujo ou ruim, conseguem dizer que este lugar era insuportável.

“(…) A gente buscava limão pra espremer na comida. Pra dar um gosto na comida. (...) Não digo que ela era ruim. Não era ruim, não tinha gosto”, diz um dos guris internos na década de setenta. Após ter afirmado que a comida não era ruim, vai descrevendo como ela era e finaliza com um desabafo “Foram anos e anos, a comida era muito ruim”.

Contudo, este Lar não era intolerável apenas na visão dos guris internos. Um dos funcionários responsáveis pela educação dos guris na década de setenta revela como via o Internato. Não era um lugar desejável, onde fosse agradável de se viver. Nem tinha se tornado ainda um lugar suportável.

“Em função de que nós tínhamos pra trabalhar direto com as crianças muito pouca gente, fomos nos valendo dos próprios adolescentes, dos maiores. (...) Nós colocamos pra eles muito francamente que precisávamos da colaboração

deles, pra juntos tornar este Lar uma coisa agradável, pelo menos suportável pra viverem.”
Funcionário responsável pela educação dos guris na década de setenta no Internato

Não suportando aquele lugar, que impedia as interações com os que viviam fora, na comunidade, muitos guris sonhavam ou planejavam fugir dali. A moradia e a alimentação não era suficiente para que o plano de fuga fosse esquecido. Para eles a fuga significava a liberdade. Sonhavam em ser livres.

“Para os guris, a liberdade é mais importante do que a roupa e a comida. Eles estão tão acostumados a viverem em liberdade que não trocam por nada”, diz o coordenador da pastoral do Lar Metodista. A liberdade de ir e vir, tão fundamental para estes guris, não cabia dentro daquele Lar totalmente fechado às interações com o mundo.

Longe das barreiras que os separavam do mundo externo, poderiam retomar alguns dos papéis perdidos por ocasião do seu ingresso no Lar (Goffman, 1961, p. 25). Ocupariam, então, seu tempo estudando ou trabalhando, namorando, ou seja, desempenhando papéis, que comumente são suprimidos dentro da instituição total.

Livres, não teriam que se submeter à rotina de trabalho. Não haveria, então, atividades e horários a serem cumpridos. Não existiriam também regras a serem seguidas. Não seriam mais vigiados, nem sofreriam punições. Escapariam, enfim, do disciplinamento, que atravessa as ações desenvolvidas neste Lar.

Um dos guris que, naquela época, tinha 11 anos conta que “fazia de tudo”. “Até gostava de fazer. Nunca reclamei”, diz ele, tentando mostrar que era um interno “convertido”, ou seja, revelando como se adaptava neste lugar (Goffman, 1961, p. 61). Assim era este Lar. Trabalhavam sem discutir. Cumpriam as atividades sem reclamar. Seguiam as regras sem protestar.

“Quando eu cheguei aqui acho que a gurizada aceitava mais a idéia de ficar num dos setores que o Lar oferecia”, relata o funcionário responsável pela instalação da Gráfica no início da década de oitenta. Caberia aqui perguntar por que estes guris se comportavam assim? Por que eram tão obedientes?

“Naquela época, vinha tudo de cima para baixo. Tinha que aceitar”, diz um dos gurus que viveu, na década de setenta, no Internato. Sob os olhares dos próprios gurus, dos monitores, que os vigiavam ostensivamente, e também dos funcionários dos distintos setores, que os puniam, tinham que aceitar o que lhes era imposto.

Neste Lar, os monitores, escolhidos entre os próprios alunos como “os mais líderes”, segundo um dos funcionários que trabalhou no Internato, “ajudavam bastante no trabalho do dia-a-dia no Lar”. Todavia, eles não orientavam ou acompanhavam somente os outros gurus, mas encarregavam-se de fazer cumprir as atividades.

“Eles assumiram a instituição como sendo a casa deles e passaram a nos ajudar”, conta um dos funcionários responsáveis pela educação dos gurus na década de setenta. Passaram a ajudar trabalhando e fazendo todos trabalharem. Passaram, verdadeiramente, a vigiar, juntamente com todos os funcionários.

“(…) A gente precisava contar com a colaboração deles. Realmente, se houvesse uma situação de rebeldia, de indisciplina, era muito complicado pra nós pelo pouco número de pessoas que tínhamos pra trabalhar”, revela o mesmo funcionário. Aqui fica mais evidente o papel destes monitores. Realmente, eram eles os que vigiavam para que não houvesse indisciplina.

Estando na baia, na horta, na cozinha, em todos os setores do Lar, poderiam vigiar para que todos trabalhassem. Vigiando, dia-a-dia, descobririam os rebeldes, aqueles que não se submetiam à disciplina, nem mesmo diante das severas punições. Desempenhando este papel, os monitores foram fundamentais para a manutenção do ideal disciplinar.

Eis o papel do monitor segundo um dos gurus abrigados no Internato desde 1986. “Monitor é aquele que bate o ferro, arruma todos os gurus certinho pra estarem no horário certo no refeitório. Tem que bater o ferro na hora certa pra hora do banho, controlar quem está trabalhando e quem não está.”

Desempenhando tal papel, faziam cumprir as regras da instituição. Isso os colocava ao lado dos que dirigiam o Lar, nessa época e inevitavelmente afastados de todos os outros gurus. Ajudando aqueles que os

puniam, estavam em oposição àqueles com os quais dormiam, trabalhavam, estudavam e brincavam.

Eram recompensados, todavia, pelos funcionários com vários prêmios. “Logo que eu cheguei (...) tinha quarto de monitores. Eu não entendia muito bem. Tinha monitor do monitor, com seu quartinho mais bonito”, diz um guri internado no início da década de oitenta, revelando que os obedientes eram contemplados com privilégios.

Estes privilégios fazem parte de um sistema que, segundo Goffman (1961, p. 50), possibilita que o internado se reorganize. Este sistema compreenderia as “regras da casa”, ou seja, o “conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado”.

Inclui também “um pequeno número de prêmios ou privilégios claramente definidos, obtidos em troca de obediência, em ação e espírito à equipe dirigente” (idem, p. 50) e, por último, os castigos, decorrentes da desobediência às regras. Goffman (ibidem, p. 50) ressalta que os privilégios e castigos são as formas de organização típicas das instituições totais.

Naquela época, os monitores não eram os únicos que vigiavam e controlavam os guris. Havia um controle que era paralelamente exercido por alguns guris maiores sobre os demais internos. Os que viveram neste lugar falam que, além da lei do internato, imposta pelos monitores, existia concomitantemente a lei do guri, determinada pelos guris maiores.

“Logo que eu cheguei, em 1981, tinha muita divisão entre os guris. Cada um queria puxar o seu pedacinho. O que concordava com ele, era do lado dele e o que não concordava, apanhava. Isto acontecia entre os guris. Tinham alguns guris, hoje em dia já dá pra se dizer abertamente, que comandavam alguns setores. Tinha o funcionário em cada setor, mas tinha o guri, que às vezes mandava mais que ele. Esse era um dos lados. Além da lei do internato, tinha a lei do guri. Eu peguei o final disto”.

Guri abrigado na década de oitenta no Internato

Naquela época, estes gurus que comandavam eram os líderes, embora não tivessem sido escolhidos pela maioria. Impunham-se através da força física e do medo que provocavam. Comumente, controlavam mais os gurus que os monitores e os próprios funcionários dos setores, os quais também os temiam, segundo os gurus internos.

“Eu me lembro de um guru. (...) Ele tinha um quarto, onde guardava tv roubada”, lembra um dos gurus que viveu na década de setenta no Internato. Ninguém conseguia controlar estes gurus que, segundo ele, “monitorizavam a gurizada”. “Naquela época era assim. Eu me sentia pequenininho perto deles. Eu era pequeno”.

“(...) O relacionamento entre os gurus era mais na base da força. Eu lembro de alguns provalcimentos dos gurus com os novos, porque eles não queriam ser da panelinha”, relata um dos gurus que chegou no início da década de oitenta no Internato. Haviam, então, algumas “panelinhas” (Goffman, 1961, p. 58), as quais tentavam reunir o maior número de gurus.

Em “panelinhas, os gurus não só tinham apoio emocional, mas também podiam desafiar os monitores e funcionários, que praticavam ações autoritárias. Nestas “panelinhas” ainda aprendiam um pouco sobre solidariedade e lealdade, que não vivenciavam no dia-a-dia daquele Internato. Todavia, o aprendizado da solidariedade era bastante limitado.

“Embora haja tendências de solidariedade - por exemplo, confraternização e formação de “panelinhas” - tais tendências são limitadas. As coerções que colocam os internados numa posição em que podem identificar-se e comunicar-se não levam necessariamente a elevado moral de grupo e à solidariedade” (Goffman, 1961, p. 58)

Neste Lar, gurus internos viam-se freqüentemente entre as panelinhas, que exigiam adesões dos que ali chegavam, e os monitores e funcionários. Desde que ali chegavam, passavam a ser controlados ou pelos líderes das “panelinhas” ou pelos funcionários. Assim, eram organizados os grupos que disputavam o controle e o poder naquele lugar.

Aprendiam dia-a-dia a vigiar, controlar, temer e agredir. Dentro e fora das “panelinhas”, acontecia este mesmo aprendizado. Ao invés de respeito,

tinham medo e agiam movidos por ele. Verdadeiramente, eram constantemente coagidos, inclusive por seus parceiros, que poderiam entregá-los aos funcionários para que fossem punidos.

Neste lugar aprendia-se pouco sobre respeito, solidariedade, lealdade e amizade. Não precisavam respeitar, bastavam temer. Nem mesmo deveriam ser solidários, leais e amigos. Tinham apenas que aprender a serem obedientes. Suprimia-se tudo em nome de uma disciplina.

Uma disciplina, cujas nuances eram dadas pelos funcionários dos distintos setores do Lar. Na década de setenta e início de oitenta, era uma disciplina rígida. “O rigor me parecia excessivo, uma disciplina que se entendia que se poderia usar com os gurus. (...) Isso acontecia e refletia bastante negativamente na Igreja”, diz o Coordenador da Pastoral do Lar.

Naquela época, a maioria dos funcionários acreditava que era preciso discipliná-los especialmente através de punições. Muitas punições, severos castigos os transformariam em obedientes. Assim pensavam e agiam, em evidente confronto com o regulamento escrito desta instituição metodista, que desejava promover o desenvolvimento integral destes gurus.

O ideal disciplinar havia impregnado tanto aqueles que dirigiam este Lar que mesmo os funcionários recém-chegados não conseguiam agir contrariamente. Logo, estavam punindo os gurus. “ (...) Muitos funcionários que estavam aqui tiveram um comportamento ainda muito repressivo. (...) As crianças se queixavam muito”, diz o funcionário responsável pela educação dos gurus na década de setenta.

“(...) Ele estava numa fase que, por qualquer coisa, ele batia. Ele só batia”, conta um dos funcionários a respeito do comportamento de um outro que trabalhava no Lar no início da década de oitenta. Um outro “que eu admirava bastante como pessoa, amigo meu, já estava também entrando nessa de castigar fisicamente os gurus. Ele não era assim”

Todavia, estes não eram os únicos funcionários que agiam assim. A maioria dos que trabalhavam e dirigiam o Lar, nessa época, havia encarnado o ideal disciplinar de tal maneira que puniam, com severidade, os gurus internos, sem esconder. Exerciam esse poder disciplinar, sem disfarce, diante de todos.

“Esse senhor tinha uma filosofia de que numa mão se guardava um bombom e na outra um relho. Ele achava que a gente dava carinho dando um doce, alguma coisa. Mas que, por outro lado, tinha que ter energia. E ele usava esta energia. Muitas vezes ele dava um tapa bem forte ou usava o relho (...) quando o guri atrasava ou não ia no setor dele”. *Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de oitenta no Internato*

Com um relho, um dia, os disciplinariam. Assim agiam vários funcionários. Ora davam tapa no rosto de um guri diante de todos os outros, ora os castigavam com relho, ora ataçavam um cachorro para que mordesse um deles. Nessa época, muitos puniam, entretanto, poucos davam afeto.

Neste “sistema de autoridade escalonada”, segundo Goffman (1961, p. 44), “qualquer pessoa da classe dirigente tem alguns direitos para impor disciplina a qualquer pessoa da classe de internados, o que aumenta nitidamente a possibilidade de sanção”. Assim, a todo momento, poderiam ser punidos por qualquer um dos funcionários do Lar.

São estes distintos funcionários, estas diferentes autoridades, que, para Goffman (idem, p. 44) difundem ou multiplicam as regras ativamente impostas em uma instituição total, como o Lar Metodista. São eles que fazem os internos “em uníssono” executarem as atividades, ou seja, serem “arregimentados”.

“Se o guri apanha, ele sabe porque apanhou. É pra não voltar a fazer mais. Não precisa falar”, assim pensava um dos que dirigiam o Lar no início da década de oitenta. Assim pensavam muitos funcionários. Pensavam e agiam em consonância com os metodistas que dirigiam a instituição. Assim era este Lar.

“Tinham gurus que programavam vingança quando crescessem. Eu lembro de um que planejava uma vingança contra um dos funcionários, quando ele saísse”, revela um dos funcionários que trabalhava com os gurus na década de oitenta. Alguns destes gurus estavam, naquele lugar, aprendendo a não amar.

Distanciavam-se assim dos princípios metodistas, cristãos, dia-a-dia. Como poderiam amar o próximo se aqueles que lhes estavam próximos não

os amavam? Como poderiam respeitá-los se não eram respeitados? Como poderiam ser solidários uns com os outros se não vivenciavam ações de solidariedade no cotidiano do Lar?

Muitos funcionários que trabalhavam no Lar, nessa época, concebiam estes guris como não sendo “completamente humanos” (Goffman, 1988, p. 15) ou como sujeitos com “estigma” (idem, p. 13-14), cujos destinos já estavam traçados. Eram sujeitos que não tinham mais jeito. Todavia, se assim eram concebidos, cabe perguntar o que faziam dentro do Lar?

“Esses meninos não sabem nem a data do nascimento”, disse um dos dirigentes do Lar a um dos funcionários do Internato. “Eu entendi que eles eram bichos”, conta este funcionário. Neste Internato, guris grandes e pequenos eram verdadeiramente concebidos e tratados como estigmatizados (Goffman, 1988, p. 15).

Não eram sujeitos “normais”, segundo Goffman (1988, p. 23) mas sujeitos com “estigma” (idem, p. 13-14) Como estigmatizados, estes guris, sofriam as mais variadas formas de discriminação. As palavras e ações dos que dirigiam esse Lar são reveladoras de como os guris eram concebidos neste lugar.

“Eu lembro que uma vez um dos guris apanhou e que eu passei remédio na marca do relho. Um grupo da administração estava por ali. Então, eles me chamaram. (...) O Diretor disse assim “Olha, a gente reparou que tu és um cara bom, um cara de boa família. Tu vieste pra cá e estás sendo bastante útil. Mas eu acho que tu ainda não conheceu bem o trabalho, porque na verdade tu te enganas, às vezes. Esses meninos são diferentes do teu mundo e, às vezes, sem querer, tu atrapalhas”. *Funcionário responsável pela educação dos guris na década de oitenta no Internato*

Estes guris verdadeiramente faziam parte de um outro mundo, de uma outra classe social. Eram, assim, diferentes dos funcionários, dos sujeitos “normais” (Goffman, 1988). Em virtude disso eram discriminados pela maioria dos funcionários que trabalhavam nos distintos setores do Lar Metodista.

Nas interações ou nos “contatos mistos” (Goffman, 1988, p. 22), onde guris defrontavam-se com os dirigentes, era possível ver as causas e os efeitos do estigma. Nestes momentos, os guris passavam a conhecer em qual das categorias haviam sido colocados.

Freqüentemente, estavam entre os sujeitos estigmatizados. Mas não raramente também eram incluídos entre os não-sujeitos pelos que trabalhavam nos distintos setores do Lar, nas décadas de setenta e início de oitenta.

“Provavelmente tentaremos (nós, normais) proceder como se, de fato, esse indivíduo correspondesse inteiramente a um dos tipos de pessoas que nos são naturalmente acessíveis em tal situação, quer isso signifique tratá-lo como se ele fosse alguém melhor do que achamos que seja, ou alguém pior do que achamos que ele provavelmente é. Se nenhuma dessas condutas for possível, tentaremos, então, agir como se ele fosse uma “não-pessoa” e não existisse, para nós, como um indivíduo digno de atenção ritual”. (Goffman, 1988, p. 27)

Todavia, eram concebidos como “estigmatizados” não somente intramuros, dentro do Lar, mas também fora deste lugar. Em uma das raras interações destes guris fora da instituição, puderam defrontar-se com a posição social que lhes imputavam os sujeitos que viviam no mundo externo.

Alguns dos guris foram, então, matriculados, independente de suas vontades, no Colégio Centenário, pertencente ao Instituto Metodista Centenário, o qual era freqüentado por guris e gurias das classes média e alta da cidade. O relato de um destes guris mostra como se sentia naquele lugar.

“Eu sabia que o Centenário era um colégio de ricos. Imagina, eu, aluno do Centenário. Eu andava sempre de chininho, de conga. Eu não tinha condições de ter roupas boas”, diz este guri interno, mostrando que não havia como “encobrir” (Goffman, 1988, p. 84) a sua procedência - era um internado do Lar - e sobretudo a sua classe social. O seu estigma era visível para todos que o olhassem.

“Eu comecei a me sentir mal no meio dos alunos. (...) Fiquei sabendo que se eu passasse, ia continuar lá. Eu tinha bolsa de estudos.

Pensei “Eu não vou me esforçar pra passar nunca (...) porque eu não quero continuar aqui”. Eu, aluno interno, tive que mandar pedir um abrigo verde do Centenário pra minha mãe, que trabalhava, em Porto Alegre, de doméstica. Comprei aquele abrigo, mas não ficou legal. O que tinha de guriuzinha dondoca ali e gurizinhos que olhavam pra gente diferente. Eu me sentia mal. Eu cá comigo “Olha, a roupa bonita lá. Amanhã, vem com outra roupa bonita”. E eu sempre com a mesma roupa. Naquele ano, eu rodei pela primeira vez na minha vida. Eu nunca tinha rodado desde a 1ª até a 8ª série. Eu resolvi rodar pra não ficar lá”. *Guri abrigado no Internato de 1976 a 1983*

Especialmente, neste episódio constataram que não eram tratados como sujeitos “normais” (Goffman, 1988) nem pelos que viviam fora do Lar e nem mesmo pelos que dirigiam a instituição, os quais não haviam lhes perguntado se desejavam freqüentar este colégio ou permanecer naquele onde interagiam, a vários anos, com seus iguais.

“Eu tinha passado da 7ª série pra 8ª no Érico. No primeiro dia de aula da 8ª série, eu cheguei aqui no Lar e o funcionário me disse “Tu vais estudar no Centenário”. Todavia, reclama este guri, “Ele não perguntou se eu queria ir pra lá ou não”, revelando que ainda não eram considerados propriamente como sujeitos, como sujeitos com vontades (Goffman, 1961).

A identidade social deste e de outros guris não somente dentro do Lar era radicalmente diversa da identidade anterior a sua entrada neste lugar, mas também fora, na comunidade nunca mais seria igual a que era. “Ao tornar-se um internado”, havia verdadeiramente adquirido um estigma (idem, p. 68-69).

“Eu lembro que, quando os guris foram estudar no Centenário, era tão horrível pra eles estudarem lá, embora a intenção fosse boa, de tentar encontrar novos caminhos pra eles, que um deles acabou fugindo. (...) Ele não suportava conviver lá. (...) Eles diziam assim “A gente chega lá naquele colégio e tem aqueles boyzinhos. Eles usam tênis de marca e nós com essas conguinhas. Eles olham pra gente de

forma diferente.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de oitenta*

Vários dos gurus que viviam neste Lar eram os que não tinham “dado certo em outros lugares”, conforme um dos funcionários que foi responsável pela educação dos gurus na década de oitenta. Como internados, transferidos de outras instituições, eram olhados a priori como sujeitos estigmatizados ou não-sujeitos.

Muitos dos gurus que estavam neste lugar eram aqueles, segundo um dos seus Diretores, que não sabiam “nem a data do nascimento”. “O que ele me disse é que não tinha volta, que não adiantava investir neles”, relata o funcionário a quem o Diretor havia endereçado a sua fala.

Seria oportuno aqui voltar a perguntar o que faziam dentro do Lar se não adiantava investir neles. Aqui fica evidente que o Lar, enquanto instituição disciplinar (Foucault, 1986), pretendia incluir, e não excluir, estes sujeitos, estigmatizados, em um sistema normalizador.

“Mesmo se os efeitos dessas instituições são a exclusão do indivíduo, elas têm como finalidade primeira fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens. A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo ligar o indivíduo a um processo de produção, de formação ou de correção dos produtores. Trata-se de garantir a produção em função de uma determinada norma”. (Foucault, 1996, p. 114)

Naquela época, “havia um convênio com o estado para arrumar recursos, de forma que o Lar tinha de aceitar esses meninos da FEBEM, às vezes, grandes, difíceis de recuperar”, diz o Coordenador da Pastoral do Lar, explicitando o que pretendiam com aqueles gurus. Precisavam ser recuperados ou transformados.

Seriam transformados ou corrigidos mediante “vigilância individual e contínua”, (Foucault, 1996, p. 103) exercida por uma cadeia de olhares dos monitores, dos funcionários, do diretor, e também através do controle dos corpos dos gurus e o controle de “todo o tempo de suas vidas”.

Controlavam transformando todo o tempo dos gurus em tempo de trabalho. A rotina diária mostra como se dava este controle, que se estendia

inclusive ao tempo de lazer. Assim é que os transformavam em gurus disciplinados.

“Alguns levantavam às 5h30m da manhã e já iam pro tambo. Às 6h30m todos levantavam e se preparavam pra escola. Os que não iam pra escola cumpriam uma escala de limpar os quartos, os banheiros, o refeitório. Alguns iam pras oficinas, pro tambo, pra horta. Às 11h30m todos retornavam. Iam tomar banho e se preparar pro almoço. Aquele grupo que estudava de manhã fazia esta outra rotina de trabalho de tarde. Às 17h a gente tinha um período de lazer, esporte e recreação. À noite, depois da janta, era o período de estudar”.

Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de setenta

Os que viveram em instituições totais sabem que o controle do tempo é crucial para a disciplinarização de um sujeito. É preciso “ter exigências com horários” diz o Coordenador da Pastoral do Lar Metodista, desde 1985, que teve uma experiência como internado durante oito anos em duas instituições.

Na década de setenta, aqueles gurus tinham o tempo de suas vidas ocupados com o trabalho doméstico e também agropecuário. Um pouco era preenchido com o estudo, que, na maioria das vezes, não era suficiente para chegar até a 6ª série do 1º grau, oferecida dentro do Lar Metodista, segundo um dos funcionários que trabalhou no Internato na década de setenta.

“A rotina das crianças era escola, era o trabalho na agropecuária, ou seja, no tambo, na pocilga, cuidando dos animais, na horta. Nós tínhamos, nesse período, funcionando (...) a tipografia e alguns cursos como eletricidade, torneiro mecânico”, diz o funcionário responsável pela educação dos gurus na década de setenta.

“A profissionalização era uma preocupação, só que a nossa infraestrutura era muito pobre, do ponto de vista da tipografia. O próprio torno mecânico era muito precário.” Assim, os gurus que estavam neste Lar acabavam aprendendo apenas o trabalho doméstico e agropecuário. Eis o que pensavam os dirigentes do Lar diante desta realidade.

“Se eles não conseguem terminar o 1º grau, muito menos o 2º grau, não tiverem uma noção

de algumas áreas de trabalho, do que terá servido o Lar pra eles? Foi aí que a gente começou a pensar. Vamos ter que implantar um sistema de profissionalização que seja pelo menos razoável.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de setenta*

Se não forem sujeitos produtivos, “corpos úteis” (Foucault, 1986), “do que terá servido o Lar”? Assim, começaram a pensar os que dirigiam este Lar, no final da década de setenta. Aqueles gurus deveriam “adquirir aptidões” (Foucault, 1996, p. 119), outras aptidões além das circunscritas à atividade doméstica.

Na década de setenta, seus corpos haviam se tornado submissos, “dóceis” (Foucault, 1986), todavia não suficientemente “úteis”. Era preciso persistir disciplinando para que seus corpos tivessem suas forças diminuídas, “em termos políticos de obediência”, ao mesmo tempo que aumentadas, “em termos econômicos de utilidade” (Foucault, 1986, p. 127)

“Nós tínhamos que preparar eles pra pelos menos quando saíssem do Lar tivessem alguma base pra enfrentar a realidade do mundo, fora do Lar. Isso começou a nos preocupar”, diz o funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de setenta e Diretor Geral a partir de 1984.

E os gurus começaram a ultrapassar os invisíveis muros do Lar...

X. Esta é a Casa-Lar

Terminava a década de setenta e com ela exauria-se também a vida daquela instituição totalmente fechada aos intercâmbios com a comunidade. Havia chegado ao seu ápice como organização formal. Era mais uma organização formal e menos uma comunidade (Goffman, 1961). Era uma comunidade apenas residencial.

Convictos de que no velho Internato não se construiria uma verdadeira comunidade, os dirigentes do Lar Metodista projetam seis Casas-Lar. Na metade da década de oitenta, gurus e funcionários começam a construir este novo lugar ou reconstruir o Lar. Pensavam que a Casa seria o lugar ideal para esta comunidade.

Este lugar abrigaria uma família. Os que dirigiam o Lar pensavam no seus próprios modelos familiares, no modelo familiar típico das famílias de classe média e das famílias das classes trabalhadoras de trajetória ascendente (Fonseca, 1993, p. 126). A Casa-Lar abrigaria uma família constituída de um casal e doze gurus.

Embora, inicialmente, tenham pensado neste modelo centrado na família conjugal, na maioria das Casas, foi se constituindo uma outra organização familiar, constituída pelo casal, com seus filhos, e pelos gurus que ali vinham residir.

Esta nova organização não era propriamente uma família constituída de pais e filhos, uma “família nuclear e fechada” (Fonseca, 1993, p. 127), mas também não era uma “família extensa”, típica das classes populares, das quais eram procedentes os gurus e freqüentemente os funcionários.

Gradualmente, passam a construir esta organização, dormindo, trabalhando e brincando neste lugar, sob o olhar vigilante (Foucault, 1986) de um funcionário, que controlava não somente seus corpos, mas também todo o tempo disponível.

“Naquela época, eu não fazia o serviço dos maiores. Agora eu já faço. Mas quando eu era menor tinha que ajudar também. A gente quase não tinha horário livre”, conta um dos gurus abrigados na Casa desde 1986, revelando que este lugar não se diferenciava do Internato quanto ao controle do tempo.

“Quando eu cheguei aqui era um pouco difícil, porque eu não tinha entrado naquele ritmo. (...) Como eu era pequeno tinha vontade de passar o tempo todo brincando. Como aqui tinha determinado horário pra fazer as escalas, em outro tinha que estar estudando, se tornava difícil”, diz este guru abrigado em outra Casa desde 1989.

Neste Lar, gurus grandes e pequenos tinham quase todos os instantes ocupados. Um dos momentos, nos quais não estavam sob a vigilância e o controle de um funcionário, acontecia quando iam para o colégio. No início da década de oitenta, o colégio não estava mais dentro do Lar, o que mostra que uma das esferas de suas vidas não era mais realizada neste lugar.

A instituição, totalmente fechada aos intercâmbios com a sociedade mais ampla, abria-se, nessa época, oportunizando que os gurus das novas Casas e do velho Internato interagissem com muitos gurus e gurias do Bairro Chácara das Flores, onde estão localizados o Colégio e o Lar Metodista. Era o início de uma abertura, sem retorno, ao mundo externo.

“Então, as crianças tiveram que descer, passar a conviver com as crianças da comunidade. Alguns passaram a estudar no Érico, que é a outra escola próxima. Um grupo de adolescentes passaram a trabalhar na Caixa Econômica Federal, no Banco Itaú, em outras firmas da cidade. Houve uma abertura muito grande”. *Funcionário responsável pela educação dos gurus a partir de 1974 e Diretor Geral de 1984 a 1996*

Durante pelo menos um turno do dia, estes gurus ficavam fora do Lar, o que lhes possibilitava retomar alguns dos papéis (Goffman, 1961) que haviam perdido por ocasião do ingresso nesta “instituição total”. Na escola, não só iriam estudar, interagir com outros gurus, não portadores de “estigma” (Goffman, 1988), mas também com gurias.

Os gurus, que já haviam sido olhados diferentemente, discriminados, nas raras interações com sujeitos “normais”, fora do Lar, agora, com o ingresso no colégio, aprenderiam a lidar com o tratamento que estes lhes davam enquanto sujeitos estigmatizados. Para estes era uma nova fase nesse processo de aprendizagem (Goffman, 1988, p.91).

Para os outros, que ainda não haviam sofrido discriminações fora da instituição, porque viviam apenas ali dentro, era o momento de iniciar este difícil aprendizado. Passariam a se confrontar, no colégio, com o ponto de vista dos “normais”, que começariam olhando-os diferente e após, afastando-se deles.

Nessa época, muitos dos gurus do Lar eram facilmente reconhecíveis. Suas cabeças raspadas os expunham aos olhares diferentes de todos aqueles com os quais interagiam. Eram verdadeiros “símbolos de estigma” (Goffman, 1988, p. 53), que forneciam a “informação social” (idem, p. 52) àqueles que vinham a conhecê-los.

Estes símbolos, segundo Goffman (ibidem, p. 53), “(...) são especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia, de outra forma, ser um retrato global coerente, com uma redução conseqüente em nossa valorização do indivíduo”.

Quantos ainda não haviam percebido que sua identidade social havia mudado, após a internação. Todavia, havia chegado o momento crucial de enfrentar o fato de que não eram mais olhados indiferentemente. Eram sujeitos estigmatizados.

Mas nem tudo estava consolidado. No colégio, poderiam recuperar alguns dos papéis vividos antes de entrarem no Lar. O tempo poderia ser utilizado para estudar, mas também para dialogar com tantos outros gurus e gurias e para namorar (Goffman, 1961, p. 25).

Para estudar, entretanto, estes gurus precisavam ser estimulados e acompanhados pelos funcionários com os quais tinham convívio no dia-a-dia. O relato de um destes, que veio a residir na Casa-Lar, no final da década de oitenta, revela o que acontecia nesse sentido.

“Acho que isso eu nunca tinha falado pra ninguém. Se eu não tivesse entrado no Lar, não estaria na segunda série do segundo grau. Quem sabe teria parado na sexta série. Estaria talvez roubando aí fora, sinceramente. Era norma do Lar o estudo. Tu está aqui, vai fazer o que? Tu tem condição de estudar. Então, tem que estudar. O pessoal dava muita atenção pra isso. Se a gente tirava nota baixa, ficava estudando um tempo maior do que os outros. Tinha castigo também. Ficava sem olhar televisão”. *Guri abrigado na Casa-Lar de 1989 a 1994*

“Tinha castigo” neste Lar, todavia, haviam outras motivações, que levavam os funcionários a aplicar-lhes punições, distintas daquelas existentes no Internato. Havia vigilância, controle e correção individual e continuamente, atestando que se conservava como instituição disciplinar (Foucault, 1986). Todavia, também estava mudando, ao abrir-se à comunidade.

Neste Lar, constituído de Casas-Lar, tal qual no Internato, funcionava “um pequeno mecanismo penal” (Foucault, 1986, p. 159), através do qual eram julgados e corrigidos os comportamentos inadequados ou não desejados pelos que dirigiam a instituição.

“Na escola, (...) funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira”. (Foucault, 1989, p. 159)

Neste Lar, freqüentemente, os funcionários aplicavam-lhes “castigos físicos leves” e submetiam-lhes a “pequenas humilhações” (Foucault, 1986, p. 159). Era preciso “tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta” e ao mesmo tempo “dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar (idem, p. 160).

“Como eu era pequeno, queria fugir daquela rotina de fazer escala, de estudar. A maior parte dos castigos foi porque eu não queria me submeter a essa rotina”, conta um destes guris abrigados em uma das Casas. “Quando a gente chegou aqui, essa casa (...) tinha muita guanxuma em volta. O castigo era, então, limpar”.

“Eu me lembro (...) que a gente ficava até uma hora de pé, sem se mexer, no corredor da casa. Às vezes, ficava o grupo inteiro (...). Acho que não era uma hora, mas, na época, a gente era criança. Poderia ser quinze minutos, mas parecia bastante”, conta um outro guri que ingressou no final da década de oitenta na Casa-Lar.

Eram assim castigados quando “sumia alguma coisa”, diz ele. “Daí ficava ali até um dizer quem tinha pegado. Geralmente, ninguém dizia. Então, eles mandavam a gente dormir”. Neste grupo, semelhantemente ao do Internato, embora pudessem tornar-se solidários, esta tendência era também limitada.

Às vezes, roubados, agredidos ou delatados por seus próprios companheiros, aprendiam a não confiar completamente. Estas coerções, então, dificultavam ou impediam que se construísse um “elevado moral de grupo” (Goffman, 1961, p. 58) e que se tornassem solidários, ao contrário do que esperavam os dirigentes do Lar.

“Tinha os que a gente se dava melhor, os que eram mais amigos, os que a gente contava as mentiras e a verdades e tinha aqueles que eram mais enjoados, que entregavam se a gente fizesse alguma coisa errada”. Também na Casa-Lar, havia os “olhares vigilantes” de guris que, embora não denominados monitores, controlavam ostensivamente os que ali viviam.

Eram disciplinados especialmente através desta vigilância, a qual era vista por estes guris como “contínua, perpétua, permanente” (Foucault, 1979). Através deste vigiar permanente e não limitado a um espaço específico, já que existente nos lugares mais insuspeitados, seriam controlados e corrigidos.

Assim, na Casa-Lar, os funcionários já não precisavam mais praticar violências físicas ou coagir os guris. Apenas vigiando ostensivamente, os transformavam em sujeitos submissos, “dóceis” ao mesmo tempo “úteis” (Foucault, 1986). Olhando-os sempre, um dia, ficariam impregnados deste olhar.

Nesse dia, após interiorizar este olhar, não precisariam mais ser vigiados, porque eles próprios se olhariam. “(...) Cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo” (Foucault, 1979, p. 218). Enquanto isso

não acontecia, outros os olhavam continuamente. Vigiam, controlavam e puniam para que se tornassem sujeitos submissos.

É preciso dizer que, na Casa-Lar, o olhar vigilante de apenas um funcionário era suficiente para controlar os doze gurus que ali viviam. Em suas falas, estes gurus revelam que viam esta vigilância, de tal modo que todos os gurus residentes nas Casas, em algum momento, desejavam ir, a partir do final da década de oitenta, para o Internato.

“Acho que ali no Lar - Internato - eles ficam um pouco mais livres. Não é exigido, porque lá existe maior quantidade de guru. Eles ficam meio livres. Escapam da regra. Ali é mais fácil de fazer isso”, diz um dos gurus abrigados na Casa desde 1986, mostrando que, neste outro lugar, sob vigilância descontínua, estes gurus eram mais livres.

“Quando eu estava lá - na Casa - eu queria vir pra o Lar - Internato. Porque aqui acho que os gurus têm mais liberdade. Acho que até hoje é assim”, diz um dos gurus residente em outra Casa de 1989 a 1994. Na Casa-Lar, segundo ele, eram menos livres ou mais vigiados, controlados e punidos.

“Bastante gente queria vir pra o Lar - Internato. Às vezes, brigavam com o funcionário da Casa. “Eu quero ir embora pra o Lar”. Eu acho que eu nunca cheguei a falar isso. Mas eu pensava isso “Bah, eu queria ir pra o Lar. Lá é legal!” *Guri abrigado na Casa-Lar de 1989 a 1994*

Ir para o Internato, denominado por eles de Lar, significava para todos os gurus das Casas, escapar do olhar vigilante do funcionário, do controle e da punição. “Por exemplo, sumia uma camiseta. Como é que ia saber entre cinquenta gurus? Lá - na Casa - entre doze, castigavam todos. Aqui - no Internato - ficava assim”, diz o mesmo guru.

Por que os gurus querem ir pra o Internato? “Porque a tia - da Casa - exige. Tem uma hora pra cada atividade. Daí os gurus ficam de brincadeira, a tia xinga e manda fazer o serviço. Daí eles acham que a tia é ruim ou não gosta deles. Então, eles falam isso”, diz outro guru abrigado em uma das Casas, desde 1986.

“Lá - no Internato - eles fazem as coisas quando estão com vontade de fazer. (...) Eles têm as escalas e, se eles querem fazer, fazem. Se eles

quem nunca fez nada, em termos de trabalho, isso talvez represente uma punição. Sabe-se lá o que se passa na cabeça de uma criança. É possível que tenha sobre eles algum efeito. Qualquer disciplina pra quem não está acostumado com nenhuma é muito ruim.”
Coordenador da Pastoral do Lar Metodista desde 1985

“Eu tenho guris pequenos. Então, é difícil pra varrer uma casa. Uma criança, eu sei que vai varrer, mas não vai ser perfeito. Como eu fico em casa, depois eu dou mais uma varrida. Daí eu digo assim “Vocês não fizeram bem hoje, de manhã. Agora vocês vão lustrar a casa”, diz uma funcionária da Casa.

Assim, os guris iam aprendendo a ser “úteis”. Dia após dia, aprendiam a utilizar seu tempo, a transformar todo o tempo em tempo útil, de tal modo que, após vários anos, não precisavam mais estar sob a vigilância e o controle de um funcionário.

É importante acrescentar que talvez o aprendizado do trabalho realizado por guris e funcionários conjuntamente, nas Casas, tenha influído para que o distanciamento entre os grupos dos que dirigiam o Lar e dos guris fosse atenuado. Nas Casas, esta distância entre funcionários e guris era não só menor, mas também mais sutil.

“Eu tinha dificuldade pra conversar com eles pelo fato de eu ser muito agressiva. Se tinha uma coisa errada, eu não aceitava. Eu não sabia aceitar e conversar com eles”, conta esta funcionária da Casa-Lar, revelando como tratava os guris, quando chegou na instituição, na metade da década de oitenta.

“Eu estou aceitando muita coisa que não aceitava antes. Já sei conversar com eles. Antes eu não sabia conversar, sabia gritar com eles. Eles faziam uma coisa errada e eu não sabia dizer “Tu não deves fazer isto”. Eu chegava e dizia “Por que tu fizeste isso?” E braba. Agora não. Já sei conversar. A gente aprende com eles sempre. Então, se fez uma coisa errada, eu vou saber com ele o que foi que aconteceu, o que deu naquela hora. Já é outro sistema. Antes eu

não conseguia fazer isto. Eu ficava braba, gritava e já punia também. Agora não é mais assim. Eu já penso “Pra que eu vou dar castigo, vou punir toda vez que fazem uma coisa errada. A gente faz tanta coisa errada e não estão sempre punindo a gente”. *Funcionária responsável pela educação dos gurus no Internato de 1986 a 1989 e na Casa-Lar de 1989 a 1996*

“Se eu tinha dificuldade em alguma coisa ou estava sentindo alguma coisa ou até metido em briga, qualquer coisa pessoal, eu falava pra ela. Eu falava com a tia principalmente quando eu brigava com a mãe”, conta um dos gurus abrigado nesta Casa-Lar, revelando em que circunstâncias acontecia, na Casa, o diálogo.

Neste lugar, gradualmente, gurus e funcionários estavam aprendendo a dialogar, a buscar o diálogo possível. Ora falando, ora ouvindo, iam aproximando-se e, assim, afastando-se dos “estereótipos limitados e hostis” (Goffman, 1961). Estavam, dia-a-dia, aprendendo a se tratar sem tantas reservas e hostilidade.

“Quando ela conversa, a gente entende o que ela quer falar pra gente e ela entende a gente também”, conta um dos gurus, mostrando que começava a se estabelecer uma relação que incluía não mais apenas o funcionário que falava, mas também o guri, que ainda com muitas reservas, também falava e era ouvido, podendo inclusive ser entendido.

Esta ação de dialogar não estava sendo exercitada apenas pelos gurus e funcionários de uma Casa-Lar, mas acontecia gradualmente também em outras, segundo contam os gurus residentes em distintas Casas, na década de oitenta. Ainda falando muito, mas já ouvindo os gurus, os funcionários iniciavam-se neste aprendizado.

Para dialogar, porém, estes gurus precisavam falar, expressar o que pensavam e sentiam. Necessitavam aprender a dialogar, a falar e ouvir, tal qual os funcionários. Com fala própria, começavam a mudar enquanto sujeitos. Não ouvindo somente, mas também falando, deixavam de ser apenas sujeitos submissos. Abria-se a possibilidade de serem autônomos.

“Até hoje eu digo pra os guris “Qualquer coisa que acontecer, falem. Não fiquem de boca fechada, sofrendo. Ou alguém bateu ou fez isso ou aquilo. Falem”. Desde o início, eu falei pra os guris aqui”, diz um dos funcionários que começou a trabalhar na Casa-Lar no final da década de oitenta.

“Falem” diz o funcionário, emprestando a sua voz de guri, que também viveu esta experiência no Internato, a estes que, hoje, residem na Casa-Lar. “Eu era um guri quieto. Mandavam eu fazer tal coisa, eu fazia, obediente”, diz ele. Falem, guris. Não fiquem quietos, como eu fiquei quando estive internado.

“O funcionário conversava com a gente. Ele fazia umas mini-reuniões. Sentava com a gente no quarto. (...) Ele falava sobre tudo. (...) Contava pra gente o que ele tinha aprontado no Internato”, onde tinha vivido muitos anos. “Até hoje eu me lembro e acho muito legal”, diz este guri residente na Casa.

Nesta Casa-Lar, estas “relações e intimidades extraordinárias” levavam à “identificação simpática” (Goffman, 1961, p. 84), ou seja, guris e funcionários reconstruíam momentaneamente a imagem que tinham um do outro, superando a distância social que os separava nesta instituição com características totalizantes.

“Quando a gente conversa, eu exponho o meu problema e a gente tenta arrumar uma solução. A gente fica dialogando até achar a solução pra o problema, não de se impor”, diz um outro guri abrigado nesta Casa-Lar. Interagindo, dialogando, iam lentamente revogando os “estereótipos limitados”.

Falavam e ouviam não somente com os funcionários, mas estas ações estendiam-se aos seus iguais. “Hoje, os guris discutem um pouco, mas conversam mais. Os monitores, que se têm aqui, ensinam a gente a dialogar mais do que resolver tudo na briga”, conta um dos guris das Casas a respeito das interações entre os guris não somente na Casa, mas com os outros, “monitores”, que vivem no Internato.

“Pra que brigar? Pra que brigar? Eu fui parando com as brigas. Hoje, coisa que eu não gosto é brigar”, diz um dos guris residente na Casa-Lar desde 1986. “(...) Aprendi a ter respeito. Eu acho que eu não tinha. Eu (...)”

brigava muito”, revelando que, na Casa-Lar, pode vivenciar também este aprendizado.

Na Casa-Lar, entretanto, não eram incentivados apenas para falar, ouvir, dialogar e respeitar. Um dos funcionários das Casas-Lar, os estimulava a questionar. No final da década de oitenta, falando um pouco mais, estes guris, algumas vezes, se posicionavam diante dos funcionários. Não ouviam apenas nem tão pouco se submetiam o tempo todo.

“Hoje, a gurizada questiona e o pessoal fica brabo com eles. Eu dou força. Tem que questionar mesmo. Quando o pessoal questiona, dizem “Tu está aqui. O Lar não te chamou pra cá”. Muitas vezes, eles dizem pra os guris isso “Tu está questionando, por quê? Mas têm que questionar, não adianta. Vai virar o que, se só concordarem com tudo?” *Funcionário responsável pela educação dos guris na Casa-Lar desde 1989 e guri abrigado no Internato de 1976 a 1983*

“Vai virar o que, se só concordarem com tudo?” Se só concordarem com tudo ou apenas ouvirem, irão permanecer como sujeitos estigmatizados ou não completamente normais (Goffman, 1988). Sem interagir e dialogar com os funcionários, continuarão sendo olhados e tratados assim pelos que dirigem a instituição.

Estes guris não têm que concordar com tudo, “têm que questionar”. “Muitas vezes, eles dizem pra os guris isso “Tu estás questionando, por quê?”, diz este funcionário, usando a voz de um guri para falar como guri ex-internado. Falando como guri, que viveu no Internato, posiciona-se não entre os que dirigem a instituição, mas entre os guris que aqui residem.

Ocupando este lugar, falava como guri, que não conseguiu nunca falar o que pensava aos funcionários do Internato, ao mesmo tempo se posicionava ao lado dos guris, não ocultando esta “ligação pessoal ilícita” (Goffman, 1961, p. 84). A sua fala mostra explicitamente que havia cruzado “a linha equipe dirigente-internados” (idem, p. 84).

É preciso acrescentar aqui que, nessa época, as interações entre guris e funcionários começavam a ser mais freqüentes. Não trabalhavam apenas juntos, mas também brincavam, jogavam juntos. “As brincadeiras, os jogos,

era ele quem inventava”, conta um dos gurus, apontando para um funcionário da Casa-Lar.

Brincando, aproximavam-se, suspendendo momentaneamente os papéis exercidos por ambos os grupos. Jogando futebol, estes gurus, além de interagirem com os funcionários, a partir de outros papéis que não os vividos na instituição, exercitavam algumas habilidades, exigidas pelo esporte, como “perseverança, habilidade, inteligência e cooperação” (Goffman, 1961, p. 95).

Nestes momentos em que praticavam esportes, nestas “cerimônias institucionais”, denominadas por Goffman (idem, p. 95), funcionários e gurus esqueciam dos papéis desempenhados institucionalmente, interagindo como iguais. Nestes contatos, ambos tinham oportunidade de rever novamente os “estereótipos antagônicos” (ibidem, p. 20).

“A equipe dirigente pode, não apenas dar instruções às equipes de internados, mas também ocasionalmente delas participar, e, durante o período do jogo, apresenta esse notável esquecimento de diferenças sociais que é criado pelos esportes. Quando não há esportes com equipes de fora, a competição interna pode substituí-las (...) (Goffman, 1961, p. 95)

As interações entre funcionários e gurus das Casas, contudo, não se circunscreviam apenas a trabalhar e jogar. Na Casa, também se misturavam ao comerem juntos freqüentemente da mesma comida preparada pela funcionária ou por um dos gurus, selecionados freqüentemente entre os mais velhos.

“Comida, muitas vezes eles fazem (...). Às vezes, eu estou cansada ou com dor nas costas e peço pra terminarem a comida pra mim. Eles não reclamam por terem que fazer a comida”, diz uma das funcionárias da Casa. Nesta Casa, assim como nas outras, precisavam contar com a colaboração dos gurus não somente para cozinhar.

Nas Casas-Lar, estes gurus freqüentemente realizavam algumas tarefas que não eram “parte do esquema oficial da instituição” (Goffman, 1961, p. 84), de tal modo que, para contarem com o apoio dos gurus, comumente

precisavam revogar a distância que os separava, distribuindo-lhes “prêmios ou privilégios” (idem, p. 50) em recompensa à fidelidade demonstrada.

“Aqui, na Casa, o único quarto separado é o meu e o do outro maior, que é o último quarto. Lá ninguém entra, a não ser a tia e o tio. Porque os guris fazem muita bagunça. Eles cuidam do quarto deles, mas andam sempre de conversa nos quartos. Eu não gosto muito disso, principalmente de noite. Se a gente vai pro quarto, tem que ser escuro. E o único quarto escuro é o último.” *Guri abrigado na Casa-Lar de 1986 a 1996*

Ao mesmo tempo em que isso acontecia, encontrava-se o funcionário e os guris trabalhando juntos nas atividades cotidianas. Nesses momentos, os papéis desempenhados institucionalmente eram revisados por ambos os grupos. Mais uma vez, reviam os “estereótipos limitados e hostis” (Goffman, 1961, p. 19) e, mais uma vez, ficavam próximos um do outro.

“Eu vou na horta com eles, eu limpo a casa com eles, eu vou no jardim com eles, eu faço as coisas com eles”, diz uma das funcionárias da Casa-Lar, revelando que estas atividades, denominadas por Goffman (1961, p. 84) “serviços inferiores”, não eram atribuições apenas dos guris. “Acho que eles não se sentem “Eu tenho que trabalhar e ela só manda”, reitera ela.

Nesta Casa, em que a funcionária trabalhava junto com os guris, os mais velhos, quando ficavam encarregados de mandar fazer, reproduziam este sistema, colaborando sempre uns com os outros. Eis a fala de um deles, ao ser questionado sobre a sua posição, na Casa, de guri mais velho, que é encarregado de mandar fazer.

“Não seria mandar, mas pedir pra eles fazerem. Se eles não querem fazer, deixar. Mas depois vão falar com a tia, porque não fizeram. E ajudar. Não é só mandar. O importante é fazer junto, ajudar eles também”. *Guri abrigado na Casa-Lar de 1986 a 1996*

“Não é só mandar”, têm que trabalhar, trabalhar juntos. Assim, aprendiam a cooperar uns com os outros e a serem solidários. Ajudando uns aos outros no dia-a-dia, se aproximavam, esquecendo as diferenças que

freqüentemente os afastavam, não permitindo que se constituíssem enquanto grupo.

“O importante é fazer junto, ajudar eles também”. Este guri, ocupando momentaneamente o lugar da funcionária, reproduz a sua fala. Como residente nesta Casa, havia aprendido a colaborar com seus companheiros, tal qual a funcionária fazia com todos os gurus que viviam neste lugar.

Todavia, não era em todas as Casas que havia esta “tendência de solidariedade” (Goffman, 1961, p. 58). Freqüentemente, estes gurus, espelhando-se nos próprios funcionários, oscilavam entre cooperar e mandar. Especialmente os líderes das Casas, os quais desempenhavam os papéis dos monitores existentes no Internato, viviam esta contradição.

“Tinha o líder da Casa, era chamado assim. O líder da Casa era o que ficava mandando quando ele saía. Poderia até botar de castigo, se precisasse. Muitas vezes, eu ficava como líder. (...) Essa idéia de líder da Casa foi eu que sugeri. Eu fiz isso porque tinha certeza de que eu ia ser um deles. Eu gostava da idéia de mandar. Eu ficava com o controle da tv.” *Guri abrigado na Casa-Lar de 1989 a 1994*

Ora vigiando e controlando seus companheiros, ora sendo vigiados e controlados pelos funcionários, estes gurus iam aprendendo a ocupar integralmente o tempo, transformando-o em tempo de trabalho. Concomitantemente, iam se tornando sujeitos “úteis”.

Na década de oitenta, os gurus adolescentes, tinham o tempo ocupado não somente com as atividades da Casa. Começavam a freqüentar, no início da década de oitenta, as Oficinas de Marcenaria Artesanal, Serralheria e Gráfica.

“Eu tive durante cinco anos fazendo rotação entre as oficinas. (...) Eu fiz serralheria. (...) Passei por alguns setores na gráfica, linotipia, composição, of-set, só impressão que eu não peguei. O setor que eu mais me identifiquei foi o da talonagem, que eu acho que eu aprendi mesmo”, diz um dos gurus adolescentes.

“O que eu vi é que nós temos profissionais e não profissionais professores”, diz este guri que havia trabalhado na gráfica. “É legal, mas não

tinha ninguém pra ensinar. Eles faziam o serviço deles. Tinha muito serviço. Daí eles deixavam os guris meio de lado. (...) Talvez se tivesse alguém me ensinando, eu teria ficado ali e gostado disso”, diz um outro.

“Eles conseguem ensinar pouco. (...) Eu aprendi a fazer olhando, sem muitas explicações. Eu errava o que eu fazia, então, vinha um e dizia o que estava errado. Eu ia tentando. Eu aprendi por curiosidade, sem muita ajuda”, diz mais um dos guris. Alguns deles, mesmo sem professor, vinham a aprender.

Na oficina gráfica, os funcionários ocupados em produzir, deixavam de ensinar. Isso repercutia não somente no aprender, mas também na vontade de aprender. “É muito difícil conciliar estas duas atividades. As duas sempre saem prejudicadas. Nós nem produzimos tanto como deveríamos (...) e nem ensinamos tão bem” diz o coordenador do setor.

Freqüentemente não ensinavam porque também não haviam sido formados para exercer esta atividade. Havia aprendido a trabalhar e não ensinar. Além disso, alguns deles deixavam de ensinar também porque temiam a perda da sua vaga para um guri que viesse a superar os seus ensinamentos.

“Eu era da Gráfica. Trabalhei com composição. (...) Fiquei uns três anos e aprendi bastante. Tinha uns funcionários que ensinavam a gente”, diz um dos guris que trabalhou nesta atividade no final da década de oitenta. Com poucos funcionários que ensinavam, tinham dificuldade de fixar os guris neste lugar.

No início da década de oitenta, permaneciam nesta oficina, independente de suas vontades, porque viviam sob vigilância e controle austeros. Uma década após, o intento de fixar todos os que ali chegavam era quase impossível não só por não terem professores, mas porque muitos já não desejavam mais ser gráficos.

“Hoje, nos sentimos que existem outros interesses de aprendizado. (...) Na área da informática, por exemplo, tem muitas possibilidades. Talvez tenha de ser pensado pro futuro”, diz o coordenador do setor. Verdadeiramente, os guris, no início da década de noventa, já sonhavam com outras atividades.

No início da década de noventa, com a aceleração científico-tecnológica, algumas atividades, como a de gráfico, começavam a ser substituídas por outras, passavam a ser extintas. Cessavam os dilemas diante deste novo panorama no mundo do trabalho. O que fazer diante deste cenário?

“A tipografia que talvez seja um dos nossos melhores setores, hoje, está obsoleta. Nós vamos para uma época onde não haverá mais esse tipo de impressora com a qual nós trabalhamos. Então, nós estamos formando pra que?”, diz o coordenador da pastoral do Lar. “Nós temos que pensar sobre isso e achar outras alternativas.”

Todavia, nos anos oitenta, embora não ocupados com a função produtiva do trabalho, os gurus haviam aprendido, tal qual acontecia nas Casas, a colocar o tempo inteiro à disposição das exigências do trabalho. Eis o que tinham assimilado os gurus adolescentes ao trabalharem na oficina gráfica.

Esta instituição “disciplinar” (Foucault, 1986) havia verdadeiramente cumprido uma de suas funções, que é transformar o tempo daqueles gurus em “tempo de trabalho”. Além disso, havia se encarregado também de fazer com que seus corpos se tornassem “força de trabalho”. Estavam qualificados como “corpos capazes de trabalhar” (Foucault, 1996, p. 119).

Nas oficinas, distantes dos circuitos do trabalho produtivo, o trabalho havia sido de valor fundamentalmente “disciplinar” e “simbólico” (Foucault, 1979, p. 223), à semelhança do trabalho que realizavam em todos os outros setores da instituição.

“Há algumas instituições de ensino que utilizam os meninos para produzirem. Até que ponto isso é correto? Até que ponto a gente pode cortar a possibilidade da criança ser criança e do adolescente ser adolescente? Não sei se no futuro eles não seriam adultos frustrados. Também deixar totalmente livre não é possível. Eu tenho muita dificuldade em relação a isso”.
Funcionário responsável pela instalação da Gráfica na década de oitenta e Coordenador do setor profissional na década de noventa

“(...) Deixar totalmente livre não é possível”. Em liberdade total, ficariam ociosos. Era preciso trabalhar, mesmo que não produzissem. O trabalho nas Oficinas, assim, cumpria a mesma finalidade do trabalho doméstico e agropecuário. Desejavam transformá-los em sujeitos “úteis” (Foucault, 1986).

Porém, no final da década de oitenta, não estavam mais adquirindo aptidões apenas dentro do Lar. Alguns dos gurus adolescentes começavam a descer do lugar onde residiam não mais para irem até as oficinas, localizadas na entrada do Lar Metodista. Passavam a sair da instituição para trabalhar em algumas instituições da cidade.

“Eles tiveram que descer (...) Um grupo de adolescentes passou a trabalhar na Caixa Econômica Federal, no Banco Itaú, em outras firmas da cidade”, conta o diretor geral da instituição. Começam a sair agora não mais para conviver com outros gurus e gurias, crianças e adolescentes, mas com homens e mulheres, adultos.

“No Banco, eu aprendi muito, a conviver com muitas pessoas, totalmente diferentes daqui. Aqui tu só consegues conviver com meninos. Quando tu saís pra fora daqui, vê que é totalmente diferente. Tu aprende a conviver com aquelas pessoas”, diz um dos gurus a respeito das competências que estava aprendendo nesta instituição.

“O meu serviço é falar com clientes, com pessoas, pegar extratos, mexer com papel”, diz um outro que está trabalhando na Caixa Econômica Federal há alguns anos. Neste lugar, eram diariamente desafiados a conviver, a falar com as mais distintas pessoas.

“Eu fiquei dois anos e seis meses trabalhando na Caixa. Aprendi datilografia, alguma coisa em computação. (...) Eu fazia serviços gerais. Batia máquina. Atendia o público”, conta este outro guri adolescente, a respeito da sua experiência.

“Aprendi a mexer com os equipamentos e também aprendi datilografia e um pouco de computação”, diz um deles. Nesta instituição, necessitavam aprender também estas novas linguagens, o que os motivava, às vezes, a procurarem um curso especializado.

“Eu terminei o curso de informática. Fiz doze cursos. Vendi um monte de coisas que eu tinha. Foi criando uma paixão. (...) Foi bom pra mim, foi muito grande. (...) Valeu todo o esforço que eu fiz”, diz um destes guris que também trabalhou em uma instituição bancária.

E os guris não ficavam mais dentro dos invisíveis muros do Lar...

XI. Este é o Lar

Na década de oitenta, enquanto as Casas-Lar estavam sendo construídas, chegavam novos funcionários ao Internato. Em 1981, entrava no Internato um deles para trabalhar juntamente com outro funcionário que já estava neste lugar desde 1974. Eis o que aconteceu na sua primeira semana dentro do Internato.

“Eles estavam todos reunidos no último quarto fazendo gemada. Eu lembro que, quando eu cheguei, eles pularam e ao mesmo tempo riram. Ficaram meio confusos. (...) Eu disse “Oba, gemada!” Eles se espantaram com a minha reação. Então, eu disse “Querem que eu ajude a bater?” E ajudei a bater. (...) Eles depois entenderam que não tinha muito aquela coisa de chefe. Então, me contaram que tinham roubado da dispensa.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta*

“Eles se espantaram com a minha reação.” Era possível que o funcionário estivesse ali comendo gemada feita de ovo roubado da dispensa da cozinha? Seriam posteriormente delatados e punidos? Era possível esta “identificação simpática” (Goffman, 1961) entre funcionário e gurus internados?

Esta atitude, naquela época, era não somente desaconselhada mas também severamente punida. “Como não dá pra roubar lá, botam os gurus em fila pra descobrir quem é que fez”, contavam os gurus para este novo funcionário. Desejavam que aqueles gurus assimilassem alguns valores como a honestidade.

“(...) Quando eu percebi que era uma característica geral, eu comecei lentamente a fazer um trabalho individual com eles”, diz o funcionário do Internato a respeito dos roubos que eram praticados pelos gurus. Era

necessário ensiná-los a ser honestos. Eis um dos valores nos quais se alicerçavam as ações neste lugar.

“Achei que essa era a forma de descobrir as coisas. Mas com o tempo, eu analisei “Eu estou aqui, estou aprendendo. Não cheguei aqui como dono da verdade, querendo mudar as regras ou esculhambar. Não era por aí”, diz o funcionário que entrava neste Lar, cruzando a linha divisória (Goffman, 1961) que separava dirigentes e dirigidos, funcionários e gurus.

“O que me revoltava é quando eu ia falar com um guru, às vezes, e parecia que nós éramos inimigos. No início, notei que pra ganhar o espaço deles eu tinha que fazer coisas que eu mesmo não concordava. (...) Quando eu saía pra caçar passarinho com eles, eu pegava o bodoque e errava.” Assim começava a interagir com os gurus deste lugar.

“(...) Era uma oportunidade de eu ganhar eles, de eu ir junto com eles nas coisas que eles fazem, entrar no mundo deles. E foi assim que eu consegui conversar com muitos deles. Não era uma coisa característica da época, mas era forte a tal ponto de um guru me contar que ele tinha plano de assaltar um trailer.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta*

“A relação é o que importa. A gente tem que procurar ser aberto. Eu procuro ter abertura com eles e entrar no mundo deles. Mas claro que, na época em que eu entrei, era diferente. Eu tinha necessidade de saber onde eu estava situado. Hoje, eu aproveito aquilo que é útil”, diz o mesmo funcionário. Contudo, a relação entre funcionários e gurus, nessa época, era ainda permeada de hostilidade.

“Quando eu estava a um mês aqui, um guru grande chegou e bateu em outro. Ele deixou estendido no chão o pequeno. Naquela época, os pequenos tinham muito medo dos grandes. Ele foi lá e bateu e o guru caiu. O soco pegou no estômago dele” continua relatando o funcionário. Vigorava ainda a lei do guru, do guru mais velho. Neste lugar, ainda não respeitavam uns aos outros.

“Então, eu cheguei e perguntei “Escuta aqui, por que tu bateste nele?” E ele olhou pra mim nos olhos com ironia. Eu disse “(...) Eu acho

covardia tu dares nele porque tu és mais forte do que ele. (...) Sabe o que é apanhar quando o cara é pequeno? Então, a tua resposta vai ser esta.” E dei um soco nele. Ele se botou em mim e ficamos cara a cara. (...) Briguei corpo a corpo, porque eu tinha que encontrar uma saída. Todo mundo estava olhando. (...) Depois eu fui conversar com ele e houve diálogo.”
Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta

“Logo que eu cheguei foi uma época em que tinha muita divisão entre os gurus. Cada um queria puxar o seu pedacinho. O que concordava com ele era do lado dele e o que não concordava, apanhava. Isto acontecia entre os gurus” diz um dos gurus abrigados neste lugar desde a década de oitenta. Sendo freqüentemente agredidos pelos próprios gurus com os quais conviviam, aprendiam, além de não respeitar, a não ser solidários.

Nesse contexto, não confiavam nem mesmo naqueles com os quais conviviam diariamente (Goffman, 1961). A qualquer momento, seus iguais poderiam surpreendê-los. Em virtude disso, comumente procuravam ingressar em uma das “panelinhas” existentes neste lugar. Assim era o Internato.

“(…) Eu pensava “Não estou aqui pra deixar que os gurus façam o que bem entendam”. Por outro lado, os gurus estavam legais. (...) Eles eram agressivos, mas gostavam de mim. Eu entrava na linguagem deles (...)”. Seria possível um funcionário falar a linguagem dos gurus? Era difícil acreditar que esta “identificação” fosse possível (Goffman, 1961).

Havia, nessa ocasião, uma nítida distância que afastava funcionários e gurus. Os gurus constantemente viam os funcionários como “arbitrários” e os funcionários viam os gurus como “não confiáveis” (idem, p. 19). Com estes estereótipos, estavam afastados uns dos outros.

“Muitas vezes ele dava um tapa bem forte ou usava o relho. Eu achava um pouco estranho. Não era a minha forma de pensar. Às vezes, acontecia que um guri atrasava ou não ia na baía. Ele vinha com o relho e batia.

Eu lembro, uma vez, que um dos gurus apanhou e que eu passei remédio na marca do relho. Um grupo da administração estava por

ali, então, eles me chamaram.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta*

“De repente, tu viestes pra cá e estás sendo bastante útil. Mas eu acho que tu ainda não conheceu bem o trabalho. (...) Esses gurus são diferentes do teu mundo e, às vezes, sem querer, tu atrapalhas”, disse o diretor geral. Assim, os gurus eram vistos por alguns dos que dirigiam a instituição. Estes gurus não eram do mesmo mundo dos funcionários.

Havia dois mundos, dois grupos, dois sujeitos, um funcionário concebido como “normal” e um guru como “estigmatizado” (Goffman, 1988) que habitavam este mesmo Lar, de maneira que deveriam ser tratados com distinção, com punições, especialmente se não observassem as regras existentes (Foucault, 1986).

“Se o guru apanha, ele sabe porque apanhou. É pra ele não voltar a fazer mais. Não precisa falar. (...) Se tu conversas com o guru, coloca o braço por cima e depois sai pra passear com o guru lá no centro, estraga tudo”, diz o diretor geral. Não eram concebidos como iguais e conseqüentemente não eram tratados desta maneira.

Através deste “castigo disciplinar”, não somente reduziriam os “desvios”, as faltas, as falhas, como provavelmente os corrigiriam, eliminando. Um dia, aprenderiam a observar o tempo, não se atrasando, não se ausentando e nem mesmo interrompendo a atividade que estavam realizando (Foucault, 1986).

Os que dirigiam a instituição acreditavam que, aplicando estas “penalidades”, os ensinariam a cumprir as regras institucionais, os transformariam. Após sucessivas punições, que iam desde “castigos físicos leves” a “pequenas humilhações” (idem, p.159) não seriam mais desatentos, negligentes, grosseiros, desobedientes.

“Eles pensavam que era certo agir assim. Eu tinha certeza que os gurus não eram assim. Eu tomei como um desafio pra mim. (...) Aquilo pra mim foi uma passagem muito importante que eu até nunca tinha falado pra ninguém (...)”, diz este funcionário que chegava no Internato no início da década de oitenta.

“Eu não passava de um guri que estava junto com eles. Eu tinha um sentimento de guri que estava junto com eles”, diz o mesmo funcionário. Eis a relação que existia entre eles. Era uma “ligação pessoal ilícita” (Goffman, 1961, p. 84) institucionalmente.

As relações entre a maioria dos funcionários e guris eram, ao contrário, freqüentemente impessoais. Viam-se a partir de “estereótipos limitados e hostis” (idem, p. 19) e tratavam-se assim. “O funcionário falava e era aquilo ali. Se não quer, apanha e deu”, diz um dos guris abrigados no Internato na década de oitenta.

“Um funcionário uma vez atçou um cachorro pra pegar um aluno. A gente falou pra direção e não deu nada. Outra vez falamos, não deu nada. Ele bateu no aluno, não deu nada. Aí a gente (...) foi com o aluno até perto da baía pra ver qual era a realidade. (...) A gente, então, viu que ele atçou os dois cachorros, que morderam os braços e as pernas do guri. Aí a gente fez um protesto muito grande. O funcionário também porque ele tinha uma panela junto com alguns guris. (...) A gente foi pra cima e ele acabou saindo do Lar. (...) A direção viu que não dava mais pra ele ficar. Isto foi mais ou menos em 1984.” *Guri abrigado no Internato a partir de 1981*

Nessa época, outro funcionário entrava no Internato para trabalhar com o que já estava neste lugar desde 1981. Era um militar aposentado. “Nessa época, eu já estava um pouco amadurecido. Quando eu vi que ele vinha com aquelas idéias de militar, eu comecei a me contrapor”, diz o funcionário que estava no Internato.

“(…) Ele começou lentamente. Achava que os guris estavam muito dispersivos. Sempre aquela idéia. “Os guris estão muito dispersivos. (...) Tem que dar mais duro”, diz o mesmo funcionário a respeito do outro. O Internato passava a abrigar dois funcionários e duas visões de mundo distintas.

E a filas voltaram ... Ele “colocava os guris em fila. Era fila pra cá e pra lá. Eu entrava na dele”, diz um dos funcionários daquele lugar a respeito das “ações disciplinares” do outro (Foucault, 1986). Através de ações como

esta, um deles acreditava que poderia controlá-los e, conseqüentemente, transformá-los.

Dispostos em fila, individualizava os corpos, os gurus (idem, 131). A disciplina precisava desta distribuição espacial. “Cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar, um indivíduo”. Dissolvia-se, assim, as “pluralidades confusas”. Circunscritos a um espaço delimitado, poderiam ser conhecidos, dominados e conseqüentemente transformados em gurus “dóceis” e “úteis”.

“ (...) Até um certo ponto, eu aprendi com ele e ele comigo. (...) Aprendi muito quanto à responsabilidade. Muitas coisas eu aprendi no Lar. Regras, regras, eu era totalmente contra regras. Mas na vida existem as regras e tu não consegues viver sem elas. Disciplina, existe em todo lugar. Claro, que não deve ser a vida só regra e disciplina. Mas o excesso de liberdade não é legal. Eu aprendi muito sobre isso.”
Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta

“No início, a gente conversava. Eu dizia uma coisa e ele dizia outra.” Estavam em interação dois funcionários e duas visões de mundo e de educação. “Havia por um lado liberdade e por outro controle”, diz um dos gurus, que viveu neste lugar na década de oitenta, a respeito de como estes funcionários agiam com os gurus.

“Teve um militar aqui. (...) Ele não batia, mas ia até o fim. O que tivesse que fazer pro aluno mudar, ele fazia. (...) Na questão de organização, de horários”, diz um dos gurus. Como militar, havia aprendido que o “poder disciplinar” era exercido não somente através do controle dos corpos daqueles gurus, mas também do tempo (Foucault, 1996).

Era preciso controlar a “totalidade do tempo” (idem, p. 116) daqueles gurus. Deveriam ter horários para todas as atividades, observar os horários, cumprir as atividades nos horários determinados. Através deste controle do tempo, que ficava totalmente à disposição da instituição, estes gurus iriam se tornar “úteis”.

“Essa nossa forma de cada um trabalhar durante um período deu certo. (...) Acho que a gente aprendeu muito um com o outro”, diz um dos

funcionários. Agiam ora vigiando e controlando ostensivamente os gurus, ora deixando de controlá-los. Vivenciavam a contradição inerente a ação de educar.

“Eu acho que é muito difícil esse equilíbrio entre disciplina e liberdade. Parece que esse é o dilema da educação”, diz o coordenador da Pastoral do Lar Metodista. Verdadeiramente, este era o dilema que viviam estes dois funcionários que educavam os gurus do Internato na metade da década de oitenta.

Na interação, haviam aprendido um com o outro. Um deles tinha entendido que a disciplina existia não somente nesta instituição, mas em todas as outras. Tinha percebido que estava numa “sociedade disciplinar” (Foucault, 1996, p. 79), em que várias instituições desempenhavam o papel de controlar e de transformar os sujeitos.

“As leis, as regras estão presentes em todos os lugares, só que são diferentes. Elas são chatas e vão ser assim a vida inteira. O sistema é assim. Todo lugar tem isso. Numa família tem isso. No quartel tem isso. (...) A liberdade de ficar à vontade não é todos os dias, tem horário. (...) Na vida, não dá pra ser em lugar nenhum assim, sem regras.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus na década de oitenta*

O outro, provavelmente, tinha compreendido que era possível disciplinar ou transformar aqueles gurus em “dóceis” e “úteis” sem circunscrevê-los a um espaço delimitado, sem distribuí-los em filas. A disciplina não necessitava tanto do controle do espaço, mas fundamentalmente do controle do tempo e dos corpos (idem, p. 116).

“No início teve equilíbrio, mas foi só no início. (...) Eu comecei a me dar conta que as filas eram demais. Parece que vai colocando as pessoas na forma e determinando como elas devem ser”, diz um destes funcionários. Começavam a discordar a respeito de como deveriam ser educados os gurus daquele Lar.

“Na verdade, os nossos mundos são muito diferentes. Eu acho que o regime militar é muito bom, mas pra soldados e não pra crianças” fala um dos funcionários ao outro. Nessa ocasião, as discordâncias iam muito além

das idéias. As suas ações freqüentemente denunciavam as diferentes concepções de mundo e de educação.

Um dia, “tinha um guri com resfriado e eu achei que ele não deveria ir trabalhar com o caminhão. E ele colocou o guri pra trabalhar. Eu achei que o guri não estava bem. Aí eu tirei o guri do serviço.” Nesta ocasião, as ações denunciavam suas diferenças. Não conseguiam mais ocultá-las e nem sequer conciliá-las.

“Eu sempre me pergunto se entre essa educação e outra, qual seria a melhor. Eu não tenho dúvida de que uma rigidez autoritária não é boa, porque não proporciona uma atitude criativa, mais espontânea e mais feliz da criança. Essa análise não é muito fácil de fazer”, confessa o coordenador da pastoral do Lar Metodista.

“Depois, ele foi embora e eu fiquei durante um tempo sozinho com os guris”, diz o funcionário que havia chegado no Internato em 1981. Por volta de 1984, as relações entre funcionários e guris eram pouco hostis. Diariamente, revogavam os antigos estereótipos, que os afastavam uns dos outros.

Os primeiros anos da década de oitenta haviam sido cruciais para estas mudanças nas relações. Estavam aprendendo a respeitar, a colaborar, a serem solidários uns com os outros. Além disso, começavam a ser ouvidos e não somente ouvir o que os funcionários diziam. Estavam aprendendo a falar, ouvir, dialogar e também questionar.

“Ele tinha chegado a pouco. Eu estava louco pra ir no jogo do Inter de Santa Maria. Fui lá no jogo sem pedir autorização. (...) Ele perguntou pra mim, depois “Quem é que mandou tu ires no jogo?” “Ninguém.” “Pedi pra quem?” “Não pedi pra ninguém.” “Sabia que deveria avisar?” “Sabia.” Ele disse “Esse fim-de-semana tu não vais pra casa.” Eu fiquei questionando. (...) Disse pra ele “E se eu resolver não cumprir esse castigo teu e for pra casa?” (...) Ele achou engraçado, achou legal eu ter ido lá perguntar. Eu poderia ter ido pra casa sem perguntar. Ele gostou e nós fizemos amizade desde lá” *Guri abrigado no Internato de 1976 a 1983*

Eram tão significativas as mudanças nas relações que, na metade da década de oitenta, já atingiam o próprio espaço físico no qual funcionários e gurus residiam. Não poderiam mais habitar o velho Internato. Era preciso reconstruí-lo externa e internamente. Começam a transformar visivelmente este lugar.

Externamente, passavam a cuidar juntos dos jardins, a plantar flores, a enfeitar aquele Lar. Internamente, começavam a enfeitar os quartos com os objetos que estavam fazendo com argila, com tintas. Neste novo lugar, havia espaço também para a atividade artística.

“A gente começou fazendo algumas peças de artesanato (...) e foi trazendo o nosso trabalho pra dentro do quarto”, diz um dos gurus abrigados no Internato desde 1981. Então, “a gente começou a arrumar os quartos”, revela um outro guri abrigado no Internato. “Ele deu a idéia e todo mundo começou a fazer.” Concretizavam, assim, a idéia do funcionário deste lugar.

“Eu lembro que, naquele tempo, os quartos eram mais bonitos, mais ajeitados, tinham plantas dentro. Era bem bonito! Agora é também, mas antes era melhor. Eu participei da organização do meu quarto. Cada quarto tinha um nome. Tinha o quarto dos esportes. O nosso quarto era dos três mosqueteiros, porque (...) nós éramos três irmãos.” *Guri abrigado no Internato de 1986 a 1996*

“Era bonito, bem cuidado. Eu passei por diversos quartos. No primeiro o tema era índios, depois música e natal. (...) A gente gostava de organizar.” Enfeitando os quartos, estavam se apropriando deles. Não era mais um espaço qualquer, mas um “lugar” construído (Viñao Frago, 1993-94, p. 17-18) por eles.

Estavam, verdadeiramente, construindo não somente os quartos, mas os demais espaços do prédio. O refeitório também começava a ser transformado ou enfeitado com plantas, quadros e mural. Nenhum espaço deveria ser esquecido.

Ao mesmo tempo em que construía estes lugares, invadiam com permissão o quarto do funcionário que havia chegado no Internato em 1981. Não era mais um espaço privado, mas um lugar público em que ficavam

ouvindo música, fazendo os temas, assistindo tv e também, ocasionalmente, festejando um aniversário.

Este lugar público era onde freqüentemente estavam ou se encontravam. Aglomerados, viam televisão, conversavam, brincavam e conviviam. No quarto do funcionário ou no refeitório do prédio, ficavam juntos, guris e funcionário.

É significativo ter acontecido no natal deste ano de 1984, pela primeira vez, a troca de cumprimentos e presentes entre funcionários dos distintos setores e guris. Com este gesto simbólico, manifestavam o desejo de se aproximarem.

Porém, este não era o único acontecimento que tornava este ano atípico. Neste período, iniciavam as gincanas, que vieram a mobilizar os guris daquele lugar durante cinco anos consecutivos aproximadamente. Passavam, então, a jogar juntos.

“Eu pensando, em um determinado momento
“E se a gente soubesse trabalhar em termos de educação, poderíamos ter outros resultados. E se a gente fizesse uma divisão aqui no Lar em equipes, como é na vida, onde existem competições. Por que a gente não fazer uma competição? A vida aí fora é cheia de competição, de quem faz melhor. Então, surgiu a idéia de fazer três equipes, a amarela, a vermelha e a azul.” *Funcionário responsável pela educação dos guris na década de oitenta*

“O Oto já começou com concorrência geral”, diz um dos guris que chegou neste lugar em 1981. “A primeira gincana durou de agosto a dezembro. O tema da gincana era o dia-a-dia. Ela tinha umas tarefas de gincana, jogos, competições.” Nos anos seguintes, estas gincanas já eram anuais.

“Primeiro, eu queria que eles aprendessem a competir, que eles soubessem competir”, diz o funcionário que havia planejado a gincana, a respeito da sua finalidade. Pretendia que os guris daquele lugar ou Lar aprendessem a “fazer”. O alvo era a própria ação de fazer e não os resultados desta ação (Leontiev, 1986, p. 123).

“Isto é verdadeiro não apenas no caso das brincadeiras do período pré-escolar, mas também no de qualquer jogo em geral. A fórmula geral da motivação dos jogos é “competir, não vencer”, diz Leontiev (idem, p. 123). Tanto os primeiros “jogos de papéis” quanto os mais tardios “jogos com regras” visam “o desempenho do próprio processo lúdico (ibidem, p. 138).

“Havia de tudo um pouco”, diz o mesmo funcionário. As atividades da gincana eram as mais variadas. Entre elas estavam as atividades diárias que deveriam ser assimiladas e transformadas em hábitos. Convertidas em brincadeira, não eram mais esquecidas, já que isso lhes custaria a perda de pontos para a equipe na qual estavam participando.

“Tudo contava ponto, desde a nota escolar até lembrar de escovar o dente. (...) Eu acho que foi um impulso pra educação, saber que tem alguém que se preocupa com a gente, que não quer fazer uma tempestade com os detalhes, mas que quer considerar os detalhes como parte.” Jogando, assimilavam os hábitos, sem contestar.

“É o jogo , e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras (...). Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final. Formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror, eis os hábitos.” (Benjamim, 1984, p. 75)

“A gincana existia pra os guris se esforçarem mais. Tinha um serviço pra fazer, aí os guris faziam pra ganhar o ponto da equipe. Todo mundo se esforçava”, diz um dos guris. Brincando, estavam agindo sobre a própria vontade.

Vygotsky (1988b, p. 114) ao explicar o comportamento da criança no brinquedo esclarece como isso acontece. “A criança, ao querer, realiza seus desejos. Ao pensar, ela age. As ações internas e externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa”.

Além disso, ao jogarem, estavam fazendo o que mais gostavam e ao mesmo tempo aprendendo a subordinarem-se às regras. Ao sujeitarem-se às

regras e renunciarem às ações impulsivas, ao invés de desprazer, experimentavam “prazer máximo” (idem, p. 113). Eis um dos paradoxos contidos no brinquedo, segundo Vygotsky.

Brincando, estavam, segundo Vygotsky (ibidem, p. 113), percorrendo “o caminho do menor esforço”, já que o jogo está ligado ao prazer, e concomitantemente “os caminhos mais difíceis”, que são a subordinação a regras e o controle da ação, do comportamento.

“Continuamente, a situação de brinquedo exige que a criança haja contra o impulso imediato. A cada passo, a criança vê-se frente a um conflito entre as regras do jogo e o que ela faria se pudesse, de repente agir espontaneamente. No jogo, ela age de maneira contrária à que gostaria de agir. O maior autocontrole da criança ocorre na situação de brinquedo. (Vygotsky, 1988b, p. 113)

Assim, no jogo, ao mesmo tempo “a criança é livre para determinar suas próprias ações”, e não é, “pois suas ações são, de fato, subordinadas aos significados dos objetos, e a criança age de acordo com eles” (Vygotsky, 1988b, p. 118). No jogo, começa a ter consciência dos seus limites. Pode agir livremente, mas deve submeter-se.

Tal qual acontece na vida, desfruta de uma liberdade ilusória. É livre sem deixar de ser submissa. É autônoma e submissa ao mesmo tempo. Não pode fazer o que quer, pois assim estaria se colocando fora da esfera do jogo. Precisa controlar suas ações e submetê-las às regras.

Para jogar, assim como para viver, tem que aprender a subordinar-se a regras. Este aprendizado inicia já nos primeiros “jogos com situações imaginárias”, nos quais as regras estão ocultas, e continua nos “jogos puros com regras” (idem, p. 109).

Paradoxalmente, no jogo, “satisfazer as regras é uma fonte de prazer”. A regra vence porque é o impulso mais forte. Tal regra é uma regra interna, uma regra de autocontenção e autodeterminação, como diz Piaget, e não uma regra que a criança obedece à semelhança de uma lei física.” (ibidem, p. 114).

Os gurus do Lar haviam experimentado esse prazer. Verdadeiramente, a regra havia se tornado um desejo, uma paixão, segundo afirma um dos gurus que participou destas gincanas realizadas durante aproximadamente cinco anos consecutivos. “Foi um impulso do Oto, mas teve uma época que já era uma paixão”, diz um dos gurus.

Desejavam cumprir as regras. A “subordinação estrita às regras”, raramente realizável na vida, estava sendo alcançada no jogo (Vygotsky, 1988b, p. 117). Mesmo os gurus pequenos, crianças, que têm mais dificuldades para controlarem suas ações espontâneas, ao jogarem, conseguiam este controle.

“No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.” (Vygotsky, 1988b, p. 117)

A gincana, realizada durante todo o ano, porém, visava ainda outros fins, segundo o funcionário. Ele pretendia, com os jogos, também motivar os gurus que estavam abrigados neste lugar. Este objetivo estava sendo plenamente alcançado, segundo um dos gurus. “Naquela época, (...) sempre tinha motivação”.

Esta motivação vinha não só da ação de jogar, mas do jogar “juntos”. Os jogos eram realizados por todos os gurus que participavam da equipe, sendo que existiam três equipes. Jogando em grupo, os mais competitivos diariamente ajudavam aos que quase não desejavam nem competir e muito menos vencer. Juntos, uns motivam os outros para o jogo, para a vitória.

Embora a gincana tivesse sido criada com o propósito de que estes gurus aprendessem a competir, após algum tempo, este já havia sido superado por outro. Desejavam vencer e não apenas competir. Cada guri que integrava a equipe se esforçava para ganhar pontos e somar com os que haviam sido obtidos por seus companheiros de jogos.

“Os que tinham as melhores notas na escola ganhavam ponto e as piores descontavam. O que estava mais fraco na escola era ajudado pelos outros da equipe, pra melhorar, pra não descontar ponto.” Jogando, aprendiam também a ajudar uns aos outros.

Os “jogos de grupos” oportunizavam também o estar “juntos” e não apenas “um do lado do outro”, segundo Leontiev (1988, p. 135). “As relações sociais já surgem nesses jogos de forma explícita - sob a forma de relações dos jogadores entre si.”

Este estar “juntos”, que acontecia por ocasião dos jogos realizados entre os anos de 1984 e 1988, talvez tenha sido crucial para que, posteriormente, desejassem permanecer assim naquele lugar. Estavam aprendendo a jogar juntos e viver juntos.

Estes “jogos de grupos” haviam sido criados também com a finalidade de “resgatar os que tinham menos vontade de vencer, de lutar” na vida. Competindo e vencendo nos jogos, o funcionário acreditava que estaria estimulando-os a competir e vencer na vida. “Eu também queria que eles aprendessem a lutar pelo espaço, pelo seu ideal, por uma equipe.”

“Tudo valia ponto. Se o guri foi lá e cortou lenha sem ninguém mandar, ele ganha um ponto. O guri ia sentindo um mundo parecido com o lá de fora. Gostoso de aprender o mundo lá fora, aqui dentro. A competição era quase a mesma. A gente tinha que aprender, trabalhar com a imaginação, criar, ter problemas e encontrar soluções pra eles.” *Guri abrigado no Internato desde 1982*

Brincando, estavam ativando também a imaginação, com a qual o brinquedo mantém relação recíproca. “No brinquedo, (...) não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela”, diz Leontiev (1988, p. 127).

“(...) Foi sendo entendido pela gurizada que um enfeite já era melhor que nada, que uma cama arrumada era melhor que uma bagunçada, um quarto lustrado. E as coisas foram acontecendo”, diz um dos gurus abrigados

no Internato desde 1982. Jogando e trabalhando ao mesmo tempo iam reconstruindo este Lar.

“Eu também queria (...) misturar lazer e trabalho”, diz o funcionário que havia criado a gincana. “Tinha um serviço pra fazer, os guris faziam pra ganhar o ponto da equipe”, conta um dos guris. Misturando jogo e trabalho, estes guris acabavam trabalhando, sem protestar. O alvo era o jogo e não o trabalho.

“(...) Os guris, daquela época, eram mais trabalhadores. Não tinha o que eles não aceitassem, não topassem fazer.” Provavelmente isso acontecia porque o trabalho estava subordinado ao jogo. Desejosos por “fazer”, por competir e vencer, não mediam esforços para cumprirem todas as atividades, já que isso resultava sempre em mais pontos para a equipe.

“Tinha diversas coisas que o Oto fazia. (...) Muitas eram de cumprir horário, de estar na hora no refeitório. Isso descontava ponto.” Neste lugar, nesta “instituição disciplinar” (Foucault, 1996), deveriam observar os horários. O controle dos horários, das atividades também existia neste lugar, todavia era mais sutil.

“Às vezes, tinha festa gaúcha e cada equipe fazia a sua cabana, enfeitava. Deixava bem bonito pra festa. Isso marcava muitos pontos”, conta um dos guris abrigados neste Lar de 1986 a 1996. Este era um dos jogos que faziam parte da gincana. Neste jogo, era preciso fundamentalmente usar a capacidade criativa.

“Teve uns cinco anos de gincanas quentes. Eu sempre era o líder da equipe. A gente fazia um galpão dentro do pavilhão e ficava lá resolvendo tarefas difíceis, às vezes, até as duas horas da manhã. Ficava trabalhando pelos pontos. Às vezes, valia dez pontos. A gente fazia, aprendia a administrar o grupo, aprendia a respeitar o outro. Tanta coisa que eu acho que a gente aprendia. Esse respeito, essa educação que eles têm agora, que a gente tem uns pelos outros, eu acho que é fruto de um esforço que foi feito aquela época. Eles aprenderam muito a conviver em grupo.” *Guri abrigado no Internato de 1982 a 1991 e monitor de 1991 a 1996*

“Antigamente, era mais cada um por si. “O fulano não veio, é trabalho dele. Não é meu. Eu vou me arranjar por aqui. O resto que se vire.” Começou a se criar um grupo, na verdade. Um grupo unido, onde as coisas aconteciam e muitos participavam.” Neste lugar, estavam aprendendo a serem solidários uns com os outros.

Finalmente, a gincana havia sido planejada também para recriar o dia-a-dia, freqüentemente repetitivo, dos que viviam neste lugar. “Eu tenho que ir à aula às 8 horas. Depois da aula, eu tenho que voltar. Chegando aqui, eu tenho que almoçar.” Isso eu escrevia na minha adolescência, essas coisas chatas”, diz o funcionário que residia junto com os guris neste Lar.

“De 1985 a 1988, houve mudanças incríveis por parte dos alunos. (...) Foi a época das gincanas, muito voltadas pra o lado cultural, educativo. A gurizada se desprende muito. Tomou outros rumos na maneira de pensar, na maneira de agir”, diz um dos guris que residia neste lugar desde 1982.

“Os questionamentos foram acontecendo”, diz um deles “(...) Decidiram fazer um grupo, que tivesse essa força pra questionar também, que não fosse só pra ouvir.” Criavam, assim, o conselho de alunos. Começavam a se organizar dentro deste lugar que estavam construindo desde a década de oitenta.

“No conselho, havia secretário, responsável pelos esportes, pelas doações, pelo material do patrimônio”, diz um dos guris. “Já fui secretário, tesoureiro e, no ano passado, vice-presidente. O conselho de alunos serve como apoio, pra providenciar as coisas que a gente precisa.” Eis uma das finalidades desta organização dos guris daquele Lar.

Na época da sua criação, decidiram que os guris que trabalhavam fora do Lar contribuiriam com uma porcentagem para o caixa e que o dinheiro desta contribuição seria utilizado, entre outros fins, para “consertar bolas de futebol, fazer um churrasco ou um risoto no fim-de-semana, fazer uma janta pra os aniversariantes do mês”, segundo estes guris.

No período em que as gincanas começaram, havia apenas um funcionário no Internato. Após aproximadamente cinco anos na instituição, chegava o convite da direção geral para que ele assumisse a direção do Internato. “Sugeri de eu assumir e encontrar uma pessoa pra eu trabalhar com

ela. (...) Eu pensava “Chega de homem nessa casa. Vamos colocar uma mulher.”

Em 1986, em plena época dos jogos, entrava no Internato uma mulher, uma funcionária. “Entre tantos, esse foi um lado bom. O fato de ser uma mulher. A figura da mulher é muito boa. (...) A mulher tem mais habilidade, por exemplo, quando um está doente. Ela vai e faz um chá”, revela este funcionário.

Esta funcionária estava chegando para morar e trabalhar com os gurus que residiam no velho prédio do Internato. Vinha para trabalhar juntamente com o funcionário que aí estava. “Ela se esforçava em relação a uma série de coisas, por exemplo, na higiene e na cozinha. Ela cozinhava muitas coisas boas”, confessa este funcionário.

“Mas era muito liberal. Deixava os gurus muito à vontade. Talvez pra conquistar os gurus.” Este funcionário, nessa época, já havia compreendido que esta era uma “instituição disciplinar” (Foucault, 1986) e, enquanto tal, deveria vigiar, controlar e corrigir (Foucault, 1996) sistematicamente os gurus que viviam neste Lar.

“Qualquer coisinha que eles faziam errado, eu já ficava braba. (...) Não adianta a gente ficar braba, porque eles fizeram uma coisa errada. Por exemplo, pegar comida na dispensa. Eu não admitia (...) eles tentarem roubar pela janela as coisas da dispensa. Também tirar dos outros, mexer”, conta a funcionária sobre o que acontecia neste lugar quando ali chegou.

“Eu não admitia (...) essas coisas de criança, como gritar dentro de casa, correr, fazer bagunça.” Porém, era assim que se comportavam os gurus, crianças e adolescentes, que moravam neste lugar. Nessa ocasião, essa agitação ainda era maior, porque estavam permanentemente jogando.

Os jogos os havia transformado. Não eram mais quietos, ao contrário, faziam, às vezes, muito barulho e bagunça. Não apenas falavam, mas, às vezes, gritavam. Constantemente, eram muito ativos. “Eles eram assim. Eram acostumados a fazer esse tipo de coisa”, conta a funcionária que estava entrando neste lugar.

“Eu gostava era de trabalhar. Nem fazia questão de ter criança junto comigo pra trabalhar. (...) Eu sabia que o meu trabalho era ensinar eles, mas

eu dizia “A gente ensina, mas eles não fazem. Só brincam na hora do serviço.” Nas gincanas, o trabalho havia se tornado brinquedo, de tal maneira que não sabiam trabalhar sem brincar ao mesmo tempo.

“A gente tinha que fazer, ajudar eles e, como eu não admitia que um adolescente, uma criança não soubesse limpar uma casa, não saber fazer uma coisa sem brincar, eu achava difícil aquilo. Mas a gente se adaptou”, revela a funcionária.

Dois anos após, esta funcionária saía deste Lar e entrava em uma Casa-Lar. Novamente, os gurus passavam a conviver apenas com o funcionário que estava neste lugar desde 1981. As gincanas prosseguiam. Nessa época, não somente eram outros gurus como também viviam em outro lugar que não era mais o Internato.

Haviam reconstruído este lugar. Agora, era um Lar, o “Lar”, assim denominado por eles. Era também um lugar de encontro, onde vinham os gurus que haviam deixado a instituição. Antes “era só exceção mesmo. Hoje, não. É muito comum os gurus estarem aí. (...) Eles gostam do ambiente aqui e têm saudades do Lar, principalmente nos últimos anos,” revela o coordenador da pastoral.

Estes gurus, ex-internos, vinham ver “velhos amigos” (Goffman, 1961, p. 108) que haviam deixado neste Lar. Todavia, não faziam apenas estas visitas mas também escreviam ou telefonavam para dar notícias, mantendo, assim, as ligações com alguns dos quais haviam vivido neste lugar.

Era ainda um lugar onde não somente jogavam, trabalhavam como também conviviam. Nessa ocasião, os “estereótipos antagônicos” que afastavam funcionários e gurus haviam sido revogados. Não estavam mais afastados, mas próximos. Próximos, estavam aprendendo a dialogar o diálogo possível entre os que ocupam lugares distintos.

“Ele conversa com a gente. Dá pra gente falar com ele. Quando a gente quer conversar, quando está preocupado, com algum problema, o Ademir e o Oto são as pessoas que eu procuro”, diz um dos gurus abrigados no Internato desde 1986. Neste lugar, os gurus não somente ouviam, mas também falavam.

“A gente também tem chance de falar. Pode até protestar, se houver injustiça.” Neste Lar, podiam falar e inclusive protestar. “Existe uma atitude

muito aberta, muito franca, de maneira que os guris podem conversar com ele”, fala o coordenador da Pastoral a respeito de um dos funcionários. Esta ação dialógica possibilitava que estes guris se exercitassem como sujeitos.

“Fizeram bastante por mim nesta questão de educação, de tratar pessoas, de tratar os meus problemas também,” diz um outro abrigado no Lar desde 1982. “O Lar foi o professor que eu nunca mais vou ter na vida”, continua ele.

“Eu vejo que os guris têm mais abertura. É uma outra época. Eu acredito também que a gente é mais aberto. Eu gosto de dar oportunidade pra eles falarem. Gosto que me digam as coisas,” diz o funcionário deste Lar, que também era diretor.

Assim viviam neste Lar até que, em 1989, entrou, mais uma vez, uma mulher, uma funcionária no Internato. “Eu vim justamente pra trabalhar aqui, porque ele estava sozinho. Era muita coisa. (...) Naquela época, parece que tinha 56” guris neste lugar.” Era o início de uma outra parceria que atravessaria a década de oitenta e permaneceria ao longo da década atual.

Entre 1989 e 1990, os dirigentes da instituição estavam projetando um novo espaço, uma reforma no Internato, “a partir das experiências das Casas-Lar e até porque o prédio, do ponto de vista material, era inadequado, não se prestava para as mudanças que estavam ocorrendo a nível de trabalho com crianças e adolescentes pobres”, fala o diretor geral.

“Nós dividimos o prédio grande em cinco apartamentos. Criamos quartos com menor número de camas, salas de estar, banheiros para cada quarto, os quartos onde os funcionários moram”, prossegue ele. “Por volta de 1991, houve a modificação no espaço. O projeto era (...), em cada apartamento, ter um casal ou uma pessoa pra ficar com doze guris.”

“Eu fiquei imaginando como seria isso. Eles iam dividir os apartamentos e fechar as portas. Cada apartamento ia ter um escada, um lugar por onde a gente ia descer, porque não podia passar dentro de outro apartamento,” conta um dos guris que estava neste lugar desde os últimos anos da década de oitenta.

“Quando isto aconteceu, eu não tinha acesso aos outros apartamentos. Saía pela escada lateral, pra ir ao refeitório. Eles eram isolados um do outro”

revela a funcionária. “Ia ser muito difícil, ia ser ruim até porque a gente estava acostumado a conviver com aqueles colegas. Aí depois trancar tudo, ia ser ruim,” diz um outro guri que estava neste lugar desde 1986.

“Nesse ponto, eu não achei legal, porque na maioria do tempo a gente não poderia conversar com os colegas. Não seria legal eles dividirem (o espaço). Depois de um tempo convivendo juntos, seria ruim não poder conversar com os dos outros apartamentos. Não daria certo. Aqui o pessoal é tudo junto”. *Guri abrigado no Internato de 1988 a 1995*

“Eles acharam ruim estarem assim separados. Foi uma das reivindicações, em função do refeitório. Neste projeto, cada grupo deveria almoçar no seu apartamento. Acabou que nunca almoçamos aqui nos apartamentos”, conta a funcionária do Lar.

É de indagar aqui por que reivindicavam o refeitório? No início da década de noventa, o refeitório não era o lugar onde apenas faziam as refeições. “A gente sempre se reunia no refeitório pra o horário do estudo, pra fazer os temas,” conta um destes gurus. Além disso, conversavam e jogavam também no refeitório.

“Pra chegar ao apartamento, então, a gente vinha por este corredor, isolado de todo mundo. Com o tempo, eu já não ia saber nem falar. Teve modificações que eu gostei e outras que não. Eu estava acostumada em grupo. Eu teria escolhido que não houvesse esta modificação”, diz a funcionária.

“Naquela época, o prédio estava velho. Quando construíram os apartamentos, pintaram. Colocaram até armários novos nos quartos. Melhorou porque cada quarto foi pintado, restaurado,” fala um dos gurus a respeito do quanto este espaço estava melhor.

“Veja o ambiente físico em que estamos (a empresa-escola no Pelourinho), o cuidado com as paredes, com as cores. Você entra em uma sala como esta e descobre, sem nenhuma dificuldade, a unidade. Não é justaposição, é unidade entre boniteza, seriedade e rigor. Você encontra a ética realmente casada com a estética

- e para mim, cada vez mais, é difícil vê-las separadas.

Uma estrutura material como esta, limpa, cheirosa, bonita, necessariamente tem em si uma pedagogia. Essa estrutura aqui cobra da criança o respeito por ela.” (Paulo Freire em entrevista a Fernando Rossetti da Folha de São Paulo)

Ao pintar, ao tornar este lugar mais bonito, verdadeiramente, os dirigentes da instituição estavam exprimindo o respeito que tinham por aqueles gurus e funcionários que estavam morando há vários anos neste lugar ou Lar.

“Cada apartamento, agora, tem dois ou três quartos e uma sala de estar. Antes não tinha sala. Se a gente quisesse jogar no inverno, tinha que ser no refeitório, que é um lugar um pouco frio. A gente precisava de uma sala de estar.” continua ele. Necessitavam também de um “lugar pra bater um papo, jogar ou estudar mesmo. Nesse ponto melhorou.”

A partir daquele momento, não só tinham lugar bonito, mas também agradável pra ficarem, jogarem, estudarem, enfim, viverem com dignidade. Além disso, tinham também mais banheiros, o que significava não terem mais que esperar pra tomar banho.

“Em relação ao projeto dos apartamentos, a metade do grupo dizia que, se isso acontecesse, (...) eles iam violar as regras. Isso se deu devido ao aproveitamento que o grupo estava tendo”, diz um dos gurus. Como poderiam ser separados se haviam aprendido a jogar e estar “juntos”?

“Logo quando estava iniciando uma idéia de grupo. Esta idéia era fatal. Então, o grupo não aceitou isso. Na época, a gincana estava muito forte. A gente disse “Como é que a gente vai continuar nesse espírito de gincana? Isso vai se tornar uma competição de apartamentos.” Eu acho que ia voltar o que era antes, apartamento tal tem uma richa com outro apartamento. Aqui não. Se tinha uma briga um com o outro, se resolvia em grupo. Todo grupo se reunia e via o que estava afetando. Decidiam junto.” *Guri abrigado no Internato desde a década de oitenta*

Então, “a gente começou a fazer com que eles (os dirigentes) sentissem que poderiam dar uma chance e confiar na gente. Era isso, na verdade, que a gente queria. Uma chance pra mostrar o que a gente poderia fazer,” diz um dos gurus que estava no Lar desde o início da década de oitenta.

Os que haviam planejado este projeto, embora bem intencionados, não o haviam discutido com os funcionários e gurus que ali moravam. Isso explicava estas reações. Estavam sentindo que haviam sido desrespeitados, afinal eram eles que habitavam este lugar. Queriam desfrutar deste espaço mais bonito, mas fundamentalmente participar desta iniciativa.

“Ia ter que se começar tudo de novo com uma pessoa bem diferente, como se a gente fosse entrar de novo no Internato, recomeçar tudo de novo.” Por que fragmentar este espaço, se os que viviam nele desejavam estar juntos? Por que mudar, se o trabalho com os gurus estava tendo bons resultados?

“Eu acho que se tivesse acontecido em outra época, a maioria ia gostar, por uma questão de privacidade. Em outras épocas tinha muito roubo,” conta um destes gurus. Todavia, nessa ocasião, não desejavam mais morar, comer, estar separados. Haviam aprendido estar “juntos”.

“Então, quanto mais tu resumes o grupo, melhor fica de controlar, de saber quem foi, como é que foi,” diz um destes gurus. Este novo espaço, na verdade, individualizava e, assim, possibilitava que fossem mais controlados. Nesse sentido, era mais adequado a uma “instituição disciplinar” (Foucault, 1986).

Todavia, “o trabalho estava indo pra outro rumo, pra os gurus se abrirem mais pra o lado do entendimento, de que o outro tem a sua vez, de que não é só eu aqui dentro. Foi se construindo uma idéia de grupo mesmo.” Haviam atingido um “elevado moral de grupo” (Goffman, 1961, p.58).

No final da década de oitenta, existia neste lugar um grupo que não apenas dormia, trabalhava e brincava juntos. Frequentemente, também festejavam juntos. Neste lugar, não aconteciam apenas as festas do Lar e de Natal, tal qual no início da década.

“Na época em que eu cheguei, se comemorava muito.” Havia festa junina, festa do gaúcho, festa da criança, festas de aniversário. Algumas delas, inclusive, eram parte das gincanas. Nas freqüentes festas, funcionários e guris se “misturavam”, cada vez menos, “através de formas padronizadas de sociabilidade (idem, p. 87).

“As festas aqui do Lar sempre foram boas. Foi o que marcou mais. Cada festa, a gente se vestia diferente”, diz um dos guris que esteve no Lar de 1986 a 1996. É preciso dizer que, às vezes, as festas eram parte dos jogos, das competições, que aconteciam todo ano.

É curioso observar as próprias festas de aniversários que foram sendo individualizadas, com o passar dos anos. No início da década de noventa, já não eram realizadas trimestralmente. “Nessa fase, se juntavam os aniversariantes do mês e fazia uma festa.” Com o dinheiro arrecadado do Conselho de alunos, “dava pra fazer uma janta”.

Posteriormente, “quando a gente fazia aniversário, ele fazia uma janta e aí a gente jantava com ele e a Delma. Os guris, que estavam de aniversário no mês, jantavam juntos. Ele fazia uma coisa especial”, conta um destes guris.

“Teve um deles (aniversários) que eu passei com o Oto lá em Rosário. Foi o que eu mais gostei. Daí fizeram uma festinha pra mim.” Este, porém, não era o único que havia tido a sua própria festa. “Hoje, se eu estivesse de aniversário, eles fariam uma janta e me dariam um presente. O meu melhor aniversário foi quando me colocaram pra trabalhar no banco. Foi um presentão de aniversário.”

“Acho que todos os aniversários que eu passei aqui foram bons, porque foram comemorados. No último aniversário, eu fui almoçar fora”, diz este outro guri que estava no Lar desde 1988. Na década de noventa, não só eram lembrados, festejados como também presenteados pelos funcionários.

Neste Lar, além de festejar, começavam a registrar estes aniversários através de fotografia e filmagem. Por volta de 1989, “o Oto comprou uma câmera pra filmar o dia-a-dia do Lar, as festas.” Fotografava, porém, não só os aniversários, mas o dia-a-dia dos guris que ali viviam.

Ao mesmo tempo em que registrava o dia-a-dia, começava a filmar também fora do Lar. Nestas ocasiões, levava sempre junto um ou mais guris. “Foi indo e foi indo, que ele sentiu a necessidade de explorar mais o talento, em primeiro lugar. Daí comprou outra câmera e comprou o vídeo”, conta um dos guris com quem passou a trabalhar junto.

“Tinha um dos alunos, esse que agora tem a empresa dele, esse foi o que começou ajudando ele, se interessando. Ficou mais ou menos dois anos”, continua ele. “Eu estava estudando, fazendo observação, mas não me envolvia porque sabia que era coisa pra maiores. Aí fui vendo e comecei a estudar. Eles já faziam mais a prática. Eu me preocupei mais com a teoria, ler e saber o que era.”

Neste lugar, os guris começavam a aprender a filmar e editar. “Fui começando, começando e me interessando. O Oto viu (...). Aí a gente começou a se dividir.” Um filmava e o outro editava. “Ele fazia alguma coisa e eu produzia em cima do que ele tinha feito. A gente incrementava, fazia junto o que ele tinha feito, cortava, tirava e acrescentava imagens.”

“São muito poucos que não têm envolvimento. (...) Primeiro, ele começa indo nas festas de criança, de quinze anos, de casamento, pra ajudar a iluminar. Depois, ele começa a ver que não é difícil de aprender e não é um trabalho que tu vais ficar de sol a sol, como pedreiro, pra conseguir um dinheirinho. Não é um negócio fácil também, mas eles começam a ver que eles podem. Tudo o que aquele outro, que está um pouco na frente, está podendo, eles podem também.” *Guri abrigado no Internato desde 1981*

“Eles começam a se interessar, porque querem ir na festinha. Essa é a troca que há na cabeça deles, eu imagino, porque era na minha a pouco tempo atrás. Eu queria ir nas festinhas, eu queria aprender.” Nas festas, novamente, tinham chance de conviver com distintas pessoas de diferentes grupos sociais.

Começavam, definitivamente, a trabalhar fora do Lar. “Quando eu vou na filmagem, explico tudo pra eles sobre iluminação. Eles vão despertando. Não é simplesmente ajudar e deu ou ajudar porque mandam, não sabendo o que está fazendo”, diz este guri que trabalhava com edição a alguns anos.

“Depois que eles optaram, a gente faz questão de exigir deles, pra que eles aprendam.

Durante o momento em que está editando, “ele ensina. Mostra uma determinada cena e vai conversando sobre o que é filmado. Ele vai mostrando e comentando. (...) Diz o que não deve ser feito. Também o que deve ser filmado e como fazer”, fala este guri a respeito do funcionário que lhes ensinava a filmar e editar.

“Eles conseguem ensinar, mas o que precisa é interesse nosso. Eu tenho interesse em aprender tudo”, conta um dos guris, revelando que desejava aprender especialmente a filmar. Eis aí uma das atividades que tinham interesse de aprender, no início da década de noventa.

“Eu fui aprendendo olhando as filmagens, conversando com ele e fazendo as filmagens. Cada vez mais eu desenvolvia com a câmera e com a inteligência”, diz um deles. “Fui aprendendo também com os guris que já sabiam. Como eles faziam pra filmar, eu fazia também”, fala outro.

“Faz uns três anos que eu estou aprendendo a filmar. Eu já aprendi bastante, mas é pouco ainda.” Vários dos guris estavam a alguns anos aprendendo e trabalhando. Alguns especialmente voltados para a filmagem, outros para a edição.

“Dá pra ver o resultado no interesse deles. Eu vejo muito eles fazerem isso, quando têm que ajudarem numa filmagem ou fazerem edição, de cancelarem compromissos deles, festinhas.” Eis uma das razões que os motivavam. “(...) Mexe com a tua criatividade, com o teu talento, aquilo que tu ainda não descobristes que tem.”

Não somente trabalhavam constantemente durante os fins-de-semana fora do Lar, não só filmavam e posteriormente editavam, mas também conheciam o resultado do trabalho, em virtude dos contatos que vinham a ter com os clientes.

“A pessoa liga dizendo que quer mudar a música, que não gostou da filmagem ou que adorou a filmagem. A gente fica sabendo do resultado. Então, ele aprende também porque tem contato com as pessoas. Ele vai aprendendo porque o cliente conversa com ele”, diz um dos guris. Aprendiam também através destes contatos.

“Ultimamente, o resultado tem sido muito positivo. Eles já estão filmando, editando, além de terem profissionais de fora pedindo auxílio pra eles, pra ajudarem na filmagem.” Eis os resultados deste trabalho que, a sete anos atrás, havia começado ensaísticamente. Hoje, vários guris estavam começando a trabalhar profissionalmente.

“Com essa pequena invenção, fica claro tudo o que dá pra se fazer em função da gurizada.” Havia criado uma nova alternativa de trabalho que mobilizava a maioria dos guris deste Lar, de tal maneira que estavam sempre querendo aprender mais. “Faz uns três anos que eu estou aprendendo a filmar. Eu já aprendi bastante, mas é pouco ainda”, diz um deles.

“Hoje, tudo está se automatizando. Pra frente, vai ser assim. A gente vai precisar saber mexer com as máquinas”, diz um dos guris. Em 1985, começavam a aprender também informática, através de um projeto em convênio com o Instituto Metodista Centenário. “Esse projeto se realiza nos sábados para os alunos do Lar, tendo três a quatro horas de duração.”

“Nesses dias, as crianças levantam de manhã sem problemas. Isso acontece quando vão fazer o que gostam. (...) A maioria está indo, freqüentando todo o curso e terminando.” Desejavam aprender também esta outra atividade. Novamente, sentiam desejo de aprender. Estariam vislumbrando o futuro?

“A gente acaba sorrindo com isso. Se não está dando certo na escola, em uma coisa ele está dando certo, pra nós é uma vitória,” diz um dos guris que, há alguns anos, tem trabalhado no Lar como monitor e que havia freqüentado doze cursos de informática. Para ele, esta atividade era, atualmente, uma possibilidade concreta de trabalho.

“Eu acho que alguns vão levar a sério. Já é o segundo curso que eles completam. Cada um teve duração de um semestre”, conta ele a respeito de como estava sendo a participação dos guris nos cursos que vinham sendo oferecidos pelo Colégio Centenário, pertencente ao Instituto Metodista Centenário.

“Eu fiz os dois cursos que ofereceram no ano passado. Aprendi o que ensinaram e tenho vontade de aprender mais.” Esta atividade também havia

despertado a vontade de aprender destes guris que, trocavam a folga da manhã dos sábados, para irem até a escola aprender.

Nessa época, também começavam a aprender a fotografar juntamente com o funcionário do Lar. “A fotografia (...), eles estão aprendendo agora. Eu estou aprendendo como profissão. Mas antes disso é a mesma coisa que tu teres espelho, vários espelhos dentro de casa.”

“Então, o aluno está almoçando ali, está se vendo. Depois ele vai lá escovar os dentes, ele está olhando o espelho e lembra da foto “Puxa, mas como eu mudei. Eu tô gordinho, eu tô bonito, eu tô cabeludo.” Ele está vendo as coisas acontecendo com ele. Está se sentindo valorizado também.”

Freqüentemente, fotografados nas distintas atividades do dia-a-dia, a fotografia, além de ser outra alternativa de trabalho, era também um recurso importante no processo de desenvolvimento, na formação da personalidade destes guris.

“Aqueles quadros do refeitório, foram eles que fizeram. As fotos foram pagas com o dinheiro deles, do Conselho de alunos”, conta este gurí que era monitor. Assim que entravam naquele Lar, tinham o quadro com a sua fotografia exibida no refeitório daquele lugar. Mas estas não eram as únicas fotos suas que estavam à vista de todos os que ali chegavam.

Neste Lar, a maioria das paredes dos distintos espaços exibiam fotos do dia-a-dia destes guris. Muitas fotos de muitos momentos, passados e presentes, vividos “juntos” especialmente nos últimos anos. Viviam, neste lugar, entre estes documentos que diariamente lhes apontavam o quanto haviam crescido.

No refeitório, um dos espaços em que constantemente ficavam, havia dois murais. Um exibia as fotos atuais destes guris, que seguidamente eram substituídas por outras mais recentes e oferecidas de presente para os guris que haviam sido fotografados, os quais vinham, às vezes, a guardar no álbum de fotografias que haviam ganhado no natal.

Além deste mural, existia um outro no qual estavam fotos antigas, muitas fotos, pequenas fotos de muitos dos que ainda estavam vivendo. Porém, ao contrário do outro mural, estas fotos não eram retiradas, mas

estavam fixas ali de tal maneira como se aqueles que ali estavam nas fotos também estivessem fixados neste lugar, o Lar.

“Com as fotos, tu te sentes mais no local. (...) Quando tu chegas no teu quarto, que tem a tua foto, tu tens o teu nome na cama, tu tens o teu nome na toalha, tu dizes “É minha casa. Eu tenho o meu nome em tudo que é lugar aqui. Isso aqui é meu.” Ele se vira pra um lado, a foto dele está na parede. Ele vira pra outro, tem o nome na toalha. (...) “Aqui eu estou em casa. Eu vou num lugar e me chamam pelo nome”. Sente, então, que é valorizado.” *Guri abrigado no Internato desde 1981*

Neste ano de 1995, outra idéia começava a se concretizar. O antigo Chalé, onde havia nascido o Lar, era aberto novamente. Agora, para abrigar não mais gurus e gurias mas para acolher a atividade artística que seria produzida pelos gurus do Lar juntamente com uma artista que estava entrando na instituição.

“Nossa, como esse chalé está parado aí? Aí eu comecei a trocar idéia com o Oto. “Era para estar acontecendo coisas de artes.” Eu disse “Vamos fazer?” Começamos, porque a gente vislumbrou que isso aqui tinha tudo para acontecer. E eu realmente acredito muito nisso”, conta ela a respeito de como havia nascido esta idéia.

Era um sorriso que se abria, próximo à entrada do Lar Metodista. Este era o seu nome, Projeto Sorriso. Vinha para fazer sorrir inicialmente os gurus deste Lar, mas também queria despertá-lo em muitos outros que por ali passassem. Queria ver também os pais destes gurus sorrirem, ao fazerem suas obras artísticas.

“Nós ficamos pensando, então, fazer a escolinha de artes, para primeiro despertar para a arte e pensar uma coisa mais profissionalizante, que juntasse essa coisa de arte com uma que fosse gostosa e que tivesse perspectivas e aquela coisa da educação.” Mais uma vez, retomavam a idéia de que poderiam ensinar aqueles gurus através da atividade lúdica, do brinquedo.

“Tem alunos que têm teatro, tem música, tem artes plásticas, outros já é teatro e artes plásticas. Mas qualquer turma tem sempre dois grupos

diferentes. Então, eles estão trabalhando,” diz a coordenadora do projeto. Atualmente, “tem mais de sessenta crianças. “A maioria são do Lar”, mas têm também os “filhos de funcionários.”

“El arte tiene un efecto profundo y de gran alcance en los diversos aspectos de la psicología humana, no sólo sobre la imaginación y los sentidos, sino también sobre el pensamiento y la voluntad. De ahí su enorme importancia para el desarrollo de la conciencia y de la autoconciencia, en la educación moral y en la formación de la concepción de la vida. La educación artística es uno de los más poderosos medios para desarrollar una personalidad plena y armoniosa. (Teplov, 1986, p. 289)

Através das distintas formas de atividade artística - teatro, música, artes plásticas - estariam tanto educando os sentidos como desenvolvendo capacidades de percepção bastante complexas, como a observação, os quais são essenciais para esta atividade.

“La educación artística debe, pues, acometer siempre la educación de la percepción. Esta es una de las razones de su importancia para la educación general; educando la capacidad de “ver” y de “oír”, el arte crea los requisitos indispensables para un amplio y profundo conocimiento del mundo.” (Teplov, 1986, p. 292)

Ao produzirem as obras artísticas, estariam concomitantemente produzindo-se na medida em que também estariam adquirindo, segundo Teplov, “os requisitos indispensáveis para um amplo e profundo conhecimento do mundo.”

Este projeto, em 1995, havia começado com turmas para gurus pequenos e grandes. Enquanto os gurus crianças aprendiam a brincar, os outros, gurus adolescentes, aprendiam a trabalhar com serigrafia juntamente com a funcionária, artista, que havia entrado no Chalé para coordenar o projeto.

“Os meus alunos felizmente, não sei se é porque toca para a coisa da arte, mas tanto eu como eles estamos super motivados, super a fim de

aprender. Querem já trazer coisas pra imprimir.” Desejosos por aprender, por trabalharem, raramente, deixavam de comparecer à Oficina de Jogos e Brinquedos, na qual iriam aprender a confeccionar jogos.

“Cada vez é um joguinho novo, uma arte nova, então, eles já vão imprimindo, adoram imprimir. (...) Tem certas tarefas que eles gostam mais. (...) Mas nós dividimos as tarefas. “Vamos dividir as tarefas, vocês escolhem”, conta a funcionária que estava projetando os jogos e produzindo juntamente com alguns guris.

“Eu sempre converso muito “A gente tem uma responsabilidade muito grande no que a gente está aprendendo. E isso aqui, eu acredito que pode ser um projeto bom para vocês. Serigrafia têm um campo, mas como tudo tem que batalhar mesmo. Sabe, eu estou na área de artes e nem por isso estou ganhando rios de dinheiro. Claro, que cada um vai ter o seu caminho e vai batalhar mais. Mas eu acredito, eu troco com eles e dou essa motivação. Procuro dar essa motivação de que é possível, a partir do que a gente está fazendo aqui. *Coordenadora do Projeto Sorriso e Professora da Oficina de Jogos*”

“(...) Eles eram muito de brincar e tal, mas nunca de não fazer a coisa. Eles eram muito sérios no trabalho. Eram só quatro, tem isso”, diz ela sobre como os guris se comportavam durante o trabalho nesta Oficina. “Eu não preciso levantar a voz com eles, dizer, “Ó, pessoalzinho, vamos lá e tal”. Não precisa. E a gente tem um diálogo tranquilo. Dá até para brincar um pouco.”

Nesta Oficina, “eles trabalham um pouquinho com a marcenaria. Tu podes dizer “A marcenaria não tem muito caminho.” Mas a gente está fazendo uma coisa que é nova (...). A gente está querendo fazer jogos, que são novos na área da educação”, conta ela. Aqui os guris poderiam exercitar os conhecimentos aprendidos na marcenaria artesanal do Lar, onde trabalhava outro artista.

Um destes guris que tinha freqüentado anteriormente a marcenaria, era o que estava fazendo um bom trabalho nesta oficina. “Ele demonstrou muita eficácia no sentido de fazer um bom corte, um bom acabamento e ajudar o

outro colega. O outro saiu fazendo um bom trabalho também com a influência dele. Então, isso para mim é fundamental”, diz a professora.

Produzindo suas obras, trabalhando com esta atividade artística, estavam ao mesmo tempo aprendendo a cooperar uns com os outros. Esta atividade verdadeiramente proporcionava que não apenas trabalhassem “um do lado do outro”, mas “juntos”.

Surgia, assim, uma alternativa não apenas educativa para os guris do Lar, mas uma possibilidade de trabalho. “Hoje, nós estávamos falando sobre a qualidade. Precisa ser feito com calma, fazer um quadro bem acabado, qualquer trabalho, que nós fizermos, bem feito, para a gente poder vender. Porque a nossa idéia é vender”, diz a professora da Oficina de Jogos.

“Estou querendo organizar isso, o que vamos produzir até o fim do ano, quais vão ser os jogos prioritários e quanto tempo vamos precisar, para cada um, quando vamos poder já colocar no mercado.” Era uma outra possibilidade concreta. Entre os guris do Lar, havia inclusive um deles que já estava começando a trabalhar nesta atividade fora do Lar.

“Eu estou iniciando nesse ramo. (...) Estou trabalhando com papel. Agora, vou de manhã para aprender, porque no outro lugar, onde eu aprendi serigrafia, era só pano. A técnica é diferente”, conta este guri a respeito da possibilidade de trabalho que estava surgindo para ele. Ia começar a trabalhar com serigrafia.

“Eu falo pra eles “Logo mais, vocês têm que sair (...). Então, vamos pensar em formas criativas e apostar naquilo que a gente está fazendo”. Esta era uma alternativa criativa de trabalho, além de viável. Fora do Lar, poderiam trabalhar nesta atividade.

“Esse projeto (...) a gente pensa que possa fazer com que as crianças tenham essa possibilidade de começar a sonhar e que os outros maiores possam transformar esse sonho em algo concreto, que aquilo possa ser um ganha pão para eles no futuro, que arte é possível, que seja um caminho”. *Coordenadora do Projeto Sorriso e Professora da Oficina de Jogos*

XII. Por que Mesmo Este Lar?

No pé de um morro, há um Lar, um lugar chamado Lar, no qual vivem guris grandes e pequenos. Existe um Lar onde guris não apenas dormem, mas essencialmente onde vivem. É um lugar (Viñao Frago, 1993-94, p. 17-18) onde não somente vivem, mas convivem.

Hoje, não é só denominado Lar, mas verdadeiramente é um lar, onde muitas vidas, pequenas vidas, são respeitadas, valorizadas e não só abrigadas. “Não desfaço de uma educação que dê um teto, uma cama, uma roupa lavada, mas o principal é tu caminhares junto”, diz o funcionário do Lar.

O essencial é trilhares junto. A trilhas do guris do Lar denunciam que, nesses últimos anos, junto as suas pegadas existem muitas outras que por ali estiveram. Não têm trilhado sozinhos, mas juntos a muitos outros guris e, hoje, juntos também a funcionários, que têm se esforçado para andar na trilha.

“Não basta pra o ser humano ele ter um lar. Certamente, é muito melhor que estar na rua. Melhor é ter alimentação do que passar fome. Mas isso não basta. Tu tens que acompanhar a dor, conversar, trabalhar, sofrer, chorar, rir, pra tu educares (...). Tens que participar dessas emoções junto com eles”. *Funcionário responsável pela educação dos guris do Internato na década de oitenta e do Lar na década de noventa*

Neste Lar, reconstruído na última década, os guris vêm não só sobrevivendo, mas vivendo com dignidade. Denunciam, assim, que há possibilidade de vida, vida digna, para todos, se existirem sujeitos que venham a praticar ações solidárias.

Os que habitam o Lar as têm praticado, diariamente, mesmo nesse momento em que já não existem recursos. Têm mostrado, assim, que é possível zelar por essas múltiplas vidas, às vezes, coletivamente esquecidas ou maltratadas, já que geradas em famílias também maltratadas, sem emprego, comida e moradia.

Agindo solidariamente, têm afirmado diariamente que é possível educar sem confinar estes guris em um espaço restrito. Ao contrário, têm conseguido educá-los, hoje, porque oportuniza as interações que são vitais para a sua constituição como sujeitos.

Assim, os que vivem neste Lar têm cumprido seus compromissos de oferecer, tal qual determina o Estatuto da Criança e do Adolescente, proteção a estas “pessoas em desenvolvimento”. Diariamente, as ações educativas desenvolvidas no Lar, o Lar Metodista, têm se pautado por esta orientação.

Eles têm respondido à comunidade, aos distintos poderes, não apenas dizendo que é viável, mas agindo em favor destes guris, crianças e adolescentes, ao prover-lhes seus direitos à moradia, educação, saúde. Dia-a-dia, vêm valorizando-os como pessoas humanas.

Neste Lar, todavia, nem sempre foi assim. Na década de setenta, estavam somente abrigados neste lugar. Moravam, comiam, estudavam e trabalhavam juntos, mas não eram ainda concebidos como sujeitos “normais” (Goffman, 1988, p.23). Era sujeitos com “estigma” (idem, p. 13-14).

Traziam em seus corpos os “símbolos de estigma” (ibidem, p. 53). Eram inconfundíveis. Suas cabeças raspadas, suas roupas velhas e mal cuidadas, seus tênis rasgados denunciavam a origem social. Verdadeiramente, não pertenciam ao “mesmo mundo” dos funcionários, segundo o diretor geral que atuava no Lar no início da década de oitenta.

“Uma vez, (...) na rua, estava passando e um guri disse “Tio me leva pra sua casa”. (...) Era um gurizinho pequenininho. Estava todo sujinho. (...) Eu peguei e trouxe ele. Conversando, descobri que a mãe dele era conhecida da minha mãe. No outro dia, eu levei ele lá. (...) Ele gostou daqui “Tio, deixa eu ficar aqui?”

“Ele estava todo sujinho, tênis rasgado, todo molhado, sujo. Era época de inverno.” Ao chegar no Lar, a maioria dos guris eram portadores destes

“símbolos de estigma”. Ao serem olhados, eram denunciados e, seguidamente, maltratados.

Eram concebidos e tratados como não sendo propriamente sujeitos em todos os lugares por onde passavam. Isso não era diferente dentro do Lar, do Internato, existente na década de setenta. Nesta “instituição disciplinar” (Foucault, 1986) as ações disciplinares severas tratavam de vigiar, controlar e puni-los fisicamente.

Os guris que viviam neste lugar não apenas sofriam a violência por parte daqueles que deveriam protegê-los, mas também agiam assim com seus iguais. Reproduziam, assim, a violência a que, freqüentemente, eram submetidos. Vigorava a vontade ou a lei do mais forte.

Era um lugar construído por ações e regras impostas. “Toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários” (Goffman, 1961, p. 18). Assim era este Lar nos anos setenta.

Porém, esta não era a única característica desta instituição. Neste lugar, os guris também viviam todas as “esferas da vida” (idem, p. 17), diante de “uma única autoridade”. Era tipicamente uma “instituição total” (Goffman, 1961), fechada às interações com o mundo.

Neste Lar viviam “cerceados de trocarmos com outros grupos sociais suas experiências” (Ferreira, 1993, p. 92). Limitavam-se a conviver apenas com os que circulavam no interior do Lar. Assim, estavam impedidos de estabelecer as trocas, as interações, necessárias ao seu desenvolvimento.

Mas os invisíveis muros não permaneceriam fechados. No início da década de oitenta, abriam-se gradualmente. “Então, as crianças tiveram que descer, passar a conviver com as crianças da comunidade”, conta o diretor geral atual da instituição. Inicialmente, começariam a estudar fora do Lar.

Passariam a descer o morro, posteriormente, também para trabalharem em outras instituições e, assim, a conviver não apenas com seus iguais nas escolas do bairro onde estava situado o Lar Metodista, mas com seus colegas de trabalho.

Este Lar, porém, nos anos oitenta, não estava mudando apenas enquanto “instituição total” (Goffman, 1961), que abria-se às interações com todos os que viviam fora, mas também enquanto “instituição disciplinar” (Foucault, 1986), que passaria a não mais punir fisicamente os guris ali abrigados.

Enfim, os funcionários desta instituição deixariam de submeter aqueles guris a castigos físicos exagerados e arbitrários e a humilhações. Passariam a substituir, gradualmente, esta disciplina rígida por outra que suprimia estas punições.

Começariam, nesse momento, a vivenciar outras relações entre os guris e também entre eles e os funcionários, revogando algumas das regras do Internato. Não mais valia a lei do maior ou do mais forte. Era um lugar que estava sendo reconstruído pelos guris e funcionários.

Reconstruiriam aquele velho Internato, de tal maneira que, no final da década de oitenta, não seria mais nem reconhecido e nem chamado assim. Haviam construído um lugar, onde as regras não eram mais impostas, mas contratuais. Era um Lar, “o Lar”.

“A mãe dele está encantada. “Como é que pode? O único lugar que ele conseguiu se adaptar foi no Lar”, diz ela. Ele já tinha passado por vários lugares, mas como castigo, como prisão”, conta o funcionário que trabalha no velho Internato ou novo Lar.

Na década de noventa, não era mais um lugar que os aprisionava. “(...) Não fico com um guri, se ele não quer ficar. (...) Se ele quer, eu faço questão que ele fique em casa. É um direito dele. Ele pode até ter fome lá, mas se ele gosta da mãe dele, se ele quer morar com a mãe dele, tem que morar.”

“Se ele gosta da rua, não vou segurar aqui. Isso aqui não é cadeia.” Verdadeiramente, não ficavam na instituição se desejavam viver na rua, se sonhavam em ser livres. Permaneciam no Lar brevemente e partiam em busca da ilusória liberdade existente na rua.

Um dos meus filhos de 14 anos está atualmente pela rua. Às vezes, fico três dias sem saber dele. Pra não ter este mesmo problema com este filho menor, quero internar, tomar uma providência agora, enquanto ele é pequeno.

O Oto conhece este filho de 14 anos. Ele já esteve aqui no Lar. Desde que ele saiu daqui, não se endireitou mais. O pessoal do Conselho Tutelar conhece ele. Já chamaram e deram conselhos, mas não adiantou nada.” *Mãe entrevistada na seleção ao ingresso no Lar Metodista em janeiro de 1996*

Neste Lar, estes gurus eram ouvidos e respeitados desde o momento em que ali chegavam. “Ele é um ser humano. Ele tem o direito de escolher. Isso é uma das coisas que mudou”, diz o diretor do velho Internato ou novo Lar. Anteriormente, ficavam neste lugar independente de suas vontades.

“Não gosto quando eles ficam quietos. Eu acho que eles têm que se defenderem, tem que reivindicar. Se acha que está errado, ele tem que falar. Muitas vezes eu assumi “Me desculpe, eu errei”, várias vezes. Agora, se (...) se ele fica quieto, eu posso até reprimir (...). Eu não quero isso”, fala o mesmo funcionário, admitindo que não desejava ser autoritário.

Neste lugar, reconstruído ao longo dos anos oitenta, ao contrário do que comprovou Altoé (1990a, p. 51) em seus estudos sobre a vida institucional, estes gurus não viviam mais “uma experiência de autoritarismo e infantilização”, na relação com os adultos e autoridades institucionais.

Estavam experienciando novas relações entre os funcionários e os gurus e entre os próprios gurus. Os que vinham a observar atentamente o que acontecia neste Lar surpreendiam-se por encontrar um lugar em que conviviam amigavelmente.

“A gente pode observar que não há brigas, não há nada que chame a atenção negativamente. O ambiente é muito bom (...). Às vezes, eu fico pensando “Como é que pode acontecer isso?” Quando chegam no Lar, eles percebem que aqui não acontece isso”, diz o Coordenador da Pastoral do Lar Metodista.

“(…) O que precisava mais pra ele era carinho, compreensão, estar junto e ter paciência bastante paciência”, responde o funcionário a respeito daquele guru que havia se adaptado apenas no Lar. Neste lugar, este “estar juntos” e não um ao lado do outro era uma constante.

Além disso, “tens que ter muito diálogo, muito diálogo com eles”, diz este funcionário do Lar. “Existe muito trabalho em função disso. Muito diálogo pra chegar nisso e o tempo de serviço, 14 anos”. A maioria dos funcionários desta instituição contavam com esta experiência de muitos anos.

Tinham acumulado experiência, que lhes permitia a continuidade do projeto educativo que vinham desenvolvendo. Participavam da reconstrução deste lugar, contando com a vivência de terem o projetado ou construído anteriormente.

Com estes gurus, reitera o mesmo funcionário, era preciso ter “diálogo” e exercer “autoridade. Exercitavam-se, dia-a-dia, nesse sentido. Era preciso revogar as relações autoritárias que eram parte do cotidiano do Internato existente na década de setenta.

Coopersmith (apud Ferreira, 1993, p. 87) diz que esta “existência de limites claramente definidos”, assim como o “respeito às possibilidades de ação individual dentro dos limites estabelecidos” são os fatores fundamentais para o desenvolvimento da auto-estima.

“Para este autor, os limites servem como bases para as crianças, à medida que elas podem avaliar, comparar seus desempenhos em relação a momentos anteriores” (idem, p. 87). São importantes, assim, para avaliar o quanto se desenvolveram.

“A gente tem que ser equilibrado. Tem que ter essas coisas bem definidas com eles. Isso é difícil. É aí que o pessoal mais apanha. O pessoal que trabalha aqui, alguns deles não conseguem” mostrar os limites, exercer autoridade diante dos gurus, diz o funcionário do Internato.

“Eu, às vezes, fico com nojo quando tu falas, com nojo de ti, porque parece que tu queres cortar aquilo que eu tenho vontade de fazer. Por isso é que eu sou um pouco distante de ti. Parece que tu és uma figura que estás reprimindo o que eu tenho vontade de fazer,” diz um dos gurus a este funcionário.

“(...) Sabia disso, mas gostei de ouvir dele. Criou um laço afetivo entre nós”, diz o funcionário. Nesta instituição este “criar laços”, estes vínculos afetivos existiam não somente entre os gurus, mas também entre os gurus e os

“Primeiro, eu queria que eles aprendessem a competir, que eles soubessem competir. Também queria despertar os valores, deles aprenderem a lutar pelo espaço, pelo seu ideal, por uma equipe, de querer competir e deles se motivarem mais, de resgatarem os que tinham menos vontade de vencer, de lutar. (...) Havia de tudo um pouco, de misturar lazer e trabalho”, diz o funcionário do Lar.

Vygotsky afirma na obra *A formação do social da mente* (1988b, p.113) que um dos paradoxos “é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço - ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer (...)”.

“(...) Ao mesmo tempo, ela aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva, constitui o caminho para o prazer no brinquedo” (idem, p. 113).

Ao sujeitarem-se as regras, ao invés de desprazer experimentam “prazer máximo”(ibidem, p. 113). No jogo, “satisfazer as regras é uma fonte de prazer. A regra vence porque é o impulso mais forte. Tal regra é uma regra interna, uma regra de autocontenção e autodeterminação, como diz Piaget (apud Vygotsky, 1988b, p. 114).

Assim, no jogo, “a criança é livre para determinar suas próprias ações”, e não é, “pois suas ações são, de fato, subordinadas aos significados dos objetos, e a criança age de acordo com eles” (Vygotsky, 1988b, p. 118). No jogo, começa a ter consciência dos seus limites. Pode agir, mas deve submeter-se.

Tal qual acontece na vida, desfruta de uma liberdade ilusória. É livre sem deixar de ser submissa. É autônoma e submissa ao mesmo tempo. Não pode fazer o que quer, pois assim estaria se colocando fora da esfera do jogo. Precisa controlar suas ações e submetê-las as regras.

Haviam descoberto que através de uma educação lúdica, atingiam plenamente o que desejavam. Primeiramente, através dela, os gurus subordinavam-se as regras, sem hesitar. A “subordinação estrita às regras” raramente realizável na vida, era alcançada no jogo (idem, p. 117).

Ao subordinarem-se as regras, aprendiam também os limites que lhes permitiam constituírem-se enquanto sujeitos. Constatavam que estes gurus, nos jogos, iam exercitando e obedecendo os limites do jogo e, ao mesmo tempo, os limites do viver humano.

Esta educação lúdica também permitia que se construíssem enquanto sujeitos. “Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento” (ibidem, p. 117).

A contribuição dos jogos para o desenvolvimento destes gurus ia além disso. As gincanas, os “jogos de grupos” também oportunizavam o estar “juntos” e não apenas “um ao lado do outro”, segundo Leontiev (1988, p. 135).

Este “estar juntos”, que acontecia por ocasião dos jogos, das gincanas realizadas durante cinco anos consecutivos no Lar, foi crucial para que, posteriormente, desejassem permanecer assim naquele lugar. Estavam aprendendo a jogar juntos e fundamentalmente a viver juntos.

Ao brincarem juntos, estavam concomitantemente aprendendo a sonhar. Os que estavam educando os gurus deste lugar chamado Lar estavam lhes permitindo viver e sonhar.

Após as gincanas, este Lar já não era mais o mesmo lugar. Não era mais o Internato, que tinha os aprisionado na década de setenta. Era um Lar, verdadeiramente, o Lar, tão falado por todos os que ali estavam abrigados. Jogando, haviam não apenas construído novas regras, novas relações, mas o próprio lugar onde viviam.

Através dos jogos, haviam aprendido a ser autônomos, respeitosos uns com os outros e solidários. Exercitavam-se, todavia, enquanto pessoas solidárias não apenas entre os que viviam dentro deste Lar, mas também com os que estavam fora.

“Juntei os gurus, arrumamos umas tábuas e passamos toda uma tarde lá. E montamos. Ela simplesmente não tinha casa. Era de papelão a casa dela. Ela dormia com o gurizinho e a guriuzinha ali naquela cabaninha de papelão, de lata”, conta um dos funcionários sobre a iniciativa de auxiliar a mãe de um dos gurus que estava abrigado no Lar.

“Nós conseguimos pra, pelo menos quando o menino for, ele ter uma casa (...) onde não chove e poder levar um pratinho de comida pra comer”, continua ele. Iam, assim, aprendendo a ser solidários com todos os que atravessavam suas trilhas.

Estavam assumindo coletivamente a responsabilidade de cuidar uns dos outros. Este era o aprendizado mais importante que vivenciam, dia após dia, neste lugar chamado Lar. Somente ajudando uns aos outros, poderiam vir a sobreviver e, além disso, a viver com dignidade.

“É uma criança que (...) perdeu a vó, que era a mãe dele, e tem só o vô agora. (...) O vô é alcoólatra (...). O ano passado eu disse pra o psicólogo que me preocupava quando ele ia pra casa no fim-de-semana. (...) Eu sabia que ele ia beber nos bares. E essa criança, fica com quem?”, conta uma das funcionárias de uma das Casas-Lar.

“E essa criança, fica com quem?” E todas essas crianças e adolescentes pobres, humildes, filhos de famílias das classes populares, ficam com quem? E se a família não puder abrigar, alimentar, educar. Quem, afinal, ira protegê-los?

“(…) Parece ingênuo esperar que, em famílias que vivem nas condições da mais absoluta miséria, como é o caso da maioria dessas crianças, os pais ainda possam viver em harmonia, tranqüilos e afáveis. Sujeitos a salários miseráveis, à ameaça constante do desemprego, sem perspectiva de melhorar de vida (...), a instabilidade emocional dessas pessoas é quase que uma constante. Por isso mesmo, muitas vezes elas repassam para as crianças toda a violência a que são submetidas constantemente.” (Ferreira, 1993, p. 88)

Longe da família, que não tem sequer como ampará-los, “modifica-se o mapa de valores e símbolos correspondentes. Uma vez não compensado pelo aparecimento de outro mapa que sirva para orientar o caminho dessas crianças e jovens, abre-se o espaço para a absorção da “cultura da rua.” (Ferreira, 1993, p. 85-86).

Entre os que vêm procurar a instituição, “os mais necessitados (...), a gente consegue a vaga pra eles, mas são os mais difíceis deles quererem a vaga. Por quê? Porque o guri vai pedir na rua e ele sustenta a família pedindo. É isso que a sociedade quer?”, pergunta um dos funcionários do Lar.

Na rua, longe da família e distante da escola “as crianças naturalmente buscarão entre seus pares de rua, de praças, a sua própria “socialização”. Acabam envolvendo-se numa rede de relações perversas em que, na ilusão de serem livres, tornam-se escravos. O narcotráfico os aprisiona, como um caminho sem volta.” (idem, p. 87)

“O que imaginariamente era o espaço da liberdade absoluta ou domínio sem resistência possível, apresenta-se, então, como uma prisão. Dela não podem sair, sob pena de morrerem” (ibidem, p. 87-88). É oportuno indagar mais uma vez quem irá protegê-las para que não venham a frequentar e morrer nas ruas?

“É possível ser feito um trabalho educacional com eles, sim! (...) Só que esse trabalho não pode ser feito apenas com a escola. Com isso, quer-se dizer que aqueles que reduzem os direitos dessas crianças e jovens ao direito à escola incorrem num equívoco muito grande (...)”, diz Ferreira (1993, p. 92) a respeito do que precisam as crianças de rua.

“(...) Eles precisam de escola, mas não só. Antes de tudo, necessitam de moradia de um espaço concreto onde possam viver com dignidade.” (idem, p. 92) E quanto as crianças que ainda não estão na rua, mas não têm uma moradia para viver com dignidade? Quem vai lhes possibilitar que desfrutem deste direito?

Enquanto não chegam as ruas, vamos continuar dizendo que devem ser atendidas por suas famílias, se estas nem sequer têm moradia, alimento e emprego? Vamos fechar as instituições, como o Lar, que vêm protegendo e valorizando tantas pequenas e preciosas vidas?

Quem irá oportunizar que estas crianças e adolescentes pobres se desenvolvam, se a família não consegue nem mesmo abrigar e alimentá-lhes? Quem irá educá-los, se não permanecem na instituição familiar e, freqüentemente, nem mesmo na instituição escolar?

Vamos amparar-lhes somente quando nos defrontarmos com eles nas ruas? Tiraremos suas perspectivas de sobreviver e, além disso, viver dignamente? Na rua é que não encontrarão esta perspectiva de vida. Nela, não há vida para os que ali perambulam.

“Eu já chorei muito com esses gurus. (...) Quando eu falo de chorar, estou me referindo a sentir dor, sofrer junto com eles.” Um dia, quando um deles “ficou na rua, roubando, assaltando, eu sofri. Ele abandonou o Lar. (...) Ele não quis ficar aqui porque ele queria ficar com o pai. No momento em que o pai rejeitou, ele ficou na rua. A família, ninguém quis ele, porque ele é complicado, difícil. (...) Faltou pra ele apoio. Ele ficou com vergonha de pedir pra voltar pra cá, porque me disse que não queria voltar mesmo. Eu sabia de tudo que ele fazia na rua. Eu sofria sozinho, não falava pra os outros gurus. Então, eu sofri com ele porque ele estava num caminho que ia só se perder. Eu batalhei, eu lutei, eu sofri pra ensinar, pra educar e ele se perder.” *Funcionário responsável pela educação dos gurus do Internato na década de oitenta e do Lar na década de noventa*

“Há, pois, a necessidade de criação de equipamentos sociais (repúblicas) que funcionem não somente amparando essas crianças, mas que desenvolvam processos educativos, fugindo a antigos modelos institucionais, muitos deles vividos por elas”. Esta república seria, segundo Ferreira (1993, p. 90) um desses lugares nos quais poderiam ser amparados e não aprisionadas.

Com suas ações educativas inovadoras, o Lar, plantado no pé de um morro situado na Chácara das Flores, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, vem incluindo-se entre estes lugares, denominados por ela de “equipamentos sociais”, que vêm oferecendo proteção a estas “pessoas em desenvolvimento”.

Neste lugar chamado Lar vêm aprendendo muitas lições, importantes aprendizados, especialmente de que precisam se amparar mutuamente, contrariamente a toda lógica vigente na sociedade que os torna cruelmente individualistas.

Os que vivem e convivem neste Lar, o Lar Metodista vêm assumindo, corajosamente, o desafio. Ele vêm procurando construir uma “pedagogia nova não na intenção mas na singularidade que envolve o trabalho com pequenos cidadãos” (idem, p. 90-91).

XIII. Quais os princípios da educação inovadora construída no Lar?

A educação construída no Lar, na última década, tem na sua essência procurado tratar o educando “como um todo integral corpo/mente.” (Ferreira, 1993, p. 91). Os educadores vêm dirigindo suas ações para os corpos e mentes dos gurus ali são abrigados.

Todavia, ao ingressarem na instituição, seus corpos passam a ser alvo dessas ações. Com piolhos nos cabelos, bichos nos pés, sujeira no corpo, não podem construir uma auto-imagem que não seja eminentemente negativa. É preciso antes de tudo tratar desse aspecto.

“Dentes cariados não incomodam apenas na dor física, são elementos inibidores de sorriso; pele doente causa repúdio até mesmo entre eles; roupas sujas e rasgadas depauperam a própria imagem. Que auto-estima pode se desenvolver positivamente contando com tudo isso? (idem, p. 91)

A corporeidade, assim, é um dos princípios dessa educação, aliada a um outro, que é a ludicidade, os quais foram cruciais ao desenvolvimento dos gurus abrigados no Lar.

“As práticas corporais tais como dança, jogos, teatro são de fundamental importância para o processo de equilíbrio, associações, agrupamentos, interiorização de regras e, acima de tudo, desenvolvimento de auto-estima. Mais do que nunca, o corpo é o mediador dessas relações. Ele denuncia a “presença” estranha dessas crianças e jovens nos demais grupos. A correção postural, os hábitos de higiene (...) são fatores que apontam para a forma como eles são incluídos/excluídos da sociedade.” (Ferreira, 1993, p. 91)

Os jogos e ações lúdicas foram fundamentais na reestruturação da vida coletiva no Lar, na transformação dessa instituição enquanto “total” (Goffman, 1961) e “disciplinar” (Foucault, 1986).

Essa educação lúdica permitiu o surgimento de regras, que passaram a ser construídas e, assim, vividas com prazer. Foram estas regras que vieram a oportunizar o processo de criação dos sujeitos envolvidos nas ações lúdicas e sobretudo a criação da palavra.

As regras, anteriormente impostas, vieram a ser construídas com a participação dos educandos, ou seja, houve uma liberação da palavra. Com a palavra, os educandos tornaram-se sujeitos, não sendo mais objetos da educação. Essa foi a inovação que ocorreu no Lar.

A ludicidade, associada a competitividade positiva, desenvolvida por ocasião dos freqüentes jogos promovidos no Lar, foi um dos elementos que estimulou o processo de desenvolvimento pessoal e coletivo e propiciou a transformação das relações agressivas.

Através dessa educação, alteraram-se profundamente as relações, anteriormente hierarquizadas. Estas deixaram de ser verticalizadas. Porém, não foi apenas essa educação que oportunizou a renovação da rede institucional.

Agregou-se ao jogo e ao lúdico, o diálogo, o qual foi o elemento central dessa mudança, da reconstrução desse lugar chamado Lar. Foi o diálogo que transformou radicalmente as interações ou relações entre guris e funcionários do Lar.

Ele foi o princípio central no qual se alicerçou a educação construída no Lar, ao longo dos anos oitenta. Dialogando, educandos e educadores vieram a participar do processo educativo e gerir a vida coletiva. Assim, educaram-se.

Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos, na transformação do mundo” (Freire apud Gadotti, 1996, p. 81).

Os homens educam-se juntos, vivendo, convivendo, estando juntos, abrindo-se para trocarem, dialogarem. “Os homens se educam em comunhão” confirmam, com suas ações, os que estão educando os guris dos Lar, em consonância com as palavras de Freire (idem, p. 81).

“Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educadora ou educador, significa reconhecer nos outros - os educandos no nosso caso - o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar que corresponde ao nosso dever de escutá-los.

Mas, como escutar implica em falar também, o dever que temos de escutá-los significa o direito que igualmente temos de falar-lhes. Escutá-los, no fundo, é falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los.” (Paulo Freire em Carta Aberta aos Educadores e Educadoras, apud Gadotti, 1996, p. 481)

Quando os guris passaram a ter o direito de dizer a sua palavra, um novo processo se desenvolveu, permitindo que houvesse uma transformação. A inovação ocorreu, então, quando os educadores do Lar deram a palavra aos educandos.

Através do diálogo, transformaram-se as relações, as quais eram anteriormente não apenas agressivas mas essencialmente antagônicas. Ele tornou possível justamente a aproximação entre os mundos dos educandos e dos educadores.

Ele “(...) não pode aprisionar-se em qualquer relação de antagonismo. O diálogo é uma relação amorosa entre as pessoas que, mediadas pelo mundo, proclamam esse mundo. Eles transformam o mundo e, ao transformá-lo, humanizam-no para todas as pessoas. Esse encontro em amor não pode ser o encontro de irreconciliáveis” (Freire apud Gadotti, 1996, p. 645).

Através dele, os educadores também vieram a escutar as urgências e opções dos educandos. A inclusão destas opções foi crucial para que estes viessem definitivamente a participar da reconstrução desse Lar, o Lar Metodista.

A dialogicidade é, assim, o terceiro princípio norteador dessa educação que veio renovar esta instituição. Tendo se tornado prática constante, movida por afeto, o diálogo mobilizou tanto educandos quanto educadores. Ambos, eram parte dessa ação.

Por intermédio dele, houve “o reconhecimento do outro, com seus valores, com sua história, como ser igual. Ele é o princípio da alteridade, o que não significa a concordância cega, mas também, a não arrogância, postulado daqueles que não esperam ou não permitem que o outro dê os seus próprios passos.” (idem, p. 651).

Com a palavra, os educandos passaram a traçar suas próprias trilhas, ou seja, tornaram-se autores de suas existências. Vieram, então, a assumir suas histórias. Não eram mais sujeitos passivos, que ficavam alheios as decisões que interferiam em suas vidas.

O diálogo foi o elemento que desencadeou todos os processos ocorridos, posteriormente, como a reestruturação do espaço. Com voz e vez, esses educandos passaram a intervir em todas as dimensões da vida institucional. Nunca mais esse lugar seria o mesmo.

As relações de espaço foram radicalmente renovadas, de tal maneira que, no final da década de oitenta, os gurus iam frequentemente além dos muros institucionais, interagindo com o mundo, trocando experiências com os que viviam fora do Lar.

Além disso, alteraram-se também as relações de tempo. O tempo, totalmente controlado e à disposição da instituição, passou a ser parcialmente utilizado pelos educandos. Sua utilização era discutida não apenas pelos educadores, mas também pelos educandos.

Houve também uma reconceituação do grupo. Estar em grupo não era sinônimo de estar amontado. O grupo passou a ser um elemento na construção da subjetividade desses educandos. Nele, existia lugar para distintos sujeitos, diferentes individualidades.

No grupo, havia espaço para que todos os seus participantes tivessem suas histórias e, além disso, possuíssem estas histórias documentas. Nesse

lugar não eram mais pessoas anônimas, tinham nome e eram chamados por ele, tinham data de nascimento e eram lembrados nessa ocasião.

Ao darem a palavra aos educandos, ocorreu também uma alteração não somente nas relações entre estes e os educadores, mas entre os próprios educadores, funcionários e administradores, ou seja, houve um processo de descentralização administrativa.

Essa instituição deixou de funcionar verticalmente, não tendo mais uma autoridade central. Descentralizada, esta autoridade passa a ser exercida por todos os que estavam e efetivamente participavam da reconstrução institucional.

Assim, houve uma inversão pedagógica fundamental, que veio acompanhar o mesmo movimento de pensamento dentro da Igreja Metodista, o qual, na década de oitenta, foi profundamente influenciado pela chegada de um documento denominado Plano para a Vida e a Missão da Igreja.

Aprovado pelo Concílio Geral da Igreja Metodista, em 1982, este documento veio propor novas bases para a educação metodista. A partir dessa época, as ações educativas deveriam dirigir-se para a realização destas metas definidas pelos representantes metodistas.

Segundo este documento da Igreja (1992, p. 84), um dos objetivos da educação seria “apoiar todas as decisões que promovam a vida, denunciar e combater todas as ações que destruam a vida”. A educação deveria ser promotora da vida.

Essa ênfase na vida era, assim, radicalmente contra as ações que viessem a maltratar ou destruí-la. Era uma virada importante na trajetória da educação oferecida não apenas às crianças e adolescentes das classes médias mas a todas as outras que eram educadas em instituições metodistas.

Influenciados por essas idéias, os educadores do Lar vieram a repensar a educação oferecida aos gurus. Conscientes de que o Internato não havia promovido as vidas ali abrigadas, planejaram as Casas-Lar acreditando que isso seria possível se estas vidas fossem protegidas no interior de uma casa habitada por uma família.

Não estavam totalmente equivocados quando pensaram que o ato educativo necessitava de um espaço, de um lugar. Acreditavam, entretanto, que deveriam substituir as famílias dos que ali iriam viver. Estavam enganados. Nenhuma instituição pode ser substituta da família.

Os gurus do Lar insistentemente dizem que não querem essa substituição, mas sim um espaço coletivo, que não se circunscreve necessariamente a uma Casa, no qual sejam não apenas abrigados, mas respeitados e valorizados.

Concomitantemente, os educadores das Casas-Lar afirmam que não são capazes ou não desejam atuar enquanto pais desses gurus. Atestam, assim, mais uma mudança importante que ocorreu nessa instituição. A maioria deles, hoje, não acredita mais que a instituição pode substituir a família.

Eis aí um dos desafios da educação destinada a esses gurus pobres. É imprescindível construir um espaço no qual possam sobretudo viver com dignidade, aprendam a ser diariamente solidários, exercitem-se como autônomos e venham a respeitar a si mesmo e a todos os que lhe são próximos.

Com estes valores, foi que os educadores vieram a reconstruir o Internato, o qual era aparentemente um lugar impróprio para a educação desses gurus, crianças e adolescentes. Atualmente, esse velho Internato vem abrigando, a educação mais inovadora já construída pelos educadores e educandos do Lar.

Alicerçada em outro princípio, que é a escolaridade, ou seja, o acesso à escola, construiu-se, no Lar, uma nova ação educativa. Com sucesso na escola, ampliaram-se as chances de que viessem efetivamente a participar na sociedade como sujeitos ou mais precisamente como cidadãos.

Os educadores do Lar, ao longo da década de oitenta, investiram seus esforços nesse sentido, a ponto inclusive de não aceitarem abrigar gurus que não tivessem suas matrículas garantidas em uma das escolas localizadas próximas à instituição.

Além disso, esses educadores preocuparam-se em oferecer a esses gurus uma iniciação ao trabalho, a qual, atualmente, constitui-se um dos

problemas que vem exigindo soluções. Quais as alternativas a serem oferecidas para os guris diante do atual mundo do trabalho?

Essa é uma das questões que precisam ser enfrentados, com coragem. É possível gerir outras alternativas. Alguns educadores já estão criando-as, com poucos recursos. Todavia, para além das verbas necessárias aos projetos, é preciso acreditar que há alternativas.

Para isso, há que cultivar entre os que educam a esperança, o sonho, a utopia. Sem isso, não se consegue avançar e nem sequer sair do lugar onde se está. Sem esperança, os educadores, freqüentemente, sucumbem diante das dificuldades.

“(...) Não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. (...) A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo.” (Freire apud Gadotti, 1996, p. 114).

Movidos por sonho, por utopia, os que educam vêm a incentivar os sonhos dessas crianças e adolescentes, filhos das classes populares, os quais são, segundo Freire, constantemente impedidos de sonhar.

“Vi pela televisão uma entrevista em que uma jornalista se encontrava com um adolescente e perguntava: “Você sonha?”. E o menino respondeu: “Não, eu tenho só pesadelo”.

(...) No fundo, essa é uma infância que vem sendo proibida de sonhar. E o sonho, a arquitetura de hipóteses, o lúdico, faz parte da experiência das crianças.

Essa possibilidade de sair um pouco de dentro de si mesmo faz com que o ser aprenda a manejar o imaginário.” (Paulo Freire em entrevista a Fernando Rossetti da Folha de São Paulo)

Alicerçado nesses princípios, esse lugar foi reconstruído de tal maneira que, atualmente, não é mais “instituição total”. Tornou-se um abrigo onde os guris têm suas necessidades básicas, de moradia, alimentação, educação, atendidas.

Caberia aqui perguntar se há necessidade da gestão de um espaço coletivo, tal qual foi construído no Lar? Este Lar atende às exigências do Estatuto? É uma instituição educativa aberta, complementar à família? Deve permanecer aberta?

“Se deve haver uma instituição ou não deve, deve haver um espaço coletivo ou não, esta questão se resolve somente se nós compreendermos a instituição como educativa, complementar a família e não substituta”, afirma Carmem Craidy, na defesa pública desta dissertação.

“As discussões decorrentes do Estatuto não conseguiram ainda criar a distinção entre a necessidade de espaços coletivos, complementares a família, apoiados e integrados com uma política de família”. Segundo ela, é imprescindível atender concomitantemente essas duas exigências.

Craidy vai além dizendo que “muitas vezes, tem se caído na negação do espaço coletivo, do espaço coletivo em nome de uma política que não existe. Nós temos que ter consciência que há necessidade de um espaço, sobretudo para o adolescente. É preciso dar a ele um espaço coletivo alternativo”.

É preciso sim oferecer a esses guris, filhos das classes populares um lugar, uma instituição educacional, de caráter complementar a família, na qual tenham seus direitos garantidos. Isso é o que recomenda o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Esta lei determina, todavia, que as crianças e adolescentes não sejam coagidos a ficar em um instituição educativa. O que não pode é sofrerem privação de liberdade e serem abrigadas em um lugar contra a sua vontade ou de sua família.

(...) Oferecer oportunidade de abrigo e de educação, é nossa obrigação. Não é contra o Estatuto, absolutamente. Quem tiver fazendo esta interpretação, está interpretando mal. Aliás, tem sido muito mal interpretado. O Estatuto diz exatamente ao contrário, o direito a um lugar para morar, o direito a ter suas necessidades básicas atendidas, o direito a educação, a vida coletiva, o direito ao lazer, ao estudo, a profissionalização. Um lugar que ofereça isso

está respondendo às exigências do Estatuto.”
(Carmem Craidy na defesa pública desta
dissertação apresentada em dezembro de 1996,
na FACED/UFRGS)

Os educadores do Lar vêm respondendo as exigências dessa legislação com a criação de um novo espaço educativo, de um ambiente positivo, onde os guris têm se desenvolvido harmoniosamente. O Lar, dia após dia, vêm assegurando seus direitos como pequenos cidadãos.

“A experiência (...) é altamente positiva, utópica, no sentido que eu defendo. É um sonho que fala do sonho, é um sonho de dignidade humana”, diz Paulo Freire a respeito do projeto Axé. Tal qual esta experiência, a que vem sendo construída pelos educadores do Lar também é utópica.

É utópica porque vem sendo realizada também por educadores que vêm se empenhando em construir uma nova pedagogia para estes guris e sonhando junto com eles. Vêm sonhando e realizando, dia-a-dia, esta utopia de oferecerem vida digna a tantos guris.

“Depende muito também da gente, do educador, gostar da criança. Isso é fundamental. Sem isso aí tu não consegues fazer um trabalho legal (...). Se tu gostas é diferente”, diz um dos funcionários deste Lar. Falava, assim, que era preciso abraçar não apenas a tarefa de educar, mas a própria criança.

Esse envolvimento dos educadores do Lar foi outro fator decisivo para a recriação educativa que ocorreu durante a década de oitenta. Sem essa participação, certamente, esta instituição não teria sido totalmente renovada.

É o momento de indagar o que fazer diante dessas trilhas já seguidas e se é possível continuar trilhando. O que deve melhorar ou mudar? Uma das mudanças necessárias é no âmbito das concepções dos que educam essas crianças e acreditam que é preciso de um espaço específico para educá-las.

Para educar esses guris, crianças e adolescentes, não é necessário um lugar, um espaço como uma Casa. Nem mesmo é preciso que essa Casa seja habitada por uma família, tendo em vista que não se deseja mais substituir suas famílias.

A transformação ocorrida no Internato foi decorrente da vivência de relações mais democráticas e ações dialógicas e lúdicas e não desencadeada

pela existência de um lugar apropriado ao ato educativo. Por isso, não é oportuno que os educadores venham centrar suas preocupações no espaço.

As ações precisam ser dirigidas especialmente para o acompanhamento dos educadores envolvidos no processo. Como isso será feito? Acredito que é necessário refletir, juntos, sobre essa problemática.

O que pode ser feito em relação à formação dos funcionários para que venham a oportunizar uma educação dialógica e lúdica aos gurus por eles abrigados?

Outro problema a ser enfrentado é como a instituição vai se integrar em um projeto mais amplo, no qual venha a se integrar com outras instituições, conselhos. Em rede, a médio ou longo prazo, podem vir a gerir uma política mais significativa.

Craidy diz que é preciso ter consciência que “a ação pontual de uma instituição é parte de um projeto coletivo. Só poderá enfrentar a questão na sua radicalidade, se ela integrar-se em um projeto coletivo, que é o projeto público.”

A formação de uma rede institucional, segundo ela, é também importante porque os educadores, ao associarem-se, tornam-se mais capazes de resistir a frustração. Juntos, não sucumbem facilmente e nem desistem de trilhar.

São esses alguns dos desafios que estão à espera dos educadores do Lar e de outros que vêm educando esses gurus pobres. É preciso abordá-los, sem hesitar, e, assim, continuar trilhando.

Os gurus que vêm, mais uma vez, chegando ao Lar os esperam para trilhar juntos. Não é possível parar, nesse momento, nem interromper esses sonhos.

“A história é importante como memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa da ação futura. Sem memória coletiva, não há projetos nem sujeitos da história. Reconstituir a memória coletiva do grupo primário é reconstituir sua capacidade de agir. Ao redor dessa narração, os atores se

mobilizam, se acordam, se lembram dos seus compromissos com a história” (Lazega apud Marre, 1991, p. 135).

BIBLIOGRAFIA

- ALTOÉ, Sônia. Os processos disciplinares nos internatos de menores. Espaço, Cadernos de Cultura USU, Rio de Janeiro, n. 11, p. 39-52, jul. 1985.
- _____. Infâncias perdidas. Rio de Janeiro: Xenon, 1990a.
- _____. Internato de menores: educar para (de)formar? Fórum Educacional, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 50-76, mar./maio 1990b.
- _____. Menor em tempo de maioridade. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993a. (Série Estudos e Pesquisas, 6)
- _____. Do internato à prisão: trajetória inevitável? Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993b. (Série Estudos e Pesquisas, 7)
- ASSMANN, Hugo. Clamor dos pobres e "racionalidade" econômica. São Paulo: Paulinas, 1990.
- _____. Desafios e falácias: ensaios sobre a conjuntura atual. São Paulo: Paulinas, 1991.
- _____. Crítica à lógica da exclusão: ensaios sobre economia e teologia. São Paulo, Paulus, 1994a.
- _____. Cidadania: crítica à lógica da exclusão. Vida Pastoral, p. 7-12, set./out. 1994b.
- BLANCK, J. Guillermo. Teoría y método para una ciencia psicológica unificada. In: SIGUÁN, Miquel (Coord.) Actualidad de Lev S. Vigotski. Barcelona: Anthropos, 1987.

- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- BIDDLE, Bruce J. ; ANDERSON, Donald S. Teoria, metodos, conocimiento e investigacion sobre la enseñanza. In: WITTROCK, Merlin C. (Org.) La investigación de la enseñanza I. Enfoques, teorías y métodos. Barcelona, Paidós, 1989.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, P. ; CHAMBOREDON, T. C. ; PASSERON, S. C. El oficio de sociólogo. 15 ed. Madrid: Siglo XXI, 1993.
- BRASIL. Ministério da Ação Social. Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto do adolescente e da criança. Porto Alegre, 1990.
- CAMPOS, Angela V. D. de S. O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 1985.
- ELKONIN, Daniil B. Psicología del juego. Madrid: Visor, 1980.
- ERICKSON, Frederick. Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTROCK, Merlin C. (Org.) La investigación de la enseñanza II. Métodos cualitativos y de observación. Barcelona, Paidós, 1989.
- EVERTSON, Carolyn M.; GREEN, Judith L. La observación como indagación y metodo. In: WITTROCK, Merlin C. (Org.) La investigación de la enseñanza II. Métodos cualitativos y de observación. Barcelona, Paidós, 1989.

FERREIRA, Nilda Teves. Meninos de rua: um desafio para a escola. Em Aberto, Brasília, ano 13, n. 53, p. 85-93, jul./set. 1993.

FIERRO, Alfredo. Desenvolvimento da personalidade na adolescência. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro (Orgs.) Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Relações sociais na adolescência. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro (Orgs.) Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, Cláudia. O internato do pobre: Febem e a organização doméstica em um grupo porto-alegrense de baixa renda. Temas IMESC, Sociedade, Direito, Saúde, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 21-39, 1987.

_____. Pais e filhos na família popular: início do século xx. In: D'INCAO, Maria Angela. (Org.) Amor e família no Brasil. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. Criança, família e desigualdade social no Brasil. In: RIZZINI, Irene et al. A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.

_____. Antropologia, educação e cidadania. Revista do GEEMPA, Porto Alegre, n. 3, p. 75-83, mar. 1994.

_____. O dilema da adoção na sociedade de classes. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FEMININO E MASCULINO IGUALDADE E DIFERENÇA NA JUSTIÇA. Porto Alegre, Themis - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero, 1995.

_____. Caminhos da adoção. São Paulo: Cortez, 1995.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Vigiar e punir. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau, 1996.

- FRAGO, Antonio Viñao. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. Historia de la Educacion. n. 12-13, p. 17-74, 1993/94.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GADOTTI, Moacir (Org.) Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Instituto Paulo Freire: Brasília, DF: UNESCO, 1996.
- GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. A representação do eu na vida cotidiana. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. Estigma. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GOLDMANN, L. Ciências humanas e Filosofia. 8 ed. São Paulo: DIFEL, 1980.
- GUIRADO, Marlene. A criança e a Febem. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- _____. Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono. São Paulo: Summus, 1986.
- IGREJA METODISTA. Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista. 2 ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1996.
- JAPIASSU, Hilton Ferreira. Introdução ao pensamento epistemológico. 6 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

- LIMA, Roni. 64% das crianças do país são pobres. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 jul. 1995. Cotidiano, p. 1.
- LOWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARRE, Jacques Léon. História de vida e método biográfico. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 3, n.3, p. 89-141, jan./jul. 1991.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- PALACIOS, Jesús. Reflexiones en torno a las implicaciones educativas de la obra de Vigotski. In: SIGUÁN, Miquel (Coord.) Actualidad de Lev S. Vigotski. Barcelona: Anthropos, 1987.
- _____. O que é a adolescência. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- PEREIRA, Miquel Pérez. Vigotski y la psicología dialéctica. In: SIGUÁN, Miquel (Coord.) Actualidad de Lev S. Vigotski. Barcelona: Anthropos, 1987.
- PETITAT, André. A escola e a produção da sociedade. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 21-30, jul./dez. 1989.
- _____. Produção da escola/ produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PIAGET, Jean. Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- PINHEIRO, José Pedro. Breve histórico do Lar Metodista. Santa Maria, Lar Metodista, 1984.

- RIBEIRO, R. J. (org.) Recordar Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RIBEIRO, Rosa; SABÓIA, Ana Lúcia. Crianças e adolescentes na década de 80: condições de vida e perspectivas para o terceiro milênio. In: RIZZINI, Irene et al. A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- RIZZINI, Irene; CARVALHO, Sandra de Almeida; RIZZINI, Irma. Instituições para menores: a quem serve? Espaço, Rio de Janeiro, n. 10, p. 103-122, dez. 1984.
- RIZZINI, Irene. A internação de crianças em estabelecimentos de menores: alternativa ou incentivo ao abandono? Espaço, Cadernos de Cultura USU, Rio de Janeiro, n. 11, p. 17-38, jul. 1985.
- RIZZINI, Irene; ALTOÉ, Sônia. Sobre as relações afetivas nos internatos para menores. Espaço, Cadernos de Cultura USU, Rio de Janeiro, n. 11, p. 111-128, jul. 1985.
- RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. Menores institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa na década de oitenta. In: FAUSTO, Ayrton; CERVINI, Ruben (Orgs.) O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez, 1992.
- RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. A (des)integração na América Latina e seus reflexos sobre a infância. In: RIZZINI, Irene et al. A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- RIZZINI, Irma. A assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993a. (Série Estudos e Pesquisas, 4)
- _____. O elogio do científico. In: RIZZINI, Irene et al. A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993b.

- ROSSETTI, Fernando. Freire e Axé ensinam crianças a sonhar. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 out. 1996. Cotidiano, p. 8
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe. 43. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- SHEPTULIN, A. P. El metodo dialectico de conocimiento. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1983.
- TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. Introducción a los metodos cualitativos de investigación. Buenos Aires: Paidós, 1986.
- TEPLOV, R. M. Aspectos psicológicos de la educación artística. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L. S. Psicología y pedagogia. Madrid: Akal, 1986.
- THIOLLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. 3 ed. São Paulo: Polis, 1982.
- VAN DER VEER, René. El dualismo en psicología: un análisis vigotskiano. In: SIGUÁN, Miquel (Coord.) Actualidad de Lev S. Vigotski. Barcelona: Anthropos, 1987.
- VIOLANTE, M. L. O dilema do decente malandro: a questão da identidade do menor FEBEM. São Paulo: Cortez, 1984.
- VYGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, Editora da Universidade de São Paulo, 1988a.
- VYGOSTSY, L. S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- _____. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VYGOTSKI, L. S. A formação social da mente. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WALKER, Robert. La realizacion de estudios de casos en Educacion: etica, teoria y procedimientos. In: DOCKRELL, W. B. ; HAMILTON, David. Nuevas reflexiones sobre la investigacion educativa. Madrid: Narcea, 1983.